

DINÁ SCHMIDT

Múltiplas Trajetórias Dentro do Partido dos
Trabalhadores (Santa Helena-PR): Militâncias e Memórias

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora do Programa de Pós
Graduação em História-Unioeste, sob
orientação da Prof^ª Dr^ª Geni Rosa
Duarte.

Marechal Cândido Rondon, março 2014

Resumo

Considerando o momento vivido pela política brasileira, que há doze anos abriga um governo petista, este trabalho propõe uma reflexão sobre uma face menos visibilizada do Partido dos Trabalhadores. Observando que os holofotes da política enfatizam personagens que ocupam cargos de governo ou de gestão do próprio partido político, objetivo com este trabalho dialogar com militantes que ajudaram a construir tanto a proposta quanto a instituição partidária. Assim como contribuíram para a capilarização das ideias e da legenda do Partido dos Trabalhadores em lugares distantes dos centros políticos do país, e que foram essenciais para o fortalecimento e ascensão partido. Para tal empreendimento, tomo como objeto de estudo sujeitos que militaram pelo PT do município de Santa Helena-PR, entre 1980 e 2013. A partir de depoimentos orais estabeleço reflexões sobre suas trajetórias enquanto militantes, buscando compreender como e porque se inseriram no PT, como se desenrolaram suas experiências militantes e os sentidos que atribuem a elas a partir de suas narrativas no presente. Além da importância residente na trajetória de cada militante como sujeito participante do processo histórico político brasileiro, o conjunto delas ajuda a redirecionar a reflexão do centro político para as “periferias”, igualmente importantes para uma análise aprofundada sobre o espectro político atual.

Palavras-chave: Partido dos Trabalhadores; Militantes; Memórias;

Abstract

Multiple trajectories within the Workers' Party (Santa Helena-PR): militancy and memories.

Considering the moment experienced by the Brazilian politics, which has housed a PT (Workers Party) government for the last 12 years, this paper proposes a reflection on a less visualized face of the Workers Party. The spotlight of politics emphasizes characters that hold positions of government or management of the political party. Therefore, the aim of this work is to dialogue with militants who helped to build the proposal as well as the partisan institution, and contributed to spread the Workers Party's ideas and label as far away from the political centers of the country. These militants were essential for the strengthening and rising of the political party. The objects of study for this project are militants that campaigned for the PT in the city of St. Helena-PR from 1980 to 2013. From oral testimony, the paper reflects on their careers as activists, trying to understand how and why they were inserted in the PT, how they developed their militant experiences, and the meanings they attributed to these experiences through their narratives. Besides the importance of the trajectory of individual militants as participant in the Brazilian political history process, the set of all these trajectories helps to redirect the reflection of the political center for the "peripheries", equally important for a thorough analysis of the current political spectrum.

Key Words: Workers Party; Militants; Memories.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Cap. 01– O PT no panorama político de Santa Helena e diálogo com outras instituições	27
1.1 Panorama político de Santa Helena e a inserção do PT.....	27
1.2 O PT e suas relações com outras entidades	36
1.2.1 A ACULT como mediadora entre o PT e outros grupos político	36
1.2.2 ACULT e sua atuação no município de Santa Helena.....	38
1.2.3 AMPAS e o PT.....	44
Cap. 02 – Um partido, múltiplas trajetórias.....	54
2.1 Paulo Schneider.....	54
2.2 Iolanda Lourdes Alves.....	61
2.3 Ricardo Finger.....	65
2.4 Jerry Antonio Dotto.....	71
2.5 Alair Paludo.....	79
Cap. 03 – Novos projetos e velhos sonhos: a relação dos militantes com as mudanças do projeto petista.....	87
3.1 Carta de Princípios.....	88
3.2 Declaração Política.....	93
3.3 Carta ao Povo Brasileiro.....	97
3.4 As mudanças de projeto do PT na narrativa de seus militantes.....	100
Considerações Finais.....	113
FONTES.....	115

BIBLIOGRAFIA.....117

Introdução

A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo compreender e problematizar as trajetórias de membros do Partido Trabalhadores (PT) do município de Santa Helena, localizado no extremo Oeste do Paraná, as margens do Lago de Itaipu, entre 1980 e 2013. A partir da realização de entrevistas orais, em diálogo com fontes escritas produzidas pelo partido, busco perceber nas narrativas desses sujeitos como suas experiências militantes compõem suas histórias de vida e como constroem suas identificações com o Partido dos Trabalhadores.

O interesse por esse objeto dialoga com o atual momento histórico, no qual o Partido dos Trabalhadores atingiu, em âmbito nacional, uma projeção significativa a partir da conquista da presidência da república nas últimas três eleições (2002, 2006 e 2010). Dialoga-se com a perspectiva de que essa projeção tem se dado em três direções: a institucional, projetando o Partido; em torno de membros com maior visibilidade pública a partir de postos assumidos no governo petista; e em torno do ex-presidente Lula, com a construção de um mito pessoal em torno de sua trajetória.

Sem negar a importância de discutir esses três eixos, a proposta desta pesquisa é colocar em pauta as trajetórias de pessoas que contribuíram para a construção e ascensão do partido e do projeto petista, mas não ganharam projeção política ou social. Assim, este trabalho se constrói na aspiração de colaborar com um campo de estudos que compreenda a trajetória de militantes, homens e mulheres, que tiveram suas histórias de vida densamente marcadas pela participação no projeto de construção do Partido dos Trabalhadores, dedicando a ele seu trabalho e depositando nele suas aspirações.

Outra preocupação central neste trabalho é abordar a presença do PT em contextos históricos afastados do berço tradicional do partido no ABC paulista, que tem presença predominante na historiografia e outras abordagens públicas sobre a história do partido. Ao trabalhar com trajetórias de pessoas que se dedicaram a construção da legenda no município de Santa Helena espero contribuir para a pluralização do campo de estudos a respeito do tema, mostrando como o partido se ramificou pelo país. Como ele se enraizou em temporalidades históricas que traziam outras preocupações.

Este trabalho carrega também uma preocupação de cunho pessoal. Residi em Santa Helena os primeiros vinte anos da minha vida e vi pessoas da minha família, como pai e mãe, e amigos próximos fazerem parte desta história. Na convivência com essas pessoas tive a oportunidade de observar, por muitos anos, suas atividades enquanto militantes.

Ao ingressar na Universidade descobri uma nova forma possível de olhar para a História. Enquanto construía, aos poucos, os meios necessários para isso, comecei a rever minha própria trajetória e os cruzamentos dela com as trajetórias de outros sujeitos, incluso os militantes petistas com quem convivera por tanto tempo. A partir daí começou a nascer meu interesse acadêmico por esse objeto.

Esse processo de (re)descobrimto do contexto histórico onde vivera até então, sob novas luzes, me permitiu visualizar a riqueza histórica das experiências e relações construídas e vivenciadas por esses sujeitos. A proposição de que a história não é construída só por aqueles que são tidos como grandes homens, mas por todos aqueles, e aquelas, que interagem com a temporalidade histórica onde estão inseridos em função de um dado propósito, e assim modificam seu meio, superava as páginas dos livros. Agora ela materializava-se naquilo que sempre me fora tão próximo, e talvez por isso mesmo, tão difícil de perceber e estranhar para daí em diante compreender e problematizar. Desafio que está colocado para este trabalho em função da proximidade com o objeto.

O município de Santa Helena fica no extremo oeste do Paraná às margens do Lago de Itaipu, compondo os chamados municípios lindeiros ao Lago de Itaipu. Como pode ser visto nos mapas a seguir.

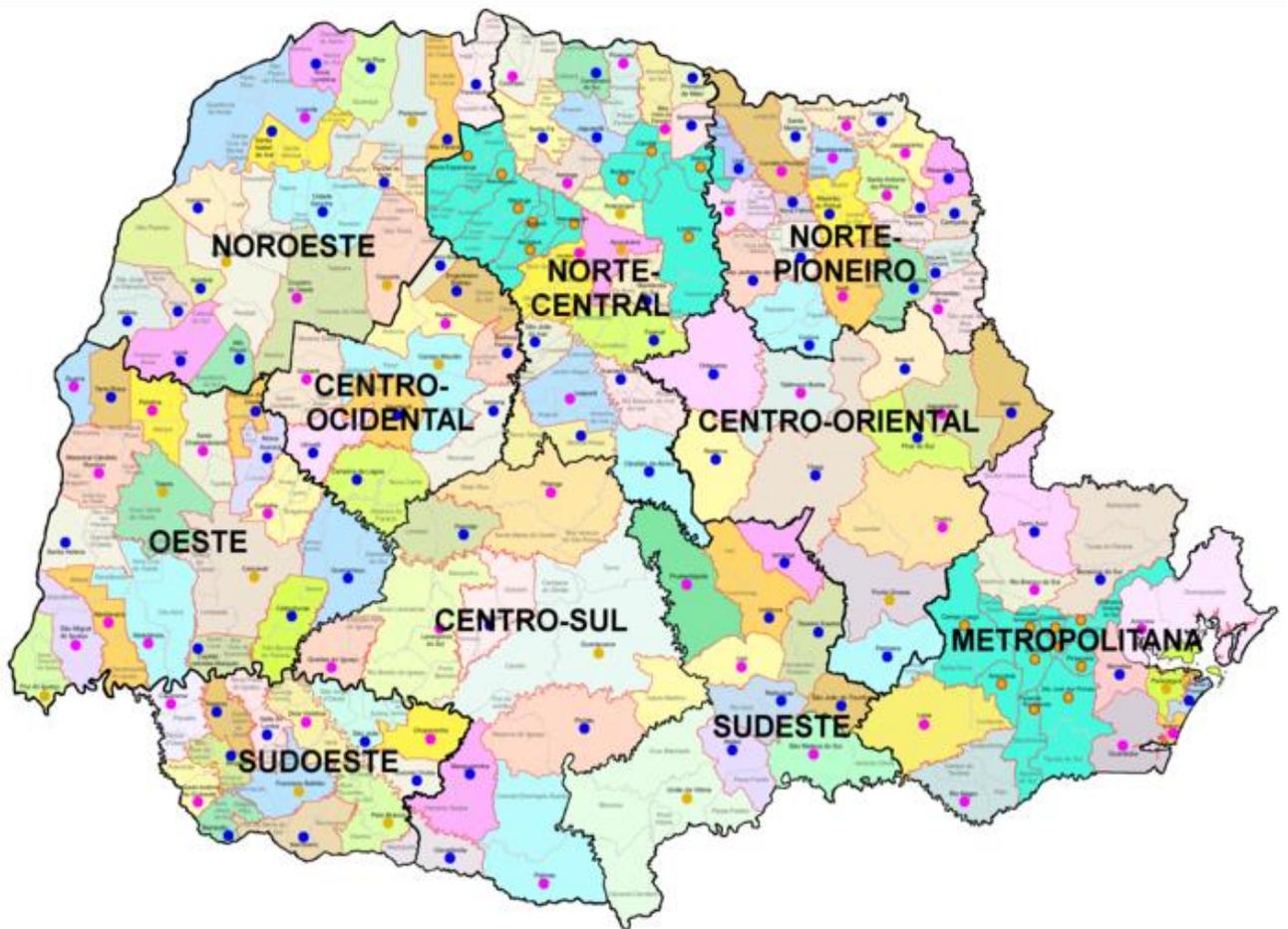


Figura 01: Mapa do Estado do Paraná. Fonte:
<http://www.planejamento.mppr.mp.br//modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2213>

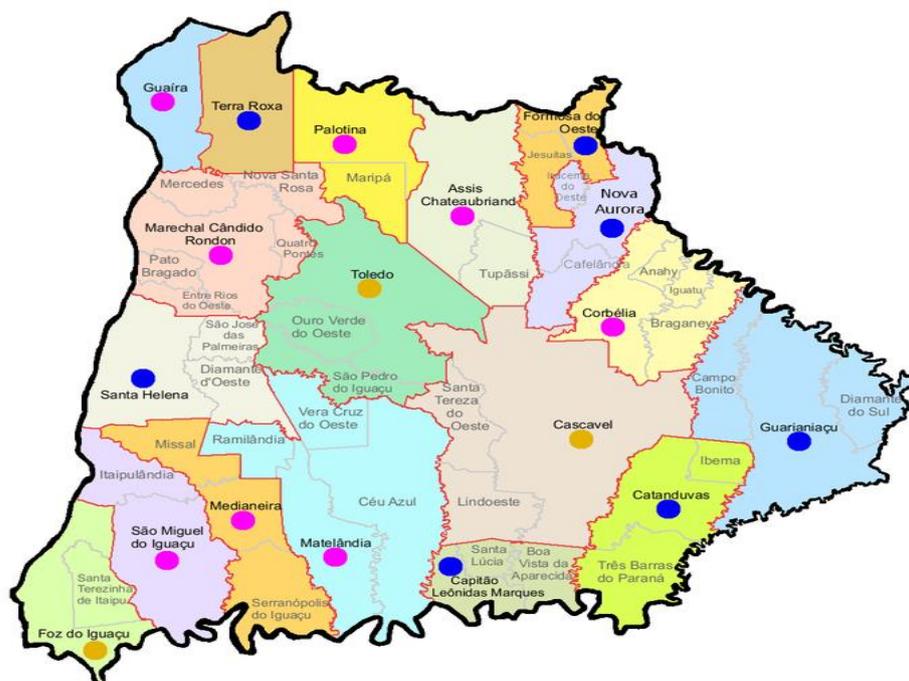


Figura 02: Mapa da Região Oeste do Paraná. Fonte:
<http://www.planejamento.mppr.mp.br//modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2213>



Figura 03: Mapa dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu.

Fonte: <http://www.lindeiros.org.br/lindeiros/>

O enfoque do discurso histórico e memorialista sobre o município dialoga com duas imagens principais a do “colono pioneiro” que “desbravou” o território, e a formação do Lago de Itaipu que gerou os royalties pagos pela Itaipu Binacional ao município como compensação pelas terras alagadas.

Como corolário estas noções trouxeram a ideia de uma história pacífica e linear. O mito do “colono pioneiro” oculta os conflitos gerados nas disputas pela terra entre colonos, colonizadora¹, indígenas e a população residual do período de extração da erva-mate.² E a presença dos royalties alimentou a imagem de cidade rica e desenvolvida, obscurecendo o processo violento de expropriação das famílias que foram

¹ Sobre os conflitos gerados pela disputa da terra no período “colonizatório” ver RADAELLI, Sonia. *“Coisa de alguém, não comum”*: conflitos pela posse da terra em Santa Helena (1960-1980). Monografia apresentada ao curso de graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2004.

² Sobre o período de extração de erva-mate ver COLODEL, Luis A. *Obrages e Companhias Colonizadoras*: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960. Cascavel: Editora Educativa, 1988.

removidas de suas terras para a formação do lago, assim como suas lutas em busca da permanência ou da indenização justa.³

Estes dois elementos são compartilhados com os demais municípios da região. O primeiro por que todos fizeram parte do projeto colonizador que visava incluir a região na Sociedade Nacional a partir do movimento denominado Marcha para o Oeste a partir da década de 1940 no contexto nacional, e a partir da década de 1950 na região. O segundo por que todos os municípios (que podem ser vistos na figura 03) que foram atingidos pela formação do lago recebem royalties, tendo formado inclusive o Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu, fundado em março de 1990 em Santa Helena. Sendo hoje presidido pelo prefeito do mesmo município, Jucerlei Sotoriva⁴.

No que diz respeito ao recorte temporal, o trabalho tem como marco inicial a década de 1980, período de formação do Partido dos Trabalhadores. Embora o diretório só tenha sido formalizado em 1988⁵, as narrativas dos sujeitos entrevistados remontam ao início da década, como o leitor poderá identificar ao ter contato com os depoimentos ao longo do trabalho.

³ Sobre este tema ver FOCHEZATTO, Anadir. *Estudo e contextualização da vida camponesa pré-Itaipu nas experiências cotidianas coletivas de luta e resistência dos expropriados*. Monografia apresentada ao curso de especialização em História Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2005. E FOCHEZATTO, Anadir. *Um estudo das experiências coletivas de resistência dos expropriados de Itaipu*. Monografia apresentada ao curso de graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2003. Ainda sobre a desconstrução deste discurso histórico linear e pacífico, ver LANGARO, Jiani F. *Para além de pioneiros e forasteiros* Outras histórias do oeste do Paraná. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

⁴ Conforme informações obtidas na página do Conselho em janeiro de 2014. <http://www.lindeiros.org.br/lindeiros/paginas.php?idmat=920>

⁵ Conforme a primeira ata registrada no dia dezessete de julho de 1988, decorrente de reunião procedida para definição do primeiro diretório municipal composto pelos seguintes membros:

Presidente: Valdomiro Schmidt; Vice-presidente: Valdir Luiz Rossoni; Secretário Alceu Gateli; Tesoureiro: Nelson Antonio Giroto; Suplentes: Atílio Grzegozeski e Francisco Marcon. DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PT DE SANTA HELENA. *Ata 01/1988*. Santa Helena, 1988.

O limite do recorte temporal estende-se até 2013 por dois motivos, primeiro porque algumas pessoas continuam em suas atividades de militância, alguns com mais e outros com menos afinco, de acordo com suas trajetórias específicas. Segundo, porém não menos importante, por que as narrativas dos depoentes são construídas a partir do presente em que narram, como lembra Yara Khoury:

Nas entrevistas estamos no espaço e no tempo de nossos entrevistados. Eles narram a partir de seu próprio presente, trazendo experiências passadas. Nesse sentido, nosso exercício é compreender não um passado dado, mas os significados atribuídos a esse passado no momento presente dessas pessoas.⁶

A advertência feita pela autora coloca a importância de tomar a narrativa como um enredo construído pelo sujeito no momento da sua fala em função de suas preocupações presentes, que incluem suas atuais posições políticas e sociais, assim como o relacionamento, harmonioso ou conflituoso, que o entrevistado tem com o seu passado.

A opção pela produção de narrativas a partir da história oral está diretamente ligada às características do objeto de pesquisa. Ao buscar compreender e problematizar as experiências e os significados que os sujeitos constroem em torno delas, documentos expedidos pelo partido e materiais impressos de divulgação não seriam satisfatórios. Embora atendam a outras questões e contribuam com a construção do trabalho, essas fontes não poderiam atender sozinhas aos meus objetivos com tanta propriedade quanto quando aliadas as narrativas orais.

Foram realizadas nove entrevistas abrangendo pessoas que ainda se encontram radicadas ali e se dispuseram a falar. Ficaram de fora desta seleção algumas pessoas que eram muito próximas a mim na esfera pessoal, e que por este motivo não me sentia à vontade para trazê-las para um trabalho acadêmico e nem mesmo para esmiuçar suas histórias de vida. Considerando também que seria uma tarefa complicada separar as informações obtidas na convivência com o que seria compartilhado na entrevista, podendo assim desrespeitar os limites impostos pelo entrevistado. Se por um lado isso

⁶ KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.) *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 20 06. Pg.31

pudesse soar como uma oportunidade de aprofundar análises, por outro poderia esbarrar em uma postura antiética em relação ao depoente.

Houve também recusas de alguns convidados a dar entrevista por terem se desligado do partido de forma conflituosa. No ano de 2004 houve um desentendimento interno a respeito do posicionamento do partido nas eleições daquele ano. Na ata 015/2004 referente à convenção do partido, realizada no dia vinte e três de maio de 2004, consta o embate de duas posições: de uma candidatura própria no pleito municipal versus realização de coligação com o PMDM, na qual o PT indicaria o candidato a vice-prefeito.

Tendo sido vitoriosa a proposta de uma candidatura própria, afirmando como pré-candidato a prefeito o filiado Alair Inácio Paludo, ainda sem indicação de quem ocuparia a vaga de vice-prefeito na chapa, José Alberto Koserski recorreu da decisão da convenção municipal ao Diretório Estadual do partido⁷. Com o indeferimento do recurso o filiado responsável por ele e outros que apoiavam esta posição ou estavam insatisfeitos com a não coligação se desligaram do partido.

No que diz respeito a utilização de narrativas orais, é preciso lembrar que a escolha de fontes, seja qual for sua categoria ou linguagem, nunca é um processo natural ou neutro, sendo sempre permeado por escolhas e juízos do pesquisador. Tratando das fontes orais, Alessandro Portelli nos adverte para suas peculiaridades, com implicações tanto acadêmicas quanto política, inerentes a essa escolha:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.⁸

⁷ Conforme ofício 408/2004, enviado pelo Diretório Estadual ao Diretório Municipal noticiando a recusa do recurso enviado pelo filiado José Alberto Koserski a respeito da definição, em convenção municipal do Partido dos Trabalhadores de Santa Helena, de lançar candidatura própria com o nome de Alair Inácio Paludo à prefeitura municipal. EXECUTIVA DO PT DO PARANÁ. *Ofício 408/2004*. Curitiba, 2004.

⁸ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997a. Pg. 31.

Outra peculiaridade a que se refere Portelli diz respeito a quem tem a oportunidade de falar a partir da história oral, ou talvez, seja mais apropriado dizer a quem temos a oportunidade de ouvir a partir da história oral. Já que todo sujeito está constantemente construindo seu presente, e a partir dele reconstruindo seu passado, independente de estarmos lá para ouvir e observar ou não. Neste ponto residem, de maneira mais enfática, as implicações políticas de fazer história oral.

Alessandro Portelli chama a atenção para essa característica ao definir quem são os sujeitos históricos que têm oportunidade de falar, e serem ouvidos pelos historiadores, a partir da história oral:

A história oral não reside onde as classes operárias falem pro si próprias. A afirmação contrária, naturalmente não seria totalmente infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daquelas da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes. Fontes orais são condições necessárias (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de modo nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.⁹

Portanto, a escolha da história oral também está relacionada com a opção de ouvir aqueles para quem, até agora, a História tem dado pouca atenção. Protagonistas de um processo histórico de grande importância na conjuntura histórica atual do país, mas que têm sido deixados nos bastidores em função de uma ênfase naqueles que podem se fazer ouvir por outros meios, e em alto e melhor som.

A consciência de que a opção pela História Oral tem implicações científicas e políticas que nascem da construção desta escolha, mantém esta pesquisadora sob aviso. Tanto em relação aos cuidados que se fazem necessários para não cair em armadilhas apresentadas pelas fontes, quanto para atingir com a maior plenitude possível as possibilidades oferecidas pelas narrativas.

⁹ Ibidem. Pg.37.

Embora, como frisei a cima, compartilhe da premissa de que todo sujeito está constantemente (re)organizando seu passado, independente de nós historiadores estarmos lá para ver e ouvir, é preciso registrar que a partir do momento em que nos fazemos presente esse processo ganha mais uma variável. Como advertem Portelli¹⁰ e Khoury¹¹, a entrevista é sempre um encontro. Um encontro entre sujeitos que ocupam determinados lugares sociais e políticos, imbuídos de uma experiência histórica e subjetividade que lhes são próprias. No processo de produção da entrevista, o diálogo se constrói por meio dessas variáveis. Assim, o entrevistado organiza sua narrativa, articulando experiências e memórias, também em função daquilo que ele quer dizer para seu interlocutor, do que ele acha que o interlocutor sabe e quer saber.

Para um tratamento adequado da fonte oral é imprescindível dialogar com apontamentos sobre a construção da memória, como adverte Portelli:

...o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para um historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.¹²

Esse processo de criação de significações de que nos fala Portelli não se dá ao acaso. Ocorre em função de uma série de variáveis que se articulam entre o presente e o passado do sujeito, necessariamente nessa ordem, visto que é o presente que evoca o passado e lhe atribui forma e significado de acordo com suas demandas.

Esse conjunto de variáveis a que me refiro se projetam a partir de um campo de significados construído socialmente, com imbricações no político, no social, no econômico, e claro, no individual. Essa relação íntima entre a recordação, mesmo que

¹⁰ Ibidem. Pg.8.

¹¹ KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.) *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

¹² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997a. Pg. 33.

ela seja de foro individual, e o coletivo a que pertence o indivíduo, foi exaustivamente discutida por Halbwachs.

Tecendo um diálogo entre a sociologia e a psicologia, Halbwachs define a relação entre o coletivo e o individual no processo de recordar com as seguintes afirmações:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece por que jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.¹³

Considerando as proposições do autor e refletindo sobre a problemática de pesquisa que me proponho discutir, destaca-se a necessidade de atentar para os constructos da memória a partir da inserção do sujeito no Partido. Mesmo questões que não estejam diretamente relacionadas à militância podem ser lembradas a luz de referências que foram construídas na carreira militante. Assim como muitas leituras sobre seus envolvimento políticos, podem ser permeadas por referências que foram construídas em outros grupos, distantes do Partido

Convém demarcar ainda, para finalizar a discussão, o alerta emitido por Ecléa Bosi ao tratar especificamente sobre memória política:

...a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível. Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a.¹⁴

Ao advertir sobre essa especificidade da memória de pessoas ligadas a política, Bosi remete ao reconhecimento de que como militantes de um Partido, e logo de uma causa, a narrativa desses sujeitos se constrói em torno de pressupostos

¹³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. Pg. 30.

¹⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: memória de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. Pg.453.

ideológicos especialmente fortes. Pressupostos que podem ter se mantido os mesmos, e reforçarem leituras sobre determinados processos, ou podem ter se modificado, transformando a maneira como os sujeitos avaliam e narram sua experiência.

Isso nos remete, também, a outro aspecto. Enquanto militantes esses sujeitos podem tender à construção de uma narrativa que passe uma determinada imagem de si mesmos ou do Partido, dimensionando suas falas a uma determinada imagem pública que se quer construir sobre um ou outro.

Utilizo também fontes escritas referentes ao Partido dos Trabalhadores. Inserem-se neste corpo documentação produzida pelo diretório municipal do partido, e entidades relacionadas a ele como livros atas e ofícios. Assim como documentos que remontam a fundação do partido no ABC paulista e que auxiliam na construção do perfil de partido ao qual se engajaram os sujeitos aqui entrevistados.

Convém ainda uma breve discussão sobre os parâmetros teóricos que norteiam esta dissertação enquanto um processo de produção de conhecimento histórico. A construção do conhecimento, na História, parte da tomada de um fato histórico sob a perspectiva de problema. Poderíamos pensar, facilmente, que a influência do pesquisador começa com a formulação do problema. Mas, como adverte Adam Schaff¹⁵, a definição do fato histórico insere a dimensão subjetiva no trabalho do historiador desde o princípio.

A vastidão de acontecimentos que deixamos atrás de nós, no desenrolar da trajetória humana no mundo, não é, a priori, vastidão de fatos históricos. O que define o acontecimento como fato histórico “... [é o] contexto desse acontecimento, [...] suas relações com outros acontecimentos considerados no encadeamento da causalidade e da finalidade.”¹⁶ A leitura do contexto e a definição destes encadeamentos podem ser estabelecidas de formas diferentes por diferentes sujeitos. Logo, a definição do fato histórico é subjetiva.

A subjetividade da definição do fato histórico, assim como de seu tratamento na pesquisa, deriva da presença imprescindível de um sujeito que conhece. Esta subjetividade não se define pela ausência de critério ou de postura ética diante do

¹⁵ SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹⁶ *Ibidem*, pg.219.

exercício de historiar. Schaff define a “boa subjetividade”, que considera a postura do sujeito que conhece, mas respeita o distanciamento das causas pessoais e o respeito pela verdade histórica. Esta verdade é mais completa e legítima a partir da produção coletiva do conhecimento:

A solução consiste pois em passar do conhecimento individual ao conhecimento considerado como um processo social. O conhecimento individual é sempre limitado e agravado pela influência do fator subjetivo; verdade parcial, só pode ser relativa. Em contrapartida, o conhecimento considerado à escala da humanidade, concebido como um movimento infinito pela formulação de verdades mais completas, mais cheias, é consistindo em ultrapassar os limites das verdades relativas um processo tendendo para um conhecimento integral.¹⁷

Edward Thompson auxilia na reflexão sobre os procedimentos que permitem a produção do conhecimento histórico dentro de parâmetros de verdade peculiares a nossa disciplina. Sua formulação de uma “lógica histórica” aponta um posicionamento teórico diante da produção do conhecimento histórico, que é acatado na produção desta pesquisa:

Por lógica histórica entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar procedimentos auto confirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas de um lado, e a pesquisa empírica, do outro.¹⁸

Além dos procedimentos individuais do pesquisador, Thompson também recorre a uma instância coletiva de autocrítica e validação do conhecimento histórico, o “tribunal de recursos”. Este é composto pela coletividade dos estudiosos que constantemente submetem à crítica e à reflexão as produções do campo historiográfico.

Ainda no diálogo com Thompson, considerando que a construção da problemática de pesquisa dialoga com seu conceito de “experiência”, são pertinentes também as proposições elaboradas por esse autor sobre este conceito.

Para Thompson, a experiência se define como o conjunto de ações que se dão em um determinado contexto histórico diacrônico e constroem a consciência dos homens e de grupos, especialmente da classe.

¹⁷ Ibidem, pg.286.

¹⁸ THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Tradução: Waltensir Dutra, 2009. Pg.57

Assim, a experiência se constrói em um diálogo entre a base material, que condiciona a vida dos sujeitos, e os constructos culturais que permeiam o tempo e espaço de vivência do grupo, e que condicionam igualmente suas experiências. Essa dinâmica de diálogo entre as duas dimensões, que não devem ser vistas como apartadas, indicam a posição irreduzível de Thompson que afirma que o econômico, de modo algum, se sobrepõe a cultura, como quiseram muitos marxistas:

... o que muda, assim que o modo de produção e as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres existentes (...) a transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma ‘superestrutura’ correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas ideias e valores humanos e de serem questionadas nas ações e crenças humanas.¹⁹

Essa proposição do autor deixa claro sua preocupação em colocar o que foi, tradicionalmente, definido como base e superestrutura como partes igualmente importantes no processo de construção da experiência. Embora alertasse constantemente para a importância da cultura na constituição da experiência dos indivíduos e grupos, não aceitou a taxação de culturalista, destacando que a base material permanecia extremamente importante:

... [os sujeitos agem] não como sujeitos autônomos, ‘indivíduo livre’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.²⁰

Considerando as proposições de Thompson, compreende-se que o sujeito se constitui ao passo que molda seu contato com o mundo a partir da construção de sua experiência. Assim, para os termos desta pesquisa, compreende-se que os sujeitos construíram suas experiências a partir de diversas variáveis que agem de forma relacional.

Para concluir a introdução apresento um breve apanhado sobre a formação do PT em seu berço clássico, o Abcd paulista. Isso será feito por meio de trabalhos que se dedicam ao estudo deste tema. Este exercício se propõe a informar o

¹⁹ THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

²⁰ Idem. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

leitor sobre a história do Partido dos Trabalhadores, importante personagem neste trabalho, mas principalmente a ajudar a caracterizar quem é este partido que se colocou como espaço de luta para os sujeitos protagonistas desta proposta de estudo.

Rachel Meneguello e Isabel Ribeiro de Oliveira, autoras de estudos relevantes sobre o tema, citados na maioria dos artigos e trabalhos acadêmicos que dialogam com a questão, apontam os movimentos sindicais da década de 1970 como nascedouro das discussões que resultariam na formação do Partido dos Trabalhadores. Segundas ambas o espaço de mobilização criado nas ações sindicais colocou a necessidade da formação de um partido em pauta, assim como agregou a classe trabalhadora em torno da questão.

De acordo com Meneguello os movimentos sindicais da década de 1970 foram desencadeados pelos efeitos que o crescimento econômico desordenado daquele período teve na vida dos trabalhadores. Precarização das condições de trabalho, crescimento da população de trabalhadores industriais, discrepância entre o crescimento da produtividade e dos salários e o controle do governo sobre os salários e as estruturas sindicais.²¹

Este movimento, que ficou conhecido como Sindicalismo Autêntico, se diferenciava, segundo a autora, dos movimentos sindicais anteriores a 1964 por três quesitos. A modernização do setor produtivo que abrigava os operários a partir do desenvolvimento das indústrias metalúrgica e automobilística; busca de autonomia do movimento operário frente a outros atores sociais; e a exclusão do Estado como mediador de transformações na sociedade com base em uma ideologia nacionalista, substituída pela reivindicação de um sistema político democrático e liberdade sindical.

A mobilização sindical ganhou força e tornou-se um movimento social mais amplo a partir das greves de 1978, 1979 e 1980. De acordo com Meneguello e Oliveira a experiência de luta dos sindicalizados e o confronto com as amarras colocadas pela ditadura, assim como pela estrutura sindical atrelada ao governo, que já vinha de antes do período militar, colocou em pauta a necessidade de expandir suas reivindicações para além de questões salariais e de direitos trabalhistas, atingindo assim um patamar mais amplo de discussão política:

²¹ MENEGUELLO, R. PT *A formação de um partido 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

As greves que se seguiram nos anos de 1979 e 1980, propagadas para outras regiões e outras categorias, foram fundamentais para que o novo sindicalismo adquirisse o papel de *força política*. Tais greves, ao combinar a reivindicação pela transformação do sistema das relações de trabalho e a demanda pela democratização do sistema político, atingiram elementos novos no cenário de luta político-sindical, que tinham como ponto comum o sentimento autoritário, fundado nos então quinze anos de regime militar.²² (grifo no original)

Teones França, em seu livro *Novo Sindicalismo no Brasil*, também aponta a preocupação do Novo Sindicalismo em forçar a reestruturação do sistema sindical em busca de liberdade de ação política por parte de classe trabalhadora, sem a tutela do Estado. Tal preocupação pode ser identificada neste fragmento do terceiro congresso do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ocorrido em 1978, apresentado por França:

Na verdade o avanço da organização do trabalhador na luta em defesa de seus mais legítimos interesses é borrado por uma estrutura sindical que foi justamente montada, há mais de quarenta anos, com esse objetivo: impedir a organização da classe trabalhadora independentemente da tutela do Estado. Em benefício do capitalismo montou-se a estrutura sindical brasileira. O preço pago pela classe trabalhadora será, entre outros, a perda de sua autonomia de organização.²³

Após três anos de greves e de utilização de estratégias de ação diretamente ligadas aos sindicatos, com pouco retorno em suas reivindicações, começou a fazer-se presente a possibilidade de expandir o campo de lutas para além do setor sindical. O apelo de mobilização das greves também trouxera outras categorias assalariadas, com menor atrelamento de suas entidades representativas ao Estado, para dentro do movimento, agregando força a ele. De acordo com Meneguello esses dois elementos alimentaram a aspiração por uma nova estratégia de atuação: um partido popular, onde a classe trabalhadora poderia colocar suas próprias pautas e disputar um espaço maior na política institucional.

Para Oliveira havia ainda outras motivações que, gradualmente, foram tornando a ideia de um partido popular mais consistente e plausível. Como o peso das eleições

²² Ibidem. p. 46.

²³ SINDICATO DE METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Resolução do 3º Congresso do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo*. São Bernardo do Campo: 1978. apud FRANÇA, Teones. *Novo sindicalismo no Brasil Histórico de uma desconstrução*. São Paulo: Cortez, 2013, p.99.

para o congresso, a opção que fora feita por formas legais de luta, assim como a adesão do movimento sindicalista aos valores democráticos²⁴.

O projeto de um partido popular cobria tanto o anseio de luta pelas questões trabalhistas e sociais, como colocava um horizonte de reinserção dos trabalhadores no plano do exercício da política institucional, de onde tinha estado completamente alijados desde 1964. Com a distensão do regime e a reforma partidária que recolocava o pluripartidarismo, a partir de 1979, isso se colocava como uma opção efetiva.

Este partido popular, de acordo com Oliveira, deveria ser um partido novo, nascido da mobilização da classe trabalhadora. Partidos antigos, como o PTB, que tinham algum tipo de vínculo ou discurso em relação à classe trabalhadora não eram bem vistos para ocupar este espaço, por trazerem consigo a velha fórmula de ação sindical atrelada ao Estado, que já era vigente antes do regime militar quando estes partidos eram atuantes. Já o MDB era caracterizado como “criado de cima para baixo”, por tanto não podia ser um partido democrático. Estava comprometido com o regime militar, pois fazia parte de sua estrutura, mesmo que como oposição. Por fim, compreendia um espectro muito amplo de posicionamentos políticos. Mesmo tendo membros que se identificavam com a classe trabalhadora, abrigava também outras classes, o que corromperia o princípio de autonomia que um partido popular deveria ter.²⁵

Outro terreno que cultivava a semente de um partido popular na década de 1970 era o dos movimentos sociais ligados a Igreja Católica. A mesma região que abrigou as fortes lutas sindicais alimentava também uma mobilização social por meio da igreja. Desde o fim da década de 1960 a Igreja Católica latino-americana oficialmente de posicionara a favor dos “pobres”, na luta contra os “opressores”:

No nível hierárquico, essa posição foi tomada durante as reuniões do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) ocorridas nas cidades de Medellín, em 1968 e Puebla, em 1979, as quais tinham como objetivo inicial discutir as mudanças do Concílio Vaticano II para a realidade da sociedade e da Igreja Latino-Americana. Logo, as discussões dessas reuniões tiveram como resultado, a consagração pela maioria da hierarquia da igreja do subcontinente da “opção preferencial pelos pobres”, na qual a Igreja

²⁴ OLIVEIRA, Isabel R. *Trabalho e Política* As origens do Partido dos Trabalhadores. Petrópolis: Vozes, 1987. P.118.

²⁵ *Ibidem*. P.119-120.

se comprometia com a luta do “pobre” em sua efetiva organização e libertação, além de apoiá-lo na construção de uma sociedade baseada na justiça e na liberdade.²⁶

A Igreja Católica reconheceu, acolheu e motivou movimentos sociais dentro de suas instituições. A instituição e seus fiéis assumiram a ideia de que a sociedade hierarquizada e opressora que se colocava era fruto de um processo de dominação e exploração, que deveria ser contra-atacado por aqueles que eram vitimados por ela. Assim espaços destinados ao exercício da fé passaram a serem também espaços de formação e ação política. Machado mostra que este movimento teve raízes fortes na região do ABCD paulista e que suas lutas se alinhavam a dos sindicalistas, na medida em que compartilhavam membros e colocavam o mesmo anseio por um partido popular.

Espaços como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), o Movimento do Custo de Vida, Movimento de Saúde, Pastoral Operária, Juventude Operária Cristã e outros, foram sendo construídos por meio de sociabilidades religiosas e se tornando espaços que abrigavam debates e ações em torno de questões que descontentavam seus membros, provenientes massivamente da classe trabalhadora. Questões que iam desde problemas pontuais dos bairros onde moravam, até a contestação do aumento do custo de vida, dos baixos salários, das condições de trabalho dos operários e etc.

As discussões e mobilizações que se construíram e manifestaram dentro destes espaços também fomentaram a ideia de que era necessário um partido que efetivamente representasse as pessoas e causas que residiam ali. De acordo com Machado, o mesmo repúdio que existia no movimento sindical aos partidos tradicionais, mesmo os que se colocavam como defensores dos trabalhadores, também estava presente nos debates sobre representação político-partidária nos movimentos sociais católicos.

Os partidos e pessoas que se colocavam como herdeiros da tradição trabalhista de Getúlio Vargas e João Goulart, como o PTB e o PDT, eram tidos como populistas e não como populares, por estarem ligados à tradição nacionalista e corporativista de seus antecessores. O MDB estaria impedido de ser este partido por que abrigava dentro de si uma variedade muito grande de posicionamentos. Seria mais uma liga de oposição à ditadura do que um partido, pois não possuía um projeto unificado com objetivos claros.

²⁶ MACHADO, Adriano H. *Os católicos oPTaram?: os “setores católicos” e o Partido dos Trabalhadores (PT) na grande São Paulo. (1978-1982)*. Dissertação apresentada ao PPGH da PUC-SP. São Paulo, 2010. P.36-37.

Assim mesmo pessoas que se identificassem com os problemas dos trabalhadores teriam suas ações limitadas pela natureza mesclada do partido.²⁷

Era visto como necessário que o se formasse um partido novo, construído pelos próprios trabalhadores dentro de suas lutas cotidianas:

Nessa perspectiva, para o partido ser realmente popular, não bastaria que fosse apenas composto pelo “povo”, mas também dirigido pelo “povo” e não por uma pequena cúpula burocrática. Além disso, seus membros deveriam estar sempre presentes e a par dos debates acerca das temáticas discutidas pelo partido, e mais ainda, possuir uma estrutura democrática em que seus participantes pudessem criticar, propor e decidir sobre caminhos do mesmo. Desse modo seus representantes e líderes deveriam ter o compromisso de ouvir os seus núcleos de base e a obrigação de seguir as decisões tomadas pela estrutura democrática do partido.²⁸

Machado mostra, ao mesmo tempo, que as insatisfações do povo e suas ações em busca de atingir seus anseios estavam presentes em diferentes meios, as pessoas usavam das ferramentas de aglutinação e mobilização que estavam mais próximas de si, e que o anseio por um partido popular estava sendo gerado em mais de um espaço de discussão política. Tendo ambos, sindicato e igreja, contribuído para a gestação e maturação deste projeto.

Margaret Keck, em seu trabalho sobre o Partido dos Trabalhadores, também fala da importância da CEB's para a formação do partido. Em fevereiro de 1980 foi discutido abertamente a participação desta organização católica na construção do PT, e seu idealizador declarou publicamente a adesão do movimento ao novo partido e a tradição de envolvimento político de movimentos católicos:

O final de fevereiro também marcou o início da discussão pública sobre o papel das Comunidades Eclesiais de Base na organização do PT. Em entrevista à Folha de S. Paulo, Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, teólogo e organizador das CEBs, disse que, embora provavelmente ainda fosse levar tempo até que se definissem muitos aspectos da estrutura do partido e sua relação com as organizações de base (como os sindicatos e os grupos comunitários), a proposta do PT era a que mais tinha afinidade com a filosofia própria das CEBs, que era a de privilegiar a organização a partir das bases. Ele também observou que o envolvimento das CEBs na política não tinha nada de novo, pois as bases da Igreja haviam ajudado a eleger uma série de candidatos populares em 1978.²⁹

²⁷ Ibidem. P.81.

²⁸ Ibidem. P.83.

²⁹ KECK, Margaret. *A lógica da diferença*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. P. 142.

Outro fator trazido por Keck como relevante para a construção, e principalmente, solidificação do Partido dos Trabalhadores é a participação de grupos de esquerda. Segundo a autora houveram diferentes formas de inserção destes grupos na formação do PT. A Fração Operária, por exemplo, acreditava que o PT poderia se tornar um partido revolucionário, apesar de sua confusão ideológica inicial, por esse motivo diluíram seu grupo dentro do partido e passaram a militar por ele. Outros grupos, como o Movimento pela Emancipação do Proletariado, acreditam que o PT poderia fazer um bom papel como frente de luta política do operariado, mas que de nada adiantaria tentar transforma-lo em um partido revolucionário. A Ação Popular Marxista-Leninista acreditava e o PT era uma boa tática de luta contra a ditadura militar e poderia ser eficiente como uma frente para derrota-la.

Esses movimentos ingressaram no PT mantendo seus grupos e combatendo uns aos outros, assim como o que chamavam de “tendência reformista” do Partido dos Trabalhadores. A luta pela formação do partido era vista também como uma oportunidade de luta legalizada para as pessoas que pertenciam a estes grupos de esquerdas, já que suas organizações eram mantidas na clandestinidade pelo regime militar.³⁰

Ainda de acordo com a autora, as organizações de esquerda e sua articulação já estruturada ajudaram na execução de atividades necessárias para a formalização do partido, como a coleta de assinaturas, que ficava mais fácil e ágil contando com núcleos de trabalho organizados.

Sobre esta questão, Meneguello pondera que havia um distanciamento por parte dos sindicalistas que estavam envolvidos na construção do novo partido em relação as organizações de esquerda com vínculo marxista. Com a aproximação destas aos círculos de discussão gerou-se uma tensão em torno dos diferentes projetos colocados para o futuro partido. Muitos grupos sindicalistas não concordavam com as inclinações de esquerda destes movimentos, estes por sua vez queriam que o novo partido fosse mais radical do que reformista, como pautado por sindicalistas, que queriam sua inserção no sistema formal político democrático que se redesenhava, e não uma transformação estrutural.

³⁰ Ibidem. P. 139-141.

Uma maior aproximação ocorreu por meio da imprensa publicada por estes grupos, que publicizaram os debates em torno da construção do partido e com isso angariaram leitores nos meios sindicais, fazendo com que os sindicatos passassem a usar estes meios para se comunicarem com seus membros, como foi o caso do Abcd Jornal. Esta imprensa ajudou também na divulgação das campanhas de assinatura para registro do partido.³¹

De acordo com a mesma autora, dois elementos contribuíram para que o novo sindicalismo conseguisse aglutinar em torno de si outros grupos identificados com a luta pelos trabalhadores. Primeiro a superação de pautas exclusiva dos operários de fábricas em direção a demandas que cobriam toda a camada de trabalhadores assalariados, independente da natureza de seu emprego, com salário mínimo nacional, fim do arrocho salarial, liberdade de organização nos locais de trabalho e etc. E por segundo, porém não menos importante, a luta pela cidadania plena, direitos sociais e políticos e o reconhecimento de sua emancipação política.³²

É preciso ter em mente que esse processo de construção de um partido popular, ou de trabalhadores, não foi um exercício teleológico. Os sujeitos históricos envolvidos na luta pela construção deste partido não sabiam que o desfecho seria o Partido dos Trabalhadores com as características que teve. Até por que o processo de formação se deu por meio de disputas de diferentes projetos de partido, uma correlação de forças que influenciou o produto final.

No que diz respeito aos capítulos, o primeiro comporta uma retomada da trajetória de inserção política do PT no cenário eleitoral santa-helenense, apontando a situação fragilizada do mesmo em relação aos partidos que exercem o domínio do poder político. Em seguida busco perceber como o partido e seus militantes utilizaram outros meios na busca pela realização de objetivos que não cabiam dentro do PT ou não podiam ser cumpridos devido às limitações do mesmo.

O segundo capítulo tem por objetivo traçar múltiplas trajetórias de participação no partido, a partir de diferentes narrativas, buscando compreender os diferentes caminhos que se cruzam dentro do Partido dos Trabalhadores de Santa Helena.

³¹ MENEGUELLO, Rachel. Op. Cit. P. 62-63.

³² Ibidem. P.54.

O terceiro capítulo tem por objetivo perceber como os militantes entrevistados se relacionam com as mudanças de projeto ocorridas ao longo da trajetória do Partido dos Trabalhadores e como avaliam as ações do partido no governo federal, considerando que estas ações são pautadas em uma proposta política que sofreu muitas transformações desde o fim da década de 1970 e a década de 1980, momento em que o partido se constituiu e que muitas destas pessoas ingressaram em suas fileiras.

CAPÍTULO I – O PT no panorama político de Santa Helena e o diálogo com outras instituições

1.1 Panorama político de Santa Helena e a inserção do PT

Por ser um município em território de fronteira, considerado área de segurança nacional, durante a ditadura civil-militar a população teve o direito de escolher seus representantes políticos cerceado, sendo os prefeitos nomeados pelo regime até 1985³³. Até 1974, quando vigorava o bipartidarismo, o município contava com duas organizações da ARENA (registradas como ARENA 1 e ARENA 2), só nesta data, após dez anos de regime ditatorial, que o município passou a ter o partido de oposição MDB. Este fato nos dá uma dimensão do controle que o grupo político que exercia o poder detinha sobre o município.

Quando do processo de reabertura do regime, especificamente em 1980, após a reforma partidária que passou a permitir diversas legendas em 1979, as siglas dos partidos mudaram para PDS (Partido Democrático Social) e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), respectivamente, assim como em todo território nacional. A mudança de nomes, a possibilidade de novos partidos e a ocorrência de eleições diretas para prefeitura não representaram uma mudança significativa no cenário político local. Se a eleição de 1985³⁴ trouxe como novidade a colocação de um peemedebista na administração do município, a inovação morria ali. Pois era só um revezamento entre os atores já em cena há alguns anos. Na eleição seguinte, em

³³ Prefeitos que administraram o município de Santa Helena durante o período ditatorial, até 1985, quando foram realizadas eleições abertas:

Arnaldo Weisheimer	28/12/1968 a 31/01/1973
Naudé Pedro Prates - Presidente da Câmara	01/02/1973 a 10/09/1973
Francisco Antônio Muniz	11/09/1973 a 17/06/1977
Olivio Santin - Presidente da Câmara	18/06/1977 a 13/10/1977
Willy Krinke	14/10/1977 a 18/06/1979
Naudé Pedro Prates	19/06/1979 a 29/05/1985
Antônio Aparecido de Oliveira - Presidente da Câmara	30/05/1985 a 31/12/1985

³⁴ Em 1985 concorreram Júlio Morandi (PMDB), alcançando 4379 votos; Francisco Antonio Muniz (PDS), alcançando 4088 votos; Paulo Fernando Braghini, alcançando 457 votos. Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

novembro de 1988³⁵, o já conhecido Antônio Aparecido de Oliveira, que fora vereador e prefeito biônico, foi eleito pelo voto democrático. A única novidade era seu partido, concorreu filiado ao PDT (Partido Democrático Trabalhista), mas no qual não concluiu seu mandato, tendo retornado para o PFL (Partido da Frente Liberal) seu partido de origem, formado a partir de uma dissidência do PDS em 1985.

Nas eleições ocorridas em 1988 o PT já colocava uma chapa de candidatos à disposição da população. Seu diretório fora oficializado em julho daquele ano, conforme a ata 01/88 de dezessete de julho. Anterior ao diretório já havia uma comissão provisória da qual não se tem os registros, mas sabe-se que seu presidente era Valdir Luiz Rossoni. No primeiro diretório constam como presidente Valdomiro Schmidt; vice-presidente Valdir Luiz Rossoni; secretário Alceu Gatelli; tesoureiro Nelson Antonio Giroto; suplentes Atilio Grzegozeski e Francisco Marcon.

O PT alcançou a marca de 238 votos com o nome de Alceu Gatelli³⁶. Comparado aos outros dois candidatos, que obtiveram 5177, pelo PDT, e 4276, pelo PMDB, a cifra alcançada pelo Partido dos Trabalhadores é bem pequena, o que mostra a dificuldade que o partido encontrou para se inserir no cenário da política municipal. Concorreu também a cadeiras na câmara municipal com oito candidatos, não tendo nenhum eleito.

Nas eleições de 1992, o PT novamente lançou candidatura à prefeitura. Desta vez a candidata era a professora Edi Terezinha Hister. O resultado obtido pelo PT não foi muito diferente do primeiro. O partido atingiu 276 votos, apenas algumas dezenas a mais do que na eleição anterior. O candidato eleito, mais uma vez, foi Júlio Morandi do PMDB que obteve 6991 votos. Concorreu também, pelo PFL, Valdir José Copetti, que atingiu 4665. O PT também concorreu com sete candidaturas à câmara dos vereadores, não tendo obtido êxito em nenhuma.³⁷

³⁵ Em 1988 concorreram Antônio Aparecido de Oliveira (PDT, coligado com PDS e PFL), alcançando 5177 votos; Neri Mazzochin (PMDB) alcançando 4276 votos; Alceu Gatelli (PT), alcançando 238 votos. Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

³⁶ Alceu Gatelli era agricultor, como muitos dos filiados do partido desde seu início.

³⁷ Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

Em relação a campanha de 1992, é conveniente mencionar um episódio que surgiu em entrevista feita com o filiado Jerry Dotto³⁸. Segundo ele “em uma indústria terrível de fofoca o próprio PMDB, e outros partidos na época, massacraram novamente o PT, inclusive dizendo que a Edi tinha desistido, não ia mais ser candidata, e a Edi concorreu até o fim.”³⁹ A suposição colocada por Jerry busca justificar o baixo índice de votos do partido em função de campanha desleal e difamatória realizada pelas outras partes envolvidas na eleição.

Edi Terezinha Hister, que representou o partido naquela eleição, também apontou em sua entrevista a razão que acredita ter colocado o PT em situação tão desvantajosa na concorrência pela prefeitura:

Então nós concorremos o PT sem coligação nenhuma. E dentro disso tivemos coragem de lançar oito candidatos a vereador, tínhamos oito candidatos e rodamos o município, levamos as propostas, fomos bem recebidos em, praticamente, todas as comunidades, mas a gente sabe que o voto não veio. Por que existiam duas forças políticas homogêneas que se opunham... Hegemônicas, duas forças hegemônicas, né? Que tinham muito poder, que já estavam se intercalando no poder. E essas duas forças eram muito grandes, muito fortes e então era aquela política assim: “não, não podemos votar no PT, por que, se não o fulano, outro candidato vai ganhar. Não, não podemos votar no PT se não o fulano vai ganhar”. Então o que acontecia? Nós ficávamos de fora dessa política, por quê? De tá tendo mais votos, por quê? Por que os dois grupos que estavam no poder tinham medo que se iam votar pro PT, no caso eu era candidata, esse voto ia fazer falta pra ele vencer o outro opositor.⁴⁰

A mesma avaliação foi feita por outro entrevistado, o agricultor e aposentado Paulo Schneider, ao falar sobre as razões que, de acordo com ele, contribuíram para estancar as possibilidades de crescimento do Partido dos Trabalhadores em Santa Helena em momentos diversos, não apenas nas eleições de 1992:

Até tinha gente que estava com o Partido dos Trabalhadores e na última hora eles saíam e foram nos eleitores deles e falaram não vota em nós, vota no fulano pro outro não ganhar, que eram os outros dois lados. Então não

³⁸ Jerry Dotto possui graduação em História e Direito, já tendo atuado em ambas áreas. Já foi candidato a vereador pelo PT, estando no partido desde a década de 1990. Mais informações serão elencadas no momento de discussão da trajetória de Jerry.

³⁹ DOTTO, Jerry A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

⁴⁰ HISTER, E. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Em 07 de fevereiro de 2013.

podia... Pra esse não ganhar vamos votar naquele, vamos deixar o Partido dos Trabalhadores de lado, né? E aquilo me desanimou um pouquinho.⁴¹

Considerando que os mesmos nomes e partidos ressurgem a todo o momento quando se analisa a trajetória das disputas políticas no município, em uma dança onde só mudam, por vezes, os pares, a análise de Edi e Paulo adquire sentido. Tem que se considerar, no entanto, que essa leitura tem muita influência de eleições ocorridas depois de 1992, quando as disputas e os ânimos em torno delas se acirraram bastante, como veremos nas próximas páginas. Então esta é uma leitura que fazem a partir da visão que possuem hoje sobre aquele momento, não podendo ser afirmado que já avaliavam os resultados obtidos desta forma naquele momento.

Em 1996 o Partido dos Trabalhadores de Santa Helena coligou-se pela primeira vez com outros partidos para as eleições a prefeito no município. O candidato da coligação era Silom Schimidt do PPB (Partido Progressista Brasileiro), que tinha como vice Aquiles Maffini do PMDB, contando ainda com o apoio do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Na eleição anterior Silom fora candidato a vice do peemedebista Júlio Morandi. Embora na eleição anterior o PT tenha feito frente a Silom e ao PMDB, agora se aliavam na mesma coligação na majoritária.

Em carta aberta à população santa-helenense, na qual publicizava seu ingresso no grupo político denominado MID-Movimento de Integração e Desenvolvimento, o PT justificou sua posição da seguinte maneira:

[abrimos] mão de lançar candidatos para não reforçar ainda mais as divisões existentes, e continuar avançando na construção de uma sociedade democrática e participativa, viabilizando realizações *como núcleos comunitários de formação, capacitação e comunicação*, como o envolvimento da juventude santa-helenense.⁴² (grifo no original)

No mesmo documento noticiava seu apoio ao candidato a vereador, não eleito, Alberto Koserski (PSDB), não lançando candidatos próprios para a câmara dos vereadores. O partido justificou tal apoio afirmando que o candidato em questão tinha

⁴¹ SHNEIDER, P. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Em 24 de fevereiro de 2013.

⁴² Partido dos Trabalhadores de Santa Helena. *Carta aberta a população de Santa Helena*. Santa Helena, 1996.

“...atuação comprometida com as práticas democráticas e que incentivam a organização das comunidades.”⁴³

Sobre a decisão do partido de ingressar em uma coligação Jerry Dotto lembrou que tal posição foi defendida por Alair Paludo que viera de Curitiba para Santa Helena e filiara-se ao partido em 1992:

... o Alair quando chega, ele dá outra visão pro PT. Uma visão de uma cidade grande, que ele participou em Curitiba e tal. Uma visão mais estratégica de participação política. E traz a ideia de que naquele momento seria interessante estar junto com um grupo maior para o partido crescer. O que já era um apontamento em nível nacional pro PT, em locais que não haveria possibilidade do PT crescer sozinho seria interessante fazer alianças estratégicas para não ficar totalmente fora e ser aquele partido discriminado da cidade.⁴⁴

Em ata (27/96) de reunião do diretório do partido realizada em março de 1996, consta o registro de que seria “difícil fazer coligação com o MID por causa do PPB que faz parte do MID”. Embora não haja registros mais detalhados a respeito, esta menção indica que a opção de coligar com o grupo em questão não era uma decisão unânime no partido. Mesmo assim essa postura foi assumida pelo partido internamente em nome de uma estratégia de crescimento, e publicamente em nome da democracia e da união de forças pelo município.

A grupo político composto pelo PT, PMDB, PSDB e PP venceu as eleições colocando Silom Schimidt como prefeito com 6838 votos, contra 5514 de candidato adversário Otacílio Bianchet, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro)⁴⁵. Porém a aliança não durou muito. Prefeito e vice eleitos se desentenderam rachando o bloco de alianças colocando PMDB e PPB em lados opostos. O PT, que nunca chegara a participar efetivamente da administração, permaneceu ao lado do PMDB para as eleições seguintes.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ DOTTO, Jerry A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

⁴⁵ Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

O cisma gerado neste episódio marcou fortemente o espectro político de Santa Helena para os anos seguintes. Partidos e eleitores se dividiram em dois grupos que se apelidaram jocosamente de “pescoços” e “pé-roxos”, referindo-se ao PPB e PMDB consecutivamente. Esta divisão causou campanhas eleitorais marcadas por hostilidades recíprocas e casos de violências, que embora oficialmente nunca tenham sido relacionados a política, é de conhecimento geral estarem intimamente ligados a ela.

Cabe mencionar ainda que o presidente do partido neste período, Valdir Rossoni, foi expulso do Partido dos Trabalhadores, de acordo com a ata 08/96 de outubro do mesmo ano, por contrariar a decisão do partido e fazer campanha para outra coligação, representada por Otacílio Bianchet do PTB.

Em 2000 o pleito eleitoral contou com duas candidaturas a prefeito. A de Silom Schmidt à reeleição pelo PPB, coligado com PSDB, PDT, PFL, PL (Partido Liberal), PSD (Partido Social Democrático), PSB (Partido Socialista Brasileiro), PSC (Partido Social Cristão) e PTB. Pelo PMDB, novamente Júlio Morandi saiu como candidato apoiado pelo PT e PPS (Partido Popular Socialista). O aumento no número de partidos presentes nas coligações é um dos indicativos do acirramento das disputas. Novas siglas foram criadas no município para fortalecer as coligações e usadas para aumentar os tempos da coligação no horário eleitoral gratuito.

A diferença de votos entre as coligações foi de apenas 61. O candidato Silom Schimidt venceu com 6535, enquanto Júlio Morandi contabilizou 6474 votos⁴⁶. A pequena diferença deu margem a boatos sobre diversas irregularidades que teriam sido cometidas pela coligação vitoriosa, o que ajudou a aprofundar a animosidade entre as partes.

No que diz respeito a câmara municipal o PT lançou uma chapa independente de vereadores com catorze candidatos, mais uma vez não elegendo nenhum, mas aumentou consideravelmente os votos recebidos, sendo 1281 entre todos os candidatos. O candidato mais votado foi Alair Paludo com 232 votos.⁴⁷ Em 2002 o mesmo foi lançado pelo partido como candidato a deputado estadual com o objetivo de manter o nome do

⁴⁶ Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

⁴⁷ Dado obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

partido em discussão entre os eleitores e tentar projetar o nome de Alair no município, e o do partido na região, como destaca Jerry:

Daí em 2002 nós percebemos que nós precisávamos projetar mais nosso partido. De 2000 em si o PT saiu fortalecido. Embora tivéssemos perdido, nós fizemos 1281 votos e votos do PT e isso a gente traduziu em 2002, nós falamos “precisamos continuar essa discussão”. 2002 nós lançamos uma candidatura do Paludo a deputado estadual. Nós sabíamos que nós não tínhamos a mínima chance de eleger o Paludo para deputado estadual, mas nós sabíamos que nós iríamos projetar o partido do PT de Santa Helena em nível regional e nós iríamos colher esses frutos em 2004 na eleição. E foi o que aconteceu. O Paludo embora... não fez feio. Embora não tenha se eleito fez cinco mil e poucos votos. Insuficiente para eleger, mas dentro do município ele foi o candidato a deputado mais votado, coisa que nem todos os candidatos a deputado de Santa Helena conseguiram.⁴⁸

Após uma candidatura a deputado estadual considerada bem sucedida, o PT santa-helenense resolveu lançar em 2004 candidatura própria à prefeitura. Mas não sem anteriormente passar por negociações de possível coligação com o PMDB. Discutia-se a possibilidade do PT colocar o candidato a vice-prefeito que concorreria em parceria com Júlio Morandi, que saiu mais uma vez candidato pelo PMDB.

De acordo com a ata 15/04, de vinte três de maio de 2004, houveram severas discordâncias a respeito do posicionamento do partido para as eleições daquele ano. Já havia a pré-candidatura de Alair Paludo à prefeitura definida⁴⁹ e debatia-se a possibilidade de retirar essa pré-candidatura para colocar um candidato a vice em coligação com o PMDB. A proposta vinda do PMDB pedia que o PT sugerisse outro nome, não o de Alair, para a possível vaga de vice, mas sem dar garantia de que ela seria realmente ocupada pelo PT.

Internamente o PT dividia-se entre os que estavam dispostos ao acordo mesmo sem a garantia e os que exigiam a garantia. Dos primeiros surgiu a proposta, não aprovada, de levar o nome do filiado Airton Copatti para ocupar a possível candidatura a vice-prefeito. Colocada em votação qual seria a posição do partido, a maioria optou pela homologação da pré-candidatura de Alair Paludo à prefeitura em chapa

⁴⁸ DOTTO, Jerry A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

⁴⁹ De acordo com o ofício N°001/2004 enviado pelo diretório municipal ao diretório estadual do partido, em 13 de março de 2004 foram realizadas as prévias do partido nas quais concorreram dois nomes: Alair Paludo que obteve 40 votos e Airton Copatti que obteve 35 votos, ficando assim definido que Alair Paludo seria o pré-candidato.

independente. Como candidato a vice-prefeito registrou-se o nome do filiado Claudinei Batista Zambam. O partido lançou também uma chapa de vereadores com onze candidatos.

Nas eleições de 2004 era a primeira vez, desde 1992, que o município registrava três candidaturas à prefeitura municipal, assim como em 1992 o terceiro nome coube ao Partido dos Trabalhadores. Mantendo as similaridades, o número de votos feitos pelo partido foi muito pequeno, 120. Júlio Morandi do PMDB fez 7001, e o candidato eleito Giovanni Maffini, PSDB, fez 8339. Dos candidatos a vereadores também não houveram eleitos.⁵⁰

Cabe mencionar aqui que o resultado das prévias realizadas foi questionado pelo filiado Alberto Koserski junto ao diretório estadual do Partido dos Trabalhadores em recurso enviado no mês de março de 2004. Alberto alegou que normas estatutárias não haviam sido seguidas na realização das prévias com o objetivo de beneficiar o filiado Alair Paludo na escolha para pré-candidato. Após envio de um relatório de defesa por parte do diretório municipal, o diretório estadual indeferiu o pedido de recurso conforme o ofício 408/2004.

Houve também um processo instaurado na comissão de ética do partido contra o filiado Koserski. Ainda antes da realização das prévias Alair denunciou Koserski por difama-lo junto a outros filiados, acusando-o de estar comprometido com pessoas de fora do partido, em função de favores pessoais, prejudicando a tomada de decisão independente do partido.⁵¹

Em 2008 o PT não participou das eleições municipais. Em decorrência dos desentendimentos internos e do resultado das eleições de 2004 o partido estava bastante desestruturado. O encontro municipal realizado em 28 de junho contou com a participação de dezesseis filiados apenas, o que indica o esvaziamento do partido depois dos resultados obtidos em 2004. Embora esteja registrado em ata (17/08) a possibilidade de coligar com o PP e de lançar o filiado Bráulio Furlaneto como candidato a vereador, ambos não aconteceram.

⁵⁰ Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

⁵¹ Conforme atas 03/04 e 04/04.

As eleições foram disputadas por Rita Maria Schmidt (PP), esposa do ex-prefeito Silom Schmidt, representando a situação e por Júlio Morandi (PMDB), representando a oposição. A eleição de Rita Maria Schmidt, com 8563 votos, significou o quarto mandato exercido pelo mesmo grupo político no município. Júlio Morandi que concorria, e perdia, pela terceira vez consecutiva obteve 7232 votos.⁵²

Durante o exercício do mandato de Rita seu grupo político se desmantelou gerando sua saída do PP para o PSD. Partido pelo qual concorreu à reeleição em 2012. Disputou o cargo com Jucerlei Sotoriva, que já havia sido eleito o vereador mais votado por três mandatos, todos pelo PP. Em uma coligação composta por PRB (Partido Republicano Brasileiro), PP, PT, PTB, PMDB, PSL (Partido Social Liberal), PSC, PTC (Partido Trabalhista Cristão) e PV (Partido Verde), Jucerlei Sotoriva foi eleito prefeito com 11168 votos. A candidata Rita Maria Schmidt teve sua candidatura impugnada e por isso seus votos não foram contabilizados. Considerando total de votos 19575, mesmo sem a impugnação de sua opositora, Jucerlei Sotoriva teria sido eleito prefeito.⁵³

O PT lançou a candidatura de um único vereador dentro da coligação, o professor Ricardo Finger. Ricardo foi eleito vereador com 1001 votos, sendo o terceiro candidato mais votado no município. Alguns elementos podem ajudar a compreender o sucesso da candidatura. O lançamento dentro de uma coligação na proporcional com outros partidos, o apoio direto do candidato a prefeito que pertence ao mesmo distrito de Ricardo. E o apoio significativo que recebeu do distrito onde mora, assim como da classe dos professores. E por fim, com certa ironia, por ter seu nome mais ligado a comunidade do que ao PT.

Como pode ser visto neste breve panorama da situação política do município e da participação do PT nela, não se pode considera-lo como um partido de grande influência. Seu número de filiados sempre girou em torno da casa dos 150, tendo aproximadamente um terço destes ativos em reuniões, e aproximadamente um terço destes se dedicaram a militar de forma mais contundente.

⁵² Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

⁵³ Dados obtidos em <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>.

1.2 O PT e suas relações com outras entidades

Este item tem por objetivo analisar como militantes petistas de Santa Helena utilizaram caminhos alternativos ao partido para colocar em prática projetos sociais e políticos traçados para o município e que não eram factíveis por meio do partido em função de sua dificuldade de inserção nos meios executivo e legislativo.

Para este fim abordarei a Academia Cultural de Santa Helena (ACULT), a Rádio Comunitária Liberdade, mantida e administrada pela primeira, e a AMPAS, Associação Municipal dos Pequenos Agricultores de Santa Helena. Embora essas entidades não tenham sido espaço de atuação exclusiva de membros do Partido dos Trabalhadores, se configuraram em espaços de inserção importantes, tanto individualmente, como para o partido.

Utilizarei como fontes para a construção deste capítulo as narrativas dos militantes, nas quais falam sobre as entidades e suas inserções em cada uma delas. Documentos escritos relacionados a ACULT e a Rádio Comunitária Liberdade, que foram obtidos por meio do acervo pessoal dos entrevistados e do escritório que presta assistência contábil para a ACULT e é responsável pela confecção do relatório anual das atividades da entidade desde 2007.

1.2.1 A ACULT como mediadora entre o PT e outros grupos políticos

A ACULT foi fundada em onze de novembro de 1993. Embora não tenha sido fundada exclusivamente por petistas, a entidade tem uma presença marcante de filiados do partido em sua composição e direção.⁵⁴ Sobre a relação entre a fundação da entidade e o partido Edi Hister⁵⁵ fala o seguinte:

Assim foi em 92, acabou a eleição, janeiro, fevereiro do ano seguinte, 93, nós começamos nos reunir para fundar uma entidade. Já que dentro do partido nós não estávamos conseguindo resultados pra atuar na comunidade

⁵⁴ Alair Paludo, Edi Hister, Airton Copatti, Dulce Stürmer, Hugo Paludo, Clóvis Butzge, Jadir dos Reis Marcílio, José Alberto Koserski, Edgar Albrecht, Helton Hister, Adriana Hister, Jerry Dotto, Beatriz Helfensteler, são nomes que pertencem ou pertenceram tanto ao PT quanto a ACULT.

⁵⁵ Edi Hister é professora aposentada, foi candidata a vereadora e a prefeita pelo partido, estando filiada desde a década de 1980. Teve participação atuante na fundação e gestão da ACULT e da Rádio Comunitária Liberdade.

mais diretamente, pra poder desenvolver alguns projetos, trazer benefícios nós resolvemos fundar uma entidade. [...] dentro da academia conseguir desenvolver muitos trabalhos, muitas atividades que nós não conseguimos dentro do partido até então. Foi uma, podíamos dizer uma válvula de escape, mas na verdade foi, momentaneamente, uma vontade que a gente tinha de fazer alguma coisa. Potencial nós tínhamos, vontade a gente tinha, medo a gente não tinha, mas fazer como? Dentro do partido, como o partido não foi vencedor da campanha de 92, o que nós íamos fazer? Estávamos de fora de tudo, não tínhamos acesso a nada, nem ao diálogo.⁵⁶

Fica muito claro na fala de Edi que a entidade que estava sendo proposta naquele momento tinha a finalidade de abrir um novo espaço de atuação, o qual permitisse a execução de projetos que as pessoas envolvidas na ideia tinham depositado no Partido dos Trabalhadores, mas que acabaram ficando sem um espaço de vazão em função da dificuldade do partido em conseguir uma inserção eleitoral mais efetiva. Desse modo o partido se mostrava limitado como campo de ação em uma perspectiva de curto prazo.

Sobre qual seria a proposta de atuação da entidade, Edi fala que:

Tinha seus objetivos de organizar, apoiar, motivar pessoas, fazer com que mais pessoas se envolvessem, tivessem oportunidade de tá participando, debatendo, discutindo os assuntos, os problemas, a problemática tanto da ... não só da política, da vida, do relacionamento, na área de saúde, na área do direito, no direito das pessoas. Então nós fundamos essa entidade no objetivo de compartilharmos as coisas.⁵⁷

Com base nessa definição pode-se aferir que o fato do partido se mostrar limitado para o que se pretendia está relacionado, também, a algumas problemáticas que foram colocadas para a ACULT e que não caberiam no escopo de um partido político. Discussões relacionadas “a vida, relacionamento e saúde” exigiam um espaço que comportasse uma variedade de interesses, e indica que a entidade além de um espaço de debate político seria um espaço de sociabilidades e trocas culturais.

O objetivo de atrair um número maior de pessoas, que implica numa variedade de posicionamentos políticos e concepções de sociedade, gerando um espaço de debate e de crescimento intelectual também tornam o partido um espaço limitado para o objetivo. Um partido político configura um espaço muito mais fechado, onde embora haja disputas e debates, há uma tendência muito forte para congregar pessoas com bases de pensamento comum, ainda mais se pensarmos no PT do início da década de 1990.

⁵⁶ HISTER, E. *Op. Cit.*

⁵⁷ *Ibidem.*

A ideia de que a composição da ACULT seria muito mais plural do que poderia ser o cenário do partido é visível quando Edi fala que:

Começamos a falar com alguns amigos, pessoas de fora do partido também, algumas pessoas que tinham uma visão mais progressista de sociedade, de política e pessoas também que tinham assim um, digamos um nível de leitura, que gostavam também de ler, que a gente já conhecia, que de vez em quando nos reuníamos, conversávamos, debatíamos sobre assuntos atuais. Fomos procurando várias pessoas, profissionais liberais, dentistas, advogados, médicos, enfim pessoas que... empresários, pessoas que pudessem participar dessa associação...⁵⁸

Assim a entidade poderia ser também uma porta de abertura para o debate entre o grupo e as ideias do Partido dos Trabalhadores com pessoas pertencentes a outros grupos políticos. Vale lembrar que até então o PT não estabelecera nenhum tipo de diálogo com outros partidos. Quando Edi disse que estavam excluídos do debate político, na primeira citação apresentada, isto pode ser visto como uma constatação literal da situação do PT frente aos outros partidos. O PT não tinha apenas poucos votos entre o eleitorado, tinha também uma intensa separação em relação aos outros partidos.

Jerry Dotto, ao falar do início da ACULT menciona que lideranças e filiados do PMDB se agregaram a constituição da entidade. Segundo ele havia um interesse em se aproximar de uma ala mais jovem que se constituía na Academia e transformar isso em adesão política ao partido pemedebista. Mas a maior aproximação política que ocorreu em decorrência da presença dos dois partidos na ACULT foi a aliança nas eleições seguintes, em 1996.

A aproximação que a ACULT gerou entre os grupos que formavam o Partido dos Trabalhadores e o PMDB deu frutos eleitorais. Alberto Koserski e Airton Copatti, por exemplo, foram membros da ACULT, inclusive em postos de direção, e depois tiveram uma passagem pelo PT como filiados. Pode-se sugerir então que a entidade ajudou a operar uma abertura do Partido dos Trabalhadores em relação a outros grupos políticos, promovendo a abertura de um campo de diálogos e alianças.

1.2.2 ACULT e sua atuação no município de Santa Helena

A entidade propõe como “Orientação Fundamental”:

⁵⁸ Ibidem.

Incentivo e apoio ao desenvolvimento social e cultural da comunidade, caracterizada por uma prática de respeito profundo aos valores culturais e religiosos do povo; atuando na perspectiva de uma sociedade justa e marcando sua autonomia em relação a qualquer outra entidade.⁵⁹

No intento de cumprir com sua proposta de atuação a ACULT desenvolveu ao longo dos anos diversas atividades voltadas a prestação de serviços à comunidade e a participação em debates referentes a questões relacionadas ao município de Santa Helena. Para compreender como se deu a inserção da entidade no município serão apresentados alguns projetos por ela desenvolvidos.

Um dos primeiros projetos desenvolvidos pela entidade e que alcançou forte repercussão na comunidade santa-helenense foi o CEU – Comunidade, Escola Universidade. A proposta principal do projeto era:

De modo oportuno e inadiável viabilizar a execução de práticas que se caracterizando por:

-Somar recursos e esforços com vista ao objetivo comum de concretizar uma comunidade, escola-universidade onde todos os espaços são promotores dos eu crescimento e desenvolvimento;

-Integrar os jovens como força transformadora propulsora, fazendo-os agentes construtores dos eu futuro na comunidade;

-Integrar e desenvolver os diversos setores econômicos de modo a que, se adaptando a conjuntura atual, consolidem o município também como um polo turístico e cultural.

Se impõem como instrumentos de motivação e reeducação de toda a comunidade para a realização de seus ideais.⁶⁰

Como pode ser percebido no excerto, o projeto conjugava preocupações relacionadas a educação, a cultura e a economia, pautando desde propostas concretas e imediatas como o incentivo ao turismo e a formação cultural e educacional da juventude, até questões mais abstratas como “a realização das ideias da comunidade”, o que pode abranger uma pluralidade muito grande de anseios. Em outros momentos do documento é possível identificar preocupações com o mercado de trabalho e a formação de mão de obra, o desenvolvimento da agricultura e da indústria, assim como evitar a migração da população para centros urbanos maiores. A complexidade e amplitude das questões colocadas indicam que a entidade estava preocupada em pensar um projeto de desenvolvimento para o município.

⁵⁹ ACULT. *Minuta de alteração estatutária*. Santa Helena, 2001.

⁶⁰ ACULT. *Comunidade Escola-Universidade*. Santa Helena, 1996.

A operacionalização do projeto estava organizada na divisão da proposta geral em diversos projetos menores, como o “CEU para informar”, que visava a publicação de um informativo voltado para a comunidade; “CEU para assistir”, que objetivava a construção de um canal de televisão a cabo para o município; “CEU para informatizar”, que visava a construção de um polo de informática que abrisse à toda a população o acesso ao serviço, dentre outros.

O “CEU para informatizar”, que foi organizado em 1996, foi a proposta com mais repercussão. Sua finalidade era criar uma rede de internet que interligasse todas as comunidades do município a um servidor central, por meio do qual seriam colocadas à disposição de toda a população todas as possibilidades de serviços disponibilizadas pela rede mundial de computadores. Como seu objetivo geral o “CEU para informatizar” propunha:

Fomentar no município de Santa Helena, de maneira abrangente e simultânea, a nível individual e coletivo, a utilização dos recursos da informática de modo a dar respostas adequadas as necessidades e ambições da comunidade, superando com sucesso e tempo hábil os atuais desafios da “era da informação”.⁶¹

A proposta chegou a ter alguns passos desenvolvidos, como contato com a Universidade Estadual do Paraná que auxiliaria na implantação do projeto, firmação de convênios com a prefeitura para compra de equipamentos iniciais, e visitas a cidade de Londrina que já possuía uma empresa própria operando seu sistema de comunicações. O projeto teve repercussão nos meios de comunicação da cidade, como pode ser visto na seguinte matéria publicada pelo jornal Costa Oeste:

A Academia Cultural de Santa Helena acertou com o prefeito Júlio Morandi, quinta feira, dez, um acordo para a compra dos primeiros equipamentos destinados aos Centros Comunitários de Informação. [...] o projeto prevê a instalação de Centros Comunitários de Informação na cidade e nas comunidades do interior, interligados em rede. [...] “as pessoas em geral têm acesso a muita informação, que nem sempre coincidem com suas necessidades. Nós queremos informação de qualidade, de interesse direto individual ou coletivo, para todos os moradores de Santa Helena”, explica o presidente da ACULT, Alair Paludo.⁶²

Embora o projeto não tenha sido concluído, é interessante pensar que a proposta da ACULT colocava uma questão de relevância para a comunidade santa-helenense. Em

⁶¹ Ibidem.

⁶² Santa Helena prepara rede comunitária de computadores. *Jornal Costa Oeste*. Santa Helena, outubro 1996.

1996 a difusão da informática e da internet ainda era inicial, principalmente em um município pequeno como Santa Helena. De acordo com dados do projeto o município tinha cerca de quinhentos computadores na época.

Outro projeto de relevância colocado pela ACULT foi a proposta de uma rádio comunitária no município, que pode ser considerada seu maior projeto. Lançado em 1995 a ideia enfrentou fortes obstáculos para ser executada e só conseguiu licença para funcionar, provisoriamente, em maio de 2002, e licença definitiva em 30 de abril de 2004. Para a escolha do nome fez-se uma campanha com apoio dos alunos do Colégio Estadual Graciliano Ramos, por meio do Grêmio Estudantil Chico Mendes. O nome mais sugerido foi Rádio Liberdade e este se mantém. A forma como foi realizada a escolha do nome, a partir de uma consulta popular, demonstra a preocupação da ACULT em envolver a comunidade no processo de formação da rádio e também a reciprocidade de interesse da comunidade ao participar.

Ao longo do processo de tentativa de sua consolidação a emissora funcionou de forma ilegal, foi fechada e teve equipamentos apreendidos diversas vezes. Edí ressalta as dificuldades enfrentadas com a questão da ilegalidade para que fosse possível executar o projeto e como se deu o enfrentamento a elas:

Nós começamos já de mexer, de nos reunirmos, planejarmos de como nós podíamos montar uma rádio comunitária. Só que até então não tínhamos ainda, não tínhamos a lei das rádios comunitárias, então qualquer rádio comunitária que fosse fundada, criada, montada por aí, seria considerada pirata, irregular ou ilegal. Nós estaríamos infringindo a lei. Mas nós fomos nos reunindo, sempre nos desafiando e sempre sonhando e pensando o que poderíamos fazer para romper com toda essa estrutura de poder que massacra, que boicota. Queríamos dar essa oportunidade pros jovens, pras pessoas desenvolverem sua capacidade, seu intelecto. Enfim que a comunidade, que as pessoas também tivessem aquela informação importante pra ela poder desenvolver, por que os meios de comunicação não traziam aquela informação importante que a comunidade precisava. Movidos por isso tudo a gente fez o que? Começamos de montar, reunir um grupo, reunir doações, contribuição e começamos de ir atrás de aparelhos, procurar o preço de aparelhos e baseados também na lei, do direito de acesso de comunicação, baseados em vários encontros internacionais que já haviam sido feitos. Eu não lembro agora quais, mas eu sei que nós nos baseamos em alguns encontros que foram desenvolvidos a nível internacional, na América do sul inclusive, e nós defendíamos essas leis, o direito a comunicação, direito de acesso a comunicação, que isso inclusive baseado na nossa constituição.⁶³

⁶³ HISTER, E. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Santa Helena, sete de fevereiro de 2013.

Então o primeiro grande obstáculo à formação da rádio se deu em função da inexistência de uma lei que regulamentasse as rádios comunitárias, colocando todas de imediato na ilegalidade. Para Edi a preocupação em oferecer uma alternativa de comunicação que atendesse os interesses da comunidade fez com que esse problema fosse enfrentado apesar dos riscos de agir contra a lei. Interessante perceber que sua narrativa assume um tom que poderia ser designado como épico ao falar sobre isso, ela ressalta a gravidade da situação usando adjetivos para caracterizar a ilegalidade de uma emissora nessas condições. Afirma ainda que o grupo “se desafiava” em busca de uma solução, reforçando a dificuldade de encontrar um caminho para alcançar os propósitos colocados.

Mas mesmo depois da regulamentação as dificuldades persistiram. Alair Paludo⁶⁴ afirma que os grupos partidários, que se beneficiavam do monopólio da informação que detinham em função da ausência de um meio de comunicação que fizesse frente a rádio comercial do município que seria por eles controlada, foram responsáveis por pressionar as instâncias reguladoras para impedir que a emissora de rádio comunitária fosse aprovada:

No caso da rádio comunitária de Santa Helena esses movimentos [que lutavam pela instalação da rádio] tiveram que ir além da resistência, da organização, do esforço para o entendimento de criar uma alternativa de comunicação via rádio para o município. Tiveram também que enfrentar autoridades constituídas e revestidas de “poder” como a ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), a Polícia Federal, Executivo Municipal, e alguns vereadores. Então a discussão da rádio extrapolou a esfera da comunicação como alternativa e culminou por expor claramente as diferentes correntes políticas e seus projetos de domínio e poder para essa sociedade.⁶⁵

Alair Paludo, que é presidente da rádio desde sua formalização, assim se referiu aos seus propósitos:

Já vai dez anos que eu sou o diretor da rádio comunitária aqui do município. E é outra bandeira que a gente assumiu, uma postura de tentar levar informação pra comunidade, uma informação sempre bastante... vamos

⁶⁴ Alair Inácio Paludo é lojista no município de Santa Helena, sendo membro do partido desde o início da década de 1990, foi candidato pelo partido diversas vezes e membro atuante em sua diretoria. Informações mais detalhadas serão dadas no momento da discussão sobre sua trajetória.

⁶⁵ PALUDO, Alair. *Democratização da comunicação: estudo de caso da rádio comunitária liberdade FM de Santa Helena/PR*. Trabalho apresentado ao curso de Especialização em História e Região da UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2004.

assim que tenha uma visão contraditória e não única, embora que eu sou do Partido dos Trabalhadores, embora que nós coligamos nesse período com o PMDB, mas jamais eu me propus que a rádio fosse uma rádio de voz única, que fosse da oposição ou fosse da situação. A gente sempre tentou trabalhar máximo pra que fosse aberta a todos os interesses políticos no município e de fato que gente conseguiu isso, nós temos uma postura... sou ainda o diretor da rádio.⁶⁶

Alair afirma que a proposta da rádio se baseia no compromisso com a informação isenta de inclinações partidárias. Que o objetivo era colocar no ar uma emissora que fizesse notícia com compromisso e sem qualquer tipo de alinhamento partidário com determinado grupo, garantindo assim a isonomia de sua programação.

A construção desta proposta e a afirmação de que a rádio Liberdade realmente teria uma posição imparcial se fazem no embate existente com a emissora de rádio comercial do município. Seu proprietário é Naudé Prates, que já foi mencionado no trabalho por ter sido prefeito e vereador de Santa Helena. Como dito a cima a partir da fala de Alair, esta emissora é apresentada como comprometida com o projeto político do grupo apoiado por seu proprietário, assumindo sempre a postura que for mais conveniente sem preocupação com a difusão de informação de maneira isonômica.

Esta caracterização do posicionamento da rádio comercial serviu para justificar a necessidade de uma segunda emissora no município de Santa Helena. A qual fosse capaz de levar para a população do município informações de qualidade e sem comprometimentos partidários. Isso ajuda compreender a preocupação de Alair em afirmar que a rádio Liberdade realmente segue a proposta que se colocou quando foi gestada. Que independentemente dos posicionamentos políticos de seu grupo fundador e de seu diretor a emissora trata a notícia que passa a seus ouvintes com responsabilidade.

O enfretamento com a rádio comercial e o compromisso com a informação isonômica também é destacado por Edi:

Por que as emissoras comerciais têm um foco e geralmente o foco delas é político partidário e de poder. E nós víamos assim que a audiência que a gente tinha, que a gente ouvia a rádio, a gente percebia que ela era muito imparcial nas coisas, muito parcial, aliás, nas coisas, na divulgação, os fatos aconteciam de uma forma, divulgavam da forma que era do interesse do grupo que estava no poder, que ela apoiava, então diante disso a gente não se conformava com esse nível de informação, podíamos dizer hoje, de meias verdades, verdade como era de interesse da elite que estava no poder local, e em nível de país também, estado e país. Então um dos objetivos nossos foi,

⁶⁶ PALUDO, A. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Santa Helena, janeiro de 2012.

realmente, ter um meio de comunicação que fosse imparcial, que fosse voltado justamente pra comunidade.⁶⁷

Sua preocupação em ressaltar o posicionamento neutro da emissora também se relaciona com o fato dela ser mantida e organizada pela Academia Cultural, instituição que tem laços estreitos com o PT e com o PMDB, como já foi demonstrado. Assim sendo, a Rádio Comunitária, assim como a rádio comercial, possui laços com partidos e projetos políticos que estão colocados no cenário eleitoral de Santa Helena. Essa condição a coloca como parte interessada nas disputas de projetos e cargos políticos, o que questiona a alegada imparcialidade. Só o fato de se colocar em trincheira oposta à rádio comercial, afirmando que promove a difusão de informações de maneira neutra e denunciando o suposto partidarismo de sua adversária, pode ser considerado um posicionamento político.

Além da faceta claramente política que pôde ser vislumbrada, a rádio comunitária também atua em interesses de utilidade pública. Os relatórios de atividades mencionam a transmissão gratuita das sessões da Câmara Municipal de Vereadores, veiculação de informes da secretaria de saúde, divulgação ações beneficentes, divulgação de campanhas de conscientização e etc. Estas atividades são mencionadas como parte do compromisso da emissora e da sua mantenedora em veicular questões de interesse da comunidade, a gratuidade dos serviços reforçaria a postura de comprometimento com o coletivo.

1.2.3 AMPAS e o PT

A Associação Municipal de Pequenos Agricultores de Santa Helena, foi fundada em 1993 por um grupo de agricultores que eram membros do Partido dos Trabalhadores do município. Ao acompanhar o caminho de discussões que redundou na formação da entidade, seus objetivos, assim como as ações para alcançá-los, pretende-se demonstrar como esta instituição tem como fim último expandir o campo de ações do grupo que constitui o PT e o porquê disso.

⁶⁷ HISTER, E. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Santa Helena, sete de fevereiro de 2013.

Quem discorre de forma intensa sobre a AMPAS em sua entrevista é Nelson Antonio Giroto, membro fundador do PT de Santa Helena e da associação. Nelson nasceu no RS, em 1964, e migrou para o Paraná com a família em 1969. Nelson conta que toda sua família, pais e irmãos, trabalhavam na propriedade da família no interior do município de Santa Helena, inclusive deixou os estudos após concluir o primário para ajudar no trabalho da lavoura. Retomou os estudos em 1986, aos vinte anos, completando o ginásio e o segundo grau por incentivo da mãe.

Na mesma época Nelson iniciou sua atuação em movimentos sociais por meio da Igreja Católica. Enquanto ministro da comunidade onde morava, e ainda mora, participava de cursos dados pelo pároco da cidade na época, o Pe. Aldo Dal Pozzo, que, segundo Nelson, incentivava a participação dos fieis em discussões sociais e políticas. Assim ingressou na Pastoral Rural e teve o primeiro contato com o PT, por meio de panfletos da campanha para deputado que eram distribuídos “meio escondido” pelo padre. Na mesma época a Igreja Luterana trouxe para o município a Pastoral Popular Luterana (PPL) que atuava junto com a Pastoral Rural da Igreja Católica, assim a participação em uma redundava em participar também na outra. Sobre os objetivos que estavam colocados para as pastorais e suas atuações, Nelson fala que:

O nosso objetivo enquanto Pastoral, e depois casou com, digamos assim, com objetivo da PPL, era melhorar a qualidade de vida dos agricultores, levar, digamos assim “por que nós somos agricultores?”, o que nós estamos fazendo aqui?”. E também não seria apenas trabalhando que a gente iria conquistar, teria que ter outras formas de luta. E que não passava apenas por trabalho e trabalho, ou se organizar em movimento social e fica nisso, que precisava ter partidos políticos... aquela história toda. Ou seja, levar todos os caminhos, mudanças iam por... E isso acabou dando certo com a PPL também na época. [...]E o nosso custeio, quem ajudava custear eram projetos que vinham da Igreja Católica, que depois ajudou também com os projetos da Igreja Luterana, de fazer esse trabalho nas comunidades. E foi feito depois daquele trabalho que nós fizemos primeiro lá, depois vieram outros também, foram feitos... uma época nós ajudamos fazer, e era um trabalho que o padre Aldo ajudou, isso foi 89, 90 por aí, uma espécie de, como que se chama isso, levantamento da situação dos agricultores, praticamente em todo o município foi mapeado, para ter uma noção do que Santa Helena teria de capacidade e qualidade e tal.⁶⁸

⁶⁸ GIROTTO, Nelson A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 19 de fevereiro de 2013.

As ideias que eram levadas pelas pastorais, por meio de suas intervenções, ajudam a compreender por que Nelson e outras pessoas⁶⁹ que também participavam das pastorais e depois do partido, trilharam este caminho. De acordo com sua fala as questões que eram colocadas para a reflexão incitavam à necessidade dos trabalhadores rurais se organizarem para lutar por suas reivindicações, pois só o trabalho não resolveria todos os seus problemas.

Além do incentivo vindo do padre e do pastor que acompanhavam a Pastoral Rural e a PPL, o aprofundamento das discussões das pastorais em direção a formação de um partido também foi estimulada por Luiz Pozzolo, que, de acordo com Nelson, embora não fosse de Santa Helena, acompanhava e dava suporte aos movimentos sociais em vários municípios da região. As discussões trazidas por ele colocavam a necessidade de extrapolar o espaço de atuação dos movimentos sociais e agir também no campo político, pois dele dependiam muitas das questões que eram reivindicadas dentro das pastorais. Daí muitas pessoas que estavam envolvidas no movimento pastoral, católicos e luteranos, se envolveram nas discussões sobre a formação do Partido dos Trabalhadores.

Nelson lembra que se, por um lado, o avanço em direção a discussões políticas trouxe novas ferramentas de ação e fortaleceu as lutas travadas nas pastorais, por outro lado a aproximação com o Partido dos Trabalhadores levou muitos a se afastarem:

Como eram vinte cinco ou mais comunidades, dava em torno de 60 ou 70 pessoas, claro que depois foi reduzindo e a Pastoral foi reduzindo e se tornando um número menor de pessoas. E como ia direcionando em algumas questões partidárias, também uma boa parte ia deixando daí. Tanto é que eu lembro que uma das pessoas influentes na Pastoral Rural era o tio do Juce, acho que era tio do Juce, o Jucerlei Sotoriva⁷⁰, que é o Ildo, e ele começou a ajudar bastante na Pastoral. Depois com o passar do tempo ele acabou deixando, não continuou, mas ele foi um dos caras que contribuiu na Pastoral Rural, mas quando começou a questão de partido começou a sair fora.⁷¹

⁶⁹ Nelson cita um conjunto de nomes que participaram das Pastoral Rural e que depois se envolveram na formação do Partido dos Trabalhadores: Alceu Gatelli, Divanir Spohr, Jorge Spohr, Inácio Stürmer, Valdomiro Schmidt, Maria Nilze Schmidt e Edgar Albrecht. Luiz Pozzolo, que não é do município, mas prestava apoio às pastorais também é petista.

⁷⁰ Atual prefeito de Santa Helena pelo PP, em coligação composta com o PT e PMDB.

⁷¹ Ibidem.

Nem todos as pessoas que estavam inseridas nas pastorais tinham interesse de expandir as discussões feitas ali para o campo partidário, e menos ainda se fosse em direção ao PT. Então ao mesmo tempo em que a discussão política trouxe ganhos para o movimento pastoral, trouxe também cisões que afastaram pessoas que eram muito ativas ali, mas não queriam se envolver com o PT. Esta observação é importante para perceber que a inserção no Partido dos Trabalhadores não é um corolário inerente a trajetória de todas as pessoas que participaram de movimentações sociais com vínculos religiosos influenciados pela chamada ala progressista da igreja.

Em 1987, através de seu envolvimento nas pastorais, Nelson começou a participar das movimentações que tinham por objetivo fundar o Partido dos Trabalhadores em Santa Helena. Em 1988, quando o PT santa-helenense participou pela primeira vez das eleições municipais, Nelson colocou seu nome a disposição do partido e do eleitorado como candidato a vereador.⁷² Segundo ele o resultado geral daquela eleição foi desanimador em função da pequena quantidade de votos alcançada pelo partido.⁷³ Porém, provavelmente, a desilusão não se deu só em razão de serem poucos os votos, mas por que havia uma expectativa de que o resultado fosse muito melhor do que isso. Nelson lembra a fala de um companheiro que teria dito “meu como que as pessoas iludem a gente”, pois muitos teriam se comprometido com o partido, mas os votos não apareceram.⁷⁴

Apesar do resultado numérico ruim, Nelson lembra do processo de realização da campanha como empolgante, podendo ser definido como “uma experiência boa”. Considerando que eram as primeiras eleições, que o PT estava se estabelecendo no município, se dando a conhecer aos eleitores, é compreensível por que o processo da campanha é lembrado pelo entrevistado como empolgante, pois era um momento em que o grupo estava começando a materializar seus projetos partidários no município. Havia a esperança de que estavam começando a trilhar um caminho que os levaria a boas realizações.

⁷² Nesse mesmo ano Nelson começou a cursar o ensino médio, dando continuidade aos seus estudos.

⁷³ Como visto no primeiro capítulo, o PT fez 238 votos para prefeito com a candidatura de Alceu Gatelli.

⁷⁴ Recapitular as inserções eleitorais do partido nesta época se faz importante para compreender o surgimento da AMPAS.

Em relação as eleições municipais seguintes, em 1992, há uma guinada na forma como Nelson lembra o processo. A nova derrota nas urnas coloca o otimismo que embalou as eleições anteriores em cheque. Uma segunda participação frustrada nas eleições, novamente com pouquíssimos votos⁷⁵, fez com que o grupo se questionasse sobre as possibilidades do partido se inserir de forma competitiva no espaço eleitoral do município e da eficiência do mesmo para colocar em prática seus projetos.

A partir destes questionamentos surgiram ideias para formar outros espaços de atuação que permitissem que as pessoas se organizassem segundo seus interesses. De acordo com Nelson, foi Alair Paludo que colocou a ideia de que era preciso se “organizar enquanto agricultores, professores, todas as áreas”. Na esteira dessa ideia os agricultores, que eram um grupo numeroso dentro do partido, começaram a se organizar em uma Associação Municipal de Pequenos Agricultores, sobre este processo o entrevistado diz que:

No caso da associação, a AMPAS, ela surgiu em 93 depois das eleições municipais. Por quê? [...] Em janeiro, fevereiro nós pensamos em começar associação. Por quê? Por que gente chegou a seguinte conclusão: participou de eleições e depois esmoreceu tudo. Acabou. Cadê o povo, cadê as pessoas? O PT é uma ferramenta. Tipo não vai se usar machado para fazer tudo, o machado tem determinada... A enxada serve pra outra coisa. O partido também, não pode ajudar em tudo. Mas tudo não é para fazer... Não pode contribuir lá organizando o dia a dia dos agricultores. Aí nós começamos a pensar seriamente em fundar uma associação de agricultores, que era aqui no caso o número... O maior número de pessoas envolvidas com o PT eram agricultores.⁷⁶

Então, diante o esmorecimento causado pelos resultados eleitorais, e também pensando que o partido não poderia resolver todos os problemas por uma questão organizacional, a partir de pessoas que estavam inseridas no Partido dos Trabalhadores formou-se a AMPAS. Interessante notar que ocorre aqui um movimento inverso ao ocorrido na década de 1980. Se naquele momento era necessário expandir a luta para além de movimentos sociais, como as pastorais, para agir politicamente, em 1992 faz-se uma leitura inversa. De que o partido não poderia cumprir com tarefas colocadas no nível cotidiano dos agricultores e com sua necessidade de organização para questões mais localizadas, então é preciso criar uma entidade que seja capaz de fazê-lo.

⁷⁵ O Partido dos Trabalhadores fez 276 votos nas eleições de 1992 com o nome da professora Edi Hister para prefeita.

⁷⁶ Ibidem.

Interessante perceber as metáforas usadas por Nelson para ilustrar o raciocínio que guiou a formação da entidade. Utiliza ferramentas que são utilizadas no trabalho diário do agricultor para simbolizar os meios usados na organização e ação política e social. Refere-se a enxada e ao machado como ferramentas diferentes, que se aplicam em tarefas diferentes, mas que são essenciais, cada uma a sua maneira, ao trabalho do agricultor. Da mesma forma o partido e a associação seriam instrumentos diferentes, com propósitos específicos, mas que se completam no conjunto da luta travada pelas pessoas colocadas ali.⁷⁷

Quanto aos objetivos buscados pela formação da associação Nelson coloca que:

...surgiu a AMPAS, Associação Municipal dos Pequenos Agricultores, como o objetivo de organizar os agricultores. E aí para conseguir... Tinha aquela coisa de baixar os custos, aumentar lucros, aquela história assim. Que por um bom tempo, pelo menos até ai nos anos 2000, 2000 e pouco, era a principal questão da gente. Comprar em quantidade para baixar o custo e vender em quantidade o produto para valorizar. Eram esses os objetivos. Que nunca se concretizou assim, mas foi uma boa experiência.⁷⁸

Considerando que, como diz o nome, a entidade se propunha a representar pequenos agricultores, colocando em pauta as necessidades destes se manterem em suas propriedades, sustentado suas famílias, apesar da pouca terra e dos poucos recursos que possuíam para investir, o objetivo principal estava colocado na busca por estratégias que auxiliassem no aumento dos rendimentos e com isso a melhoria de suas condições de vida e manutenção no campo. A ideia de negociar em grandes quantidades para aumentar o poder de barganha ressalta a importância da coletividade para a associação e para seus membros. Juntando o pouco que cada um precisava comprar, ou tinha para vender, seria possível alçar uma posição mais vantajosa de negociação.

Um caminho utilizado para a realização desta proposta foi a criação de um mercado próprio da AMPAS:

Ainda em 93 nós começamos aquela vez, através do mercadinho que a gente abriu lá, que foi muito mais orientado enquanto região, que tinha aqui um grupo de entidades aqui na região de Medianeira, Marechal Cândido Rondon, entidades de associações que já faziam esse trabalho. De ter um local onde os agricultores levassem o produto e comprassem também. Então se fazia aquele mercado com os produtos de comercialização dos

⁷⁷ Mantem-se aqui uma lista de nomes que vieram da Pastoral Rural, ingressaram no PT e ajudaram a compor a AMPAS. Dos nomes mencionados anteriormente só se exclui Edgar Albrecht. E pode-se acrescentar Paulo Schneider.

⁷⁸ Ibidem.

agricultores, e outros produtos que os agricultores comprariam lá. Que teve um período e depois não funcionou. Praticamente em toda região acabou dando uma esfriada.⁷⁹

Neste mercado os associados vendiam aquilo que produziam em suas lavouras e hortas e compravam aquilo que não produziam. Assim o mercado era uma ferramenta que permitia que se agisse nas duas frentes. Ao comprar aquilo que não produziam em seu próprio mercado os associados driblavam os altos preços das lojas convencionais, e ao venderem seus produtos direto para o consumidor não precisavam dividir o lucro com atravessadores.

Para tentar agregar valor aos produtos que comercializavam, através da industrialização, houveram várias tentativas, frustradas, de conseguir recursos ou financiamentos por meio de órgãos públicos para a construção de pequenas agroindústrias. Engenhos de cana para a produção de açúcar e melado, frigoríficos que permitissem a industrialização de derivados de carne, e laticínios, por exemplo. Todos estes projetos seriam executados de forma coletiva, agregando várias famílias em cada empreendimento.

Interessante observar que nos dois últimos excertos apresentados Nelson menciona que as tentativas não foram bem sucedidas. Tanto em relação ao projeto geral da AMPAS, quanto o mercado que seria uma ferramenta para atingir o primeiro. Diante dos poucos resultados obtidos a associação buscou novos caminhos:

E também dessa entidade [a AMPAS] começou a surgir que tínhamos que solucionar os problemas regionais, não só apenas no município. Que em 96 foi fundada a central de associações aqui da região, a CAOPA, para exatamente tentar solucionar os problemas que eram praticamente iguais em todos os municípios: Santa Helena, Missal, Medianeira, Rondon. Todos os municípios aqui enfrentavam o mesmo problema. São Miguel do Iguçu e tal. Que ela veio para tentar ser isso. A entidade foi feita pra isso. E foram feitas inúmeras reuniões, todo mês tinha reunião. Havia uma orientação, haviam projetos externos que contribuía. Em Medianeira, por exemplo, a associação recebia muito projeto, muito dinheiro do exterior e até acho que era fundo perdido pra organização, pra construção de... Até tinham um mini frigorífico lá e tal. E a CAOPA ia nesse sentido.⁸⁰

Para Nelson, a participação dos membros da AMPAS na criação da CAOPA segue a mesma lógica que norteou a fundação, e sua participação individualmente, do Partido dos Trabalhadores e da própria associação em Santa Helena. Havia um conjunto

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibidem.

de objetivos que não estava sendo alcançado por meio das entidades já estabelecidas, então em busca de uma solução que permitisse o aprimoramento das ações e o cumprimento dos objetivos foi criada uma nova entidade representativa.

O entrevistado coloca duas razões para explicar por que era tão complicado conseguir que as iniciativas tomadas realmente funcionassem. Ressalta que até mesmo o projeto desenvolvido em Medianeira, que conseguiu recursos, não perdurou por muito tempo. O primeiro motivo diz respeito a mudança de plano econômico ocorrida em 1994: “eu vejo que um dos fatores foi a mudança de moeda. A gente se perdeu. Por que era assim com inflação galopante, se aprendeu uma forma de levar. Quando mudou a moeda a gente se perdeu. Eu falo assim por experiência, a gente estava aqui na associação.”⁸¹ O outro motivo diz respeito a falta de conhecimento para gerenciar: “e outro fator que é falta de conhecimento enquanto... Nós éramos agricultores, somos agricultores, mas a gente não tinha conhecimento. Não tinha conhecimento de economia, de marketing. Faltou isso.”⁸²

O passo seguinte, que agregou a AMPAS e a CAOPA, foi uma tentativa de direcionar a produção agrícola para a prática da agricultura orgânica. O argumento era de que a prática da agricultura convencional colocava os agricultores como reféns das multinacionais que vendem sementes, insumos e defensivos agrícolas, e também das empresas que compram a safra, as primeiras exercendo preços abusivos e as segundas pagando pouco pelo produto do agricultor. Para conseguir se libertar dessa condição de refém de grandes empresas a alternativa seria produzir organicamente.

Interessante perceber que o problema original colocado pela AMPAS se mantém, livrar-se dos preços abusivos na compra e ganhar mais na venda. Assim, a produção orgânica seria uma tática para resolver os problemas, pois não seria mais necessário comprar grandes quantidades de insumos e agrotóxicos e o preço de venda da soja orgânica é superior ao da soja convencional.

Avaliando esse processo Nelson afirma que:

E hoje a gente vê assim... Até outro dia o Marcos estava falando assim: “a gente viu que entrou num outro barco, na verdade era um barco furado”. Que era a questão orgânica. Não a questão orgânica em si, mas a questão da soja

⁸¹ Ibidem.

⁸² Ibidem.

orgânica. Plantou-se a soja, distorceu-se o processo. A coisa foi pro escambau.⁸³

O passo seguinte foi fugir da monocultura da soja. O argumento adotado afirmava que a monocultura da soja seria inviável em pequenas propriedades, como era o caso dos associados da AMPAS. Para dar lucro teria que ser plantado em grandes quantidades, independentemente de ser por meio da agricultura convencional ou orgânica.

Com a falha do projeto voltado para o mercado e para as agroindústrias coletivas, muitos dos membros da associação foram se desligando pelo caminho de transição para o projeto que propunha a agricultura orgânica, que não foi bem aceita pelo conjunto mais amplo de associados. Com isso se mantiveram apenas aqueles que apostaram na nova tática, com a falha desta houve um esmorecimento ainda maior da organização, como pode ser visto na fala de Nelson:

Aí é que enquanto associação foi ficando pra trás, aquela coisa “ah, existe pra que?”, ficou meio que um tempo sem muita ação. A CAOPA nesse sentido foi, de certa forma ainda mantinha certa esperança de manter as associações organizadas, mudar rumos e tal, mas também com o passar do tempo foi vendo que não era isso, e foi superando. Que eu não vejo também problema nisso. Que se chega um momento, daqui não sei quantos anos, com o próprio partido pode acontecer de não... Não tem mais motivo de se ter essa organização, não vejo problema em mudar. Por que é tipo assim uma ferramenta, chega um momento não precisa mais utilizar.⁸⁴

Embora institucionalmente ainda exista, a AMPAS não está mais ativa. Seus membros se dispersaram. Alguns pegaram caminhos totalmente diferentes dos discutidos dentro da associação, alguns persistem na produção orgânica e outros trabalham com a policultura e participam de uma feira onde vendem sua produção.

Conclui-se portanto, que a AMPAS foi formada no anseio de atender a demandas que estavam colocadas dentro o Partido dos Trabalhadores, por meio da presença de um grupo grande agricultores, mas que eram entendidas por seus membros como além das habilidades e capacidades do partido.

Portanto, a Associação Municipal dos Pequenos Agricultores de Santa Helena e a Academia Cultural de Santa Helena, se constituíram em espaços de complemento tanto da ação do partido, como também da ação dos seus militantes. Os interessados em

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ Ibidem.

discutir as questões que foram realocadas nas novas entidades puderam contar com um espaço que não estava desvinculado do partido, mas que propiciava um ambiente mais focado em suas preocupações.

Como foi indicado, tanto a AMPAS quanto a ACULT, tiveram como uma das motivações para suas respectivas formações, as limitações encontradas pelo partido em realizar seus objetivos por meio da disputa eleitoral. A incapacidade de alcançar a vitória nas urnas motivou a busca por espaços alternativos que não precisassem do referendo popular para apresentar possíveis resultados.

Parece-me válido pensar como o caminho inverso não foi possível. As inserções dos militantes em outros meios não proporcionou ao partido uma maior aceitação. As ações estabelecidas dentro destas entidades não se converteram em votos ou algum tipo de apoio político. Nem os filiados individualmente, nem o partido, foram capazes de capitalizar politicamente as lutas travadas no conjunto da sociedade.

Capítulo II – Um partido, múltiplas trajetórias

Este capítulo tem por objetivo traçar múltiplas trajetórias, a partir de diferentes narrativas, buscando compreender os diferentes caminhos que se cruzam dentro do Partido dos Trabalhadores de Santa Helena.

Cada entrevista é tomada como uma narrativa produzida dentro de um espaço de disputa, aonde entrevistador e narrador se colocam com diferentes interesses e percepções. Um momento em que se estabelecem mútuas estratégias de leitura e se negociam versões conscientes e inconscientes de suas trajetórias passadas e suas implicações presentes.

Assim, cada narrativa é tomada para análise em seu conjunto, aparecendo da mesma forma no texto, buscando evitar desmembramentos e quebras de sentidos por eles produzidas. Apresento para este capítulo cinco entrevistas. A escolha se deu na tentativa de apresentar uma pluralidade de trajetórias que dessem conta de pensar os múltiplos caminhos trilhados por estas pessoas.

Paulo é agricultor, com pouca escolaridade e de fala muito simples. Iolanda é sindicalista e tem o sindicato como foco de sua ação política, na qual o PT foi uma espécie de ferramenta. Ricardo é professor, filiado a muito tempo, mas com uma participação mais intensa recente, sendo a única pessoa que o partido conseguiu eleger em seus vinte seis anos. Jerry é advogado e historiador, começou sua participação muito jovem, antes mesmo de poder votar e tem uma relação de idas e vindas com o partido. Alair tem uma trajetória de comerciário a comerciante, e trouxe consigo uma bagagem de militante em uma capital para dentro de uma cidade pequena.

2.1 Paulo Schneider – “Quem viveu como nós entramos ali, que tudo falta [...] a gente se sente bem quando vê uma política que não olha só para o capital.”

Paulo Schneider é agricultor, tem sessenta e três anos, reside há cinquenta no distrito de São Clemente, hoje pertencente ao município de Santa Helena. Quando de sua chegada, ainda uma pequena vila, São Clemente pertencia ao município de Marechal Cândido Rondon. Paulo migrou, sozinho, para o Paraná vindo de Santa Catarina em 1963. Antes disso migrara, com a família, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina,

em 1945. Em 1964 voltou a Santa Catarina onde se casou com Alda, sua primeira esposa, falecida há quinze anos.

Sua primeira preocupação, ao ser convidado a narrar sua trajetória, reside no relato de seu histórico de migrações. Ao estímulo inicial da entrevista, “o senhor pode se apresentar, seu nome, aonde o senhor nasceu...”, Paulo responde: “eu nasci no Rio Grande do Sul, Lajeado. Daí quando eu tinha cinco anos o pai veio embora pra Santa Catarina, aí lá eu tive até os vinte e três, daí vim ali pra Santa Helena, onde eu estou hoje aqui em São Clemente.”⁸⁵

Sua preocupação em contar seu trajeto migratório reside, em parte, na necessidade de explicar como veio a se estabelecer em Santa Helena. Mas ao longo de sua narrativa é possível perceber que Paulo já estabeleceu uma maneira de narrar sua vida em função de preocupações que não dialogam diretamente com as pretensões desta pesquisa. O narrador conta que é procurado constantemente por escolas, pessoas da comunidade e até desconhecidos para contar sobre si e sobre o lugar onde mora.

Então vem muita gente vem assim, até mesmo pra olhar o museu, então eles vem, gente bem estranha e eu estou por aí, mas eu fico contente, eu me sinto bem orgulhoso com isso né? De a gente poder explicar como a gente começou, que não é preciso desanimar, muita gente assim desanima, ou estão desanimado, a gente conversa com eles, e a gente consegue dá um ânimo se a gente repassa o passado da gente né? Como que era. E eles veem que as dificuldades deles não são tão grandes, então isto chega até a levar pra um rumo mais legal de repente...⁸⁶

O hábito de narrar a outros ouvintes fez com que Paulo trouxesse espontaneamente este assunto para nosso diálogo, sem que fosse necessário fazer uma provocação direta ao tema. Iniciar sua fala por este mote pode também caracterizar uma estratégia utilizada para facilitar o início da entrevista para si mesmo, quebrando o nervosismo inicial a partir de algo que considera fácil de expor. Tanto por ser um assunto que o entrevistado já tornou público em outros momentos, quanto por ser uma memória que possivelmente já está organizada.

O entrevistado menciona em sua fala o “museu” que possui em sua residência. Os aproximadamente duzentos metros que ligam sua casa a estrada principal é ladeado por objetos antigos. Implementos agrícolas antigos que eram foram utilizados ao longo

⁸⁵ SCHNEIDER, Paulo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 24 de fevereiro de 2013.

⁸⁶ Ibidem.

dos cinquenta anos que reside no local e trabalha na agricultura. Estes implementos foram utilizados por ele mesmo ou adquiridos e doados por meio de outras pessoas que se desfariam deles. Há também um espaço fechado, em um antigo barracão reformado, que guarda artigos menores ou que precisam ser protegidos de intempéries. Após a realização da entrevista Paulo falou longamente sobre sua preocupação com o museu e atenção que dispensa às pessoas que se interessam em visitar e ouvi-lo.

Sua preocupação revela um sentimento de dever de memória com a formação da comunidade que considera ter ajudado construir, tendo chegado ali quando não havia quase nada:

[Tinha] mínima coisa. Tinha uma bodegazinha ali na vila e depois logo quando nós... quando casei, era um ano depois que eu vim, daí já surgiu uma escolinha, e nós pertencíamos ao município de Rondon naquela vez. Daí já tinha uma escolinha e daí os nossos cultos dominicais era naquela escolinha...⁸⁷

Este sentimento é alimentado, também, por ser o morador mais antigo que permanece na vila. Outras pessoas que teriam chegado na mesma época, e que poderiam saber tanto quanto ele sobre esse passado, que é por ele mitificado em razão das dificuldades, faleceram ou não moram mais ali, como reafirma em dois momentos:

Então como eu queria dizer, aqueles mais antigos têm um ou dois ainda que vivem ainda, mas não moram mais aqui. Então o mais antigo sou eu ali. [...] Então daqueles antigos, aqui em São Clemente, o mais antigo sou eu hoje.⁸⁸

O papel assumido por Paulo, de construtor e narrador da história do lugar, é estendido a sua esposa. Ele atribui o início do “museu” e das preocupações em preservar essa história a ela. O que acresce mais um elemento na compreensão dessa preocupação. A memória que Paulo acredita estar preservando não é só da comunidade, mas também da esposa falecida. Ao manter o museu, que foi iniciado pela falecida, angariar novos objetos e estender a coleção para os espaços abertos e até para dentro de casa, ele mantém o projeto da esposa e assim alimenta a lembrança de sua pessoa.

Este esforço parece ser reconhecido, em alguma medida, pela demais pessoas que pertencem a comunidade. Algum tempo depois da realização da entrevista, ao

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Ibidem.

retornar, descobri que a rua que dá acesso da vila às propriedades que ficam na região em que Paulo mora recebeu o nome de sua falecida esposa.

A história que Paulo conta sobre si e sobre a comunidade, sujeitos que se confundem na narrativa, é marcada por um elemento que parece dar sentido a interpretação que construiu a respeito. A dificuldade transformada em superação. Tal adjetivação se dá já no início ao falar dos motivos que o levaram a migrar:

Entrei ali por que dinheiro não tinha e aqui era posse. Então por causa disso eu entrei ali, que não tinha dinheiro para comprar uma terra escriturada, então ali eu podia comprar uma área maiorzinha, e aonde eu estou agora já vai completar 50 anos, então fomos bem, alguns problemas ruins né, mas no geral posso dizer que foi bem. Apesar de ter entrado nessas terras de posse.⁸⁹

A dificuldade aparece já na forma de apropriação da terra. Afirma que “entrou ali” por que não tinha recursos para comprar terra próxima a sua família ou que fosse legalizada. Paulo seguiu o caminho trilhado por tantas outras famílias que migraram, toda ou em partes, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina e de lá para o Paraná, em busca da manutenção do modo de vida ligado a terra e seu cultivo, em função da propriedade original não ser o suficiente para manter a sobrevivência e os modos de vida de todos os herdeiros.⁹⁰

A tomada de terra por posse trouxe consigo os problemas clássicos das regiões de expansão da fronteira agrícola, como a ausência das estruturas oferecidas pelo Estado e a violência da disputa por terras.⁹¹

Então difícil era também até que nós conseguimos os documentos da terra, então olha isto era... era uns oito anos mais ou menos de muita preocupação, arriscando perder a terra... e fomos mandados embora, tinha que abandonar e tal né? Mas a gente não tinha aonde ir, daí tinha que enfrentar aqueles problemas sérios de ... coisa bem ruim. Até pensar em matança de gente, então esse era os anos...⁹²

Além dos problemas com a legalidade da terra e a violência implicada na disputa por ela. Paulo também ressalta a pobreza que acometia as famílias da comunidade

⁸⁹ Ibidem

⁹⁰ RENK, Arlene. *Sociodicéia às avessas*. Chapecó: Grifos, 2000.

⁹¹ MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

⁹² SCHNEIDER, Paulo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 24 de fevereiro de 2013.

quando de seu início, decorrente do estágio inicial da ocupação da terra e das atividades de produção:

A primeira coisa que nós plantamos isso era então... tinha que pensar no dinheiro, por que daí a planta mais rápida para fazer dinheiro era fumo, daí nós plantamos uns três anos fumos, mas... então eu não entendia, mas quem entendeu bem do fumo era a minha esposa, a finada, e daí nós se botamos no fumo e depois melhorou um pouquinho, outras coisas, porco daí a roça, a gente já tinha para ter uns porquinhos né? Daí já abandonamos o fumo e daí a gente viveu assim praticamente do... não era assim... umas coisas assim... primeiro a ideia era a subsistência, então se sobrava então a sobra a gente vendia, mas a gente trabalhava assim pra subsistência.

Isto era uma luta, lugar muito pobre. Olha isto tinha era... eu não digo bem extrema pobreza, mas só pra tu te ruma noção o quartel militar da foz, acho que hoje ainda, que eles vão assim nós lugares mais pobres da região, e ele veio se destacar aqui em São Clemente por que era mais pobre da região.⁹³

Mas estas dificuldades experienciadas, a pobreza, a violência e a falta de estrutura, são demarcadas como superadas pelo trabalho dedicado e pela qualidade da terra que escolhera para instalar sua família, como pode ser visto em sua fala:

Mas depois que aquilo passou e daí a terra é boa, por isso que a gente entrou ali né? Terra boa. E daí a gente também se esforçou e trabalhou, não andamos nada atrás de pesca e caça então isso era... era árduo, mas hoje tá bom, né?⁹⁴

O argumento do trabalho duro, do não envolvimento com coisas que podem ser consideradas pouco morigeradas, como a caça e a pesca, presentes em sua fala, dialoga com o discurso difundido do colono trabalhador que sustenta sua família e se faz na vida a partir dos bons costumes e do trabalho.⁹⁵

No que diz respeito a comunidade, atribui seu crescimento ao entrosamento e ao trabalho realizados pela coletividade: “então isso era uma união boa, olha isso funcionou, eu até hoje me admiro como pode uma comunidade parece que quanto mais pobre mais eles se dedicam”.

Apesar do registro de um início difícil, ao narrar essa trajetória Paulo (re)significa sua leitura a partir do que ele vê no presente. Seu objetivo foi cumprido ao conseguir manter sua terra e instalar todos os seus filhos ao redor de si. Seu esforço

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ SEYFERTH, G. A Representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 37, p. 1-33, 1982.

garantiu a sobrevivência de sua família. E a comunidade, que era uma vila de posseiros, hoje é um distrito urbanizado.

A pobreza vivenciada pela família de Paulo, a mesma que ele viu atingir as outras famílias que dividiram com a sua a tarefa construir a comunidade onde hoje se inserem, nos conduz ao gancho narrativo construído por ele para explicar o ingresso, mais de vinte anos depois, no Partido dos Trabalhadores, como veremos em breve.

Paulo situa sua opção pelo Partido dos Trabalhadores dentro de sua leitura do cenário político nacional da época:

Daí tinha esses dois grupos. Aí mas como era na época “ihhh o comunismo, ihhh o MDB ele tá pra aquele lado, deus me livre”, então vários anos tinha aquela... uma ala, o ARENA, estava sempre muito na frente, mas a gente viu que não era aquilo né? E então virou para o outro lado, mas também não saiu nada. E daí aquela, a gente estava meio desgostoso com isso. E depois surgiu o Partido dos Trabalhadores né? E pensamos né, já que nós estamos assim desgostoso com... realmente todo mundo estava assim... e nós até ajudamos a criar o Partido dos Trabalhadores na época. Então estava... tinha uma reunião em Santa Helena num domingo, daí fomos lá, eu e a esposa. Então ouvimos era um.... Achamos que o caminho era por aí...⁹⁶

Apesar da fundação do partido datar de 1988, quando o regime civil-militar já havia sido extinto, sua leitura da conjuntura política ainda remonta as forças que estavam postas a partir daquele cenário. Este raciocínio pode dever-se ao cenário político municipal não ter sofrido grandes mudanças com a redemocratização. Os grupos políticos e os nomes proeminentes nos debates permaneciam os mesmos⁹⁷. O que, em alguma medida, também cabe ao contexto nacional.

Paulo se agarrou a proposta diferenciada que o Partido dos Trabalhadores trouxera para a arena política, quando de sua formação. Naquele momento representava um espectro ideológico mais à esquerda e com preocupações sociais que faziam sentido para o entrevistado diante de sua trajetória de vida.

Ao ser diretamente perguntado sobre o que o motivou a procurar o Partido dos Trabalhadores, Paulo articula sua resposta da seguinte forma:

⁹⁶ SCHNEIDER, Paulo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 24 de fevereiro de 2013.

⁹⁷ PALUDO, A. *A reorganização política em Santa Helena no contexto da redemocratização nacional*. 2002. TCC apresentado para obtenção de graduação em História. UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon.

Bom, isso até pode ser que foi um pouco por que, como já falei antes, a pobreza e daí como se diz... a... trabalho em comum. Foi criado uma associação, uma... que era o AMPAS na época, isso tudo surgiu por que a gente tinha aquela ideia de trabalhar mais comunitário. Como se dizer... tá mais em comum. Isso pode ser, por que isso funciona melhor quando se uns não pode, os outros pode, uns tem os apetrechos, os outros não tem, e isso era um interesse, então aquilo que despertou assim um interesse no Partido dos Trabalhadores, que era social, assim, socialismo. Era o que a gente então encarou mais aquela... a palavra... mais social. E os outros não tinham isso. Isto era assim mais... mais sozinho tudo.⁹⁸

Como destacado anteriormente, sua experiência de vida marcada pela vivência da pobreza o leva em direção a uma proposta que lhe parecia aproximar da solução deste problema. Sua dificuldade em encontrar a palavra adequada para caracterizar o projeto do partido que abraçou, como pode ser notado na narrativa, e sua conclusão de que a palavra é “socialismo”, após várias tentativas, mas ainda assim não em um tom de voz muito seguro, demonstra a fragilidade teórica da sua escolha. Sua opção decorre do seu conjunto de experiências e de uma observação leiga do que acontece no campo político.

As inúmeras vezes que mencionou a religião em sua fala, tanto para designar a falta da igreja nos primeiros anos morando em São Clemente, quanto para destacar sua ação para construí-la e fortalece-la, dá pistas para pensar que sua visão do que possa ser o “socialismo” ou o “trabalho comunitário” vem de bases cristãs, mais especificamente católicas, principalmente considerando a força que movimentos católicos tiveram na construção do partido em diversos lugares.⁹⁹

Outro elemento que denota que sua visão, do que seria o projeto a que se juntou, estava baseada em suas experiências vivenciadas pode ser percebido nessa fala:

Então depois nos cursinhos que a gente passou lá no... quando a gente já estava afiliado, nos cursinhos saiu aquilo por que os outros partidos [queriam] isso, daí era assim, se eu estava ali e tu minha vizinha e então eu vou comprar um tratorzinho, não eu também vou comprar, onde nós podíamos comprar um junto e trabalhar junto, os vizinhos e fazer uma sociedade, não mas daí as próprias firmas, o capitalismo ele quis então, estava trabalhando em cima disso, em vez de vender um, vender dois ou três. Então tudo isso a gente aprendeu.¹⁰⁰

⁹⁸ SCHNEIDER, Paulo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 24 de fevereiro de 2013.

⁹⁹ MACHADO, Adriano H. *Op. Cit.*

¹⁰⁰ SCHNEIDER, Paulo. *Op. Cit.*

Uma compreensão mais sistemática, mas ainda muito simples do que queriam os “outros partidos” e o “capitalismo”, reunidos no mesmo espectro político e econômico, pode ser visibilizada nesse excerto de sua narrativa. Os cursos de formação de militância trouxeram novas compreensões sobre sua opção partidária. A explicação que antes vinha apenas de sua vivência passa a ser compartilhada com a formação ideológica do partido. Mas a exemplificação da sua compreensão, a partir dos tratores, mostra como as dimensões da vivência e do aprendizado nas cadeiras do partido compõem conjuntamente sua experiência e a interpretação que faz dela na narrativa.

2.2 Iolanda Lourdes Alves – “Ah, se ela vai sair do sindicato quem vai ficar lá?”

Iolanda Lourdes Alves, cinquenta e três anos, é presidente do SISMUSA, Sindicato dos Servidores Municipais de Santa Helena. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores no fim da década de 1990 e permaneceu na legenda apenas por alguns anos. Hoje encontra-se filiada ao PMDB.

O mote principal da narrativa de Iolanda é sua atuação como sindicalista. No início de sua fala conta sobre como estudou para ser professora e como isso desembocou em seu ingresso na luta sindical. A partir de então sua fala não se descola mais de sua atuação no SISMUSA.

Iolanda conta que começou a lecionar quando ainda não possuía mais do que a oitava série concluída, em 1978. A falta de pessoas com formação adequada para exercer esta função acabava avalizando pessoas que já eram alfabetizadas como alfabetizadoras. Fez o magistério enquanto lecionava e teve oportunidade de fazer faculdade em 1988, pela FACIMAR.¹⁰¹ Sua graduação se deu na área de História, o que considera ter influenciado em suas opções políticas:

Fiz a graduação na Unioeste, na época era FACIMAR ainda, e daí optei por fazer o curso de História, gostei muito, foi um curso que pra mim nossa! Ajudou bastante, por que na época assim estava começando a abertura, a questão do próprio sindicato que a gente acabou fazendo parte da fundação do sindicato, eu e mais a [nome incompreensível] que estava estudando comigo, e a professora Anita, junto com o professor Alceu a gente na época,

¹⁰¹ Antigo nome da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, quando ainda funcionava sob regime de fundação municipal.

influenciados por essa influência que tinha mesmo no curso de História, os professores, que a gente tinha bastante professores que eram dos sul, que tinham vindo desse movimento sindical, então a gente acabou... daí em 88 foi aprovada a nova constituição daí que a gente acabou fazendo parte e se mobilizando e fundando o sindicato dos funcionários públicos, do qual eu sempre participei, sempre participei de todas as diretorias, então a gente teve assim bastante influência por causa do curso na questão sindical também, o que veio depois, a própria filiação no PT essa questão veio, foi tudo uma consequência, de repente, do que a gente viu na faculdade.¹⁰²

Observando esta fala percebe-se que Iolanda considera que sua formação universitária especificamente na área de História lhe deu compreensão e bases políticas para sua atuação posterior, tanto por meio da formação acadêmica em si, quanto por meio da convivência com pessoas que também tinham ligações políticas, como os professores e as duas colegas que participam da formação do sindicato. Portanto em sua compreensão a experiência universitária atuou como um gatilho que ativou seu interesse por questões políticas.

O momento político vivido pelo país com a abertura pós-ditadura e a construção de uma nova Constituição para o regime democrático que se instaurava, elementos estes que fomentavam um momento de debates políticos acalorados, também são lembrados como estimuladores da discussão inicial sobre a formação de um sindicato para a categoria dos servidores públicos em Santa Helena.

Embora o Partido dos Trabalhadores estivesse sendo fundado em Santa Helena neste mesmo ano, Iolanda não teve nenhum contato com o grupo que o articulava ou com suas propostas. Só mais de uma década depois que isto vai acontecer.

Em seguida a entrevistada fala longa e repetidamente sobre as dificuldades encontradas para estruturar o sindicato. Os excertos a seguir indicam as questões reiteradamente apontadas:

Foi assim a passos lentos, por que a gente sempre teve uns embates muito fortes com a administração, assim não, não... nunca houve negociação então assim foi difícil... [...]

¹⁰² ALVES, Iolanda. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 20 de fevereiro de 2013.

E no começo foi mais difícil por que quem mais se filiou foram os professores, mas aos poucos a gente foi chegando. O pessoal da saúde, pessoal da garagem. [...]

Que as vezes os servidores não entendem, é difícil você colocar pra eles a questão de que é importante você tá unido no sindicato. [...]

Aquilo que eu falei, no começo foi bastante difícil o sindicato, por que quando nós começamos a gente tinha poucos filiados, a gente não tinha uma sede, a gente não tinha ninguém pra trabalhar, então o que a gente fez no começo, a gente se reunia bastante e daí conforme filiando, que foi filiando um pouco de dinheiro a gente contratou uma secretária primeiro, por que tanto o professor Alceu que era o presidente na época, e como eu e as outras professores a gente estava na sala de aula, então era difícil, por que você não tinha o tempo pra ficar buscando as filiações e as reuniões agente sempre fazia a noite, fazia na casa de alguém.¹⁰³

As preocupações de Iolanda se aglutinam nestes quatro eixos. Primeiro o embate constante com a administração municipal se Santa Helena, que segundo ela nunca se mostrou aberta ao diálogo e a negociação das demandas do sindicato. Esta avaliação de que o conflito entre os empregados (sindicato) e o empregador (administração pública) é um entrave para a atuação do sindicato demonstra uma expectativa de que o poder público seja aberto às demandas da sociedade. Toma, idealizadamente, os direitos dos trabalhadores como uma obrigação do Estado, que teria como função genuína cumprir com eles. Sem considerar que a luta pela conquista desses direitos é um espaço de disputa entre as partes em questão.

Outro ponto que merece sua preocupação diz respeito aos próprios membros da categoria que o sindicato representa. Primeiro a dificuldade inicial de filiar os servidores públicos ao sindicato, visto que não havia nenhuma organização sindical anterior, seria preciso construir uma cultura sindical que tornasse o sindicato um espaço organizativo presente no horizonte daqueles trabalhadores.

Mesmo depois de ingressos, Iolanda considera que é preciso que estes trabalhadores tenham uma formação sindical institucionalizada. Em função disso tem a preocupação de trazer constantemente cursos de formação sindical para os servidores. Seu argumento para tal reside em ter ela mesma participado de formações do gênero a partir da federação que o SISMUSA é filiado. Se considerando uma sindicalista bem sucedida tenta estender a mesma formação aos demais.

¹⁰³ Ibidem.

Por fim fala da dificuldade enfrentada pelas primeiras diretorias para se dedicarem ao sindicato. Sem poderem contar com uma estrutura inicial e trabalhando em período integral, ela e seus companheiros tiveram que sacrificar suas horas de descanso pela causa. A narração desta dificuldade justifica a solicitação, por parte do sindicato, de dois servidores sindicalizados liberados de suas funções para atuar pelo SISMUSA. Esta deliberação foi conseguida em 1993, desde 1998 Iolanda usufrui deste direito.

Seu afastamento do magistério e dedicação exclusiva ao sindicato, nos últimos quinze anos, gerou uma aproximação entre a pessoa e a instituição. Em sua narrativa Iolanda se apropria do sindicato, se sente tão ligada a instituição em função de sua dedicação a ele, que usa pronomes possessivos para se referir a outras pessoas que pertencem a diretoria: “minha diretoria”; “as minhas duas secretárias”; “minha tesoureira”. Iolanda construiu uma identificação pessoal tão intensa com seu trabalho que ela mesmo reconhece:

Ah a se ela vai sair do sindicato quem vai ficar lá”, então lógico o meu mandato acaba esse ano, esse ano nós vamos ter eleições, novas eleições do sindicato, e eu posso até continuar, posso ser candidata, mas a gente não sabe como vai ficar, mas assim eu vejo que a minha história, desde a fundação do sindicato, de eu ter ficado bastante tempo no sindicato, ninguém consegue... quando “ah, a Iolanda”, lembra do que? Do sindicato, então é uma... muito tempo que eu estou aqui...¹⁰⁴

Sua ligação com o Partido dos Trabalhadores se deu por meio de sua atuação sindical, no contato com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Helena, em um período em que ambos funcionaram no mesmo prédio. Ao falar sobre sua filiação destaca o seguinte:

Na época agente estava assim bastante empolgado, que o PT da época, em 2000, ele ainda estava no auge, estava... nós não tínhamos ainda elegido o Lula como presidente e tal, mas assim a gente tinha a aquela chama, aquela coisa que você queria mudanças e achava que era através do partido que a gente ia conseguir essas mudanças. Mas enfim assim foi uma experiência boa, depois ali eu continuei filiada no PT durante um bom tempo...¹⁰⁵

De acordo com a entrevistada sua filiação ocorreu em função do Partido dos Trabalhadores apresentar uma possibilidade de mudança em relação ao panorama

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem.

político que se sustentava naquele momento. Manifesta empolgação em torno da figura de Lula e da perspectiva diferenciada de política que ele representava.

Naquele mesmo ano saiu candidata a vereadora compondo a chapa da proporcional do Partido dos Trabalhadores, que na majoritária coligou-se com o PMDB. Ao ser perguntada sobre quais eram suas propostas de trabalho como candidata a vereadora, Iolanda volta a falar das demandas dos servidores públicos do município e coloca sua candidatura como relacionada as suas preocupações dentro do âmbito do sindicato:

a gente participava dando dicas principalmente na questão dos servidores, por que a nossa experiência maior era no serviço público, então a gente dava sugestão das melhorias na questão do servidores públicos, que a gente via problemas na... como presidente do sindicato a gente participava e havia reclamações, então nesse sentido... lógico a gente participava também estando dentro do sindicato rural a gente via ali a participação do interior, que o pessoal dos agricultores, essas questões todas, mas geralmente estava mais voltado ao servidor público, eu sei como candidato defendendo as causas dos servidores públicos. Que na verdade a gente sempre viu assim que se os servidores públicos fossem mais valorizados, tivessem essa formação que de repente já tem hoje, que questão dos cursos, das faculdades, o plano de carreiras...¹⁰⁶

Sua preocupação com as demandas relacionadas as lutas do SISMUSA indica que sua inserção no partido e sua candidatura tinham como preocupação de fundo as mesmas pautas de sua atuação sindical. Portanto sua filiação e candidatura podem ser vistas como ferramentas para alcançar objetivos estabelecidos dentro do sindicato.

Ao avaliar as contribuições da candidatura a vereadora em sua trajetória, Iolanda volta a falar do sindicato, frisando que participar de uma eleição por dentro e conhecer os mecanismos do funcionamento da política com mais profundidade a auxiliaram a desempenhar melhor seu trabalho sindical, mesmo sem alcançar a eleição.

2.3 Ricardo Finger – “Então se a gente não fosse candidato o partido não teria candidato”

Ricardo Finger é professor da rede estadual de ensino. É nascido no Rio Grande do Sul, tem quarenta e dois anos, mora em Santa Helena há quarenta. Assim como Paulo, sua família migrou para o Paraná em busca de terras de que pudesse tomar posse, buscando garantir assim a reprodução material e cultural de seu modo de vida. Apesar

¹⁰⁶ Ibidem.

de manter sua ligação com a agricultura, através da chácara que possui e é cuidada por agregados, Ricardo buscou outros horizontes profissionais. Fez curso superior e é professor desde 1996.

No pleito eleitoral de 2012, Ricardo foi candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores e tornou-se a primeira pessoa a ser eleita pela legenda no município de Santa Helena. Nas palavras do narrador o acontecimento “... até fica na história como sendo o primeiro que atingiu a eleição”.

Ricardo ingressou no Partido dos Trabalhadores no início da década de 1990. Conta que naquele momento vários membros de sua família fizeram o mesmo:

Na época que eu me filiei meus irmãos, a família praticamente se filiou toda. A gente trabalhava com agricultura, trabalhava muito, produzia diversos tipos de atividade, diversos ramos e a gente via que não tinha resultado no final do ano. A gente via que o país precisava ter um outro rumo, as coisas poderiam ser melhores, diferentes e melhores. E a gente acreditou no projeto do Partido dos Trabalhadores, no projeto do Lula na época. Que desse projeto poderia ser melhor do que estava sendo até então do governo da época.¹⁰⁷

Ao ser perguntado sobre as motivações que o levaram a ingressar no Partido dos Trabalhadores, Ricardo menciona a ocupação econômica exercida por sua família, assim como por ele mesmo naquele momento, e as dificuldades que enfrentavam para tornar sua atividade lucrativa. O anseio expressado pela mudança em relação ao que acontecia “até então”, revela sua discordância com ideologias e práticas exercidas pelo “governo da época”. O Partido dos Trabalhadores, por sua vez, representava para Ricardo uma possibilidade de mudança. Manifesta sua crença em um projeto que poderia levar a “outro rumo”.

De acordo com sua fala sua atuação militante pelo partido foi intensa no início: “... participava bastante da militância, e as carreatas na época das campanhas...”. Mas depois “...acabamos nos afastando um pouco da política assim né, só votando, a gente sempre votou no partido...”. Logo após seu afastamento de uma atuação mais efetiva Ricardo fez faculdade e passou a dedicar-se a licenciatura.

Compreendo aqui que Ricardo passou a dedicar-se a uma maneira diferente de atuação na sociedade, agora a partir da escola. Como professor e diretor do Colégio

¹⁰⁷ FINGER, Ricardo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 21 de fevereiro de 2013.

Estadual Santa Helena, localizado em São Roque, suas preocupações se voltaram para a educação e o que poderia fazer a partir de seu trabalho nela.

Ricardo se aproximou do Partido dos Trabalhadores a partir da leitura que tinha de sua condição econômica e social enquanto agricultor. Sua dedicação a outra profissão coincide com o afastamento do partido, no qual entrara por meio de conexões com suas preocupações que antes eram predominantemente voltadas para sua antiga atividade. Portanto compreende-se que uma nova inserção social e um novo conjunto de inquietações podem ter influenciado a escolha de novos caminhos.

Esta leitura dialoga também com a preocupação do narrador em afirmar que esteve “...um pouco afastado assim da política partidária, mas não da política”. Portanto sua atuação política dava-se por outros meios, que não dependiam do suporte e das preocupações de um partido político. Eram construídos em seu novo espaço de inserção e a partir de suas novas preocupações.

Ricardo preocupa-se ainda em frisar que embora tenha passado a atuar por outros meios não se desligou totalmente do partido e nem deixou de acreditar em seu projeto:

“... a gente sempre votou no partido a nível, principalmente estadual e federal. Sempre votando nos candidatos do partido, e como em alguns momentos nem teve candidato no município a gente votava a nível federal e estadual no partido.”¹⁰⁸

A necessidade de afirmar que continuou ligado ao partido por meio da fidelidade de seu voto, apesar de ter se afastado de uma atuação mais intensa, indica uma preocupação em mostrar que seu retorno à atividade partidária, cerca de quinze anos depois, não é despropositada. Ele manteve durante seu “exílio”, por meio do voto, a ligação com o Partido dos Trabalhadores.

Em 2011 Ricardo foi procurado por outros membros do partido para voltar a atuar. Assumiu a Comissão Provisória, visto que o partido não cumprira com obrigações burocráticas e perdera o registro de Diretório Municipal junto a Executiva Estadual. Sua volta justifica-se também pela procura de outros membros a sua pessoa. Ou seja sua ligação tênue, mas constante, com o partido é reconhecida pelos demais, tanto que foi convidado a retornar a ativa, assumindo rapidamente a direção do partido no município.

¹⁰⁸ Ibidem.

Seu retorno não resumiu-se a direção. No ano seguinte Ricardo saiu como candidato a vereador pelo partido no pleito eleitoral municipal. Frisa que não era sua pretensão ser candidato, seu nome foi colocado por outras pessoas:

Não era uma pretensão ser candidato, a gente nunca tinha essa pretensão, mas as pessoas assim pediram, os deputados do partido acabaram assim pedindo pra gente ser candidato para ter uma representação pro partido poder crescer no município. Então juntando o partido, a comunidade e também os professores que a gente... sou diretor há nove da escola, do colégio estadual de São Roque, então a gente teve um apoio muito bom dos professores, que já trabalharam com a gente aqui, professores e funcionários...¹⁰⁹

De acordo com a fala, sua disposição à candidatura atendeu aos interesses de terceiros, a quem ele serviria ao ocupar o cargo. O partido, representado pelos deputados que se refere, a comunidade a qual pertence e que recebe muita atenção em sua narrativa, e dos professores, categoria profissional que faz parte, ou seja o meio que lhe proporcionou aquilo que encara como sua ação política desde que se afastou do Partido dos Trabalhadores.

Ao colocar sua candidatura como uma confluência destes fatores, Ricardo se exime de uma possível acusação de oportunismo, por ter voltado a atuar no partido e se candidatar a vereador logo em seguida, conquistando um cargo que foi pleiteado por muitos outros filiados e nunca conseguido. Também junta, agora em um único caminho, suas duas vias de atuação: a escola, com o apoio dos professores, que pode ser visto como o capital político acumulado por sua atuação, e do Partido dos Trabalhadores, que reconheceu nele, mesmo afastado, a pessoa que poderia representa-lo.

Outro argumento utilizado por Ricardo reside em sua compreensão de que o partido precisava dele naquele momento. Descreve um Partido dos Trabalhadores como desmantelado e desanimado:

O que aconteceu é que a gente acabou sendo candidato do partido, estava assim desmotivado e desestruturado e não tinha candidato para nenhum vereador e muito menos pra majoritária, prefeito ou vice. Então se a gente não fosse candidato o partido não teria candidato, então deixaria numa mesma que estava vindo nos últimos anos, sem participação na vida política de Santa Helena...¹¹⁰

O fato do partido ter perdido seu registro como diretório, atuando apenas a partir de uma comissão provisória, a fala de outros filiados que manifestaram em suas

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Ibidem.

entrevistas certo cansaço em relação as suas atuações no partido, assim como o fato de não ter candidatos lançados nos últimos processos eleitorais, permite que compreendamos os elementos juntados por Ricardo para construir sua compreensão. O que não nos exime de ter buscado compreender os motivos que o levaram a necessidade de elaborar uma justificção para o acontecido.

Ao passo que constrói um grupo de interesses que lhe levou a candidatura, tem também a preocupação de responder a eles pela confiança que depositaram em sua candidatura e, por extensão, em sua pessoa. Assim, sua narrativa torna-se um espaço de diálogo com a esfera pública. Diferente dos tons percebidos nas outras entrevistas, onde o tom da conversa remetia a uma fala mais intimista entre duas pessoas, Ricardo fala como se do outro lado do gravador estivessem todos aqueles deram suporte a sua campanha e seu voto.

Esta preocupação pode ser notada nos seguintes excertos:

A gente pretende fazer um bom trabalho, voltando assim pro trabalho do partido como um todo, ajudando a administração com essas lideranças e fazendo dessa maneira que o partido cresça no município, o partido já teve várias iniciativas, mas nunca teve êxito nessas iniciativas, então a gente pretende fazer esse trabalho...

[...]

Então a gente tem uma responsabilidade, a gente está vendo não é fácil e difícil, a gente ver que cada um quer ocupar um espaço, então a gente tá tendo dificuldade para ocupar os espaços e precisamos ir com bastante cautela, trabalhar bem e ocupar, com o tempo, mais espaço pro partido poder crescer. O objetivo é realmente fazer esse bom trabalho, fazer o partido crescer e realmente mostrar que o Partido dos Trabalhadores pode ajudar e já o município perdeu não tendo uma representação do partido ao longo do tempo.

[...]

A gente realmente liberou um tempo especial para realizar o trabalho de vereador, a gente vai fazer um bom trabalho, com dedicação com bastante empenho.¹¹¹

Estas falas, feitas em diferentes momentos da entrevista, demonstram esta preocupação em usar o espaço da entrevista para reafirmar seus compromissos e sua responsabilidade em cumprir com eles. Portanto sua narrativa se torna, além de um

¹¹¹ Ibidem.

depoimento para a pesquisadora, uma janela de diálogo que atende a sua necessidade de afirmação das pautas que assumiu como candidato.

Interessante notar que sua interlocução ocorre com dois grupos. Um deles é constituído por eleitores e apoiadores em geral, agrupados por ele em membros da comunidade e membros da categoria dos professores, como já vimos. E o outro é o partido em si. É notável sua preocupação em dizer que vai aproveitar sua condição de vereador para fortalecer o Partido dos Trabalhadores e tornar seu trabalho visível para a comunidade como um trabalho do partido, para que possam ver o que seu partido pode oferecer-lhes.

Esta preocupação me faz retornar ao argumento anterior, onde propus que Ricardo tem a necessidade de justificar seu nome como candidato do partido. Comprometer-se em trabalhar pela legenda pode ser uma boa maneira de afirmar que a escolha de seu nome foi acertada.

Retomo aqui a fala que citei no início deste tópico, na qual Ricardo salienta o fato de ser o primeiro candidato petista a conseguir se eleger para um cargo público no município de Santa Helena. O faço para relacionar com sua fala no último conjunto de citações, no qual ressalta que seu mandato será instrumentalizado no sentido de honrar as muitas iniciativas que o partido já teve, porém ser obter êxito até então. Há portanto um senso de reponsabilidade por parte de Ricardo sobre o legado do partido no município, tomando-se como o herdeiro das lutas políticas travadas por seus companheiros de legenda.

Cabe lembrar que Ricardo foi o terceiro candidato a vereador mais votado do pleito de 2012. Seus 1001 votos, comparados com a casa dos duzentos que costumava ser atingida por outros candidatos do partido, reflete duas diferenças de sua candidatura em relação as anteriores: foi a primeira vez que o partido lançou candidatura para a câmara municipal compondo coligação na proporcional com outros partidos. O que permitiu que houvessem votos de legenda suficientes, angariados entre todos da coligação, e também que todos se unissem em torno de um nome e todos os votos direcionados ao Partido dos Trabalhadores fossem para uma única candidatura, permitindo um total individual maior.

A outra diferença que observo é que a mobilização da comunidade e da categoria profissional a que pertenciam o candidato foi de proporções maiores do que em casos anteriores. O que leva a sugerir que a eleição de um petista teve forte influência da imagem da pessoa e não do partido em si. Seguindo esta linha de raciocínio o afastamento da legenda, que Ricardo tenta justificar, possivelmente tenha contribuído para atrair votos que não iriam para figuras tradicionalmente associadas ao partido.

2.4 Jerry Antônio Dotto – “... eu era a cota de discussão do PT...”

Jerry Antônio Dotto é nascido em Santa Helena no ano de 1976. Tem dois cursos superiores, Direito e História, já tendo exercido profissionalmente as duas formações. Atualmente ocupa o cargo de procurador jurídico do município, função com status de secretaria na administração municipal.¹¹²

Embora santa-helenense de nascimento, ressalta a condição de migrante, mal sucedido, de seu pai que veio do Rio Grande do Sul para Santa Helena no período da colonização. Esta menção justifica a situação econômica frágil de sua família, fato que é utilizado para explicar por diversas vezes escolhas e situações de sua vida. Como o fato de ter começado a trabalhar aos treze anos como marceneiro para auxiliar no provimento da família. Até os dezesseis anos foi, além de marceneiro, “garçom, roçador de beira de BR, peão de prefeitura e tipógrafo”. A última ocupação foi fruto da ajuda de um amigo:

Mas um dia um pai de um amigo meu, o Bráulio, o pai dele era gráfico, ele era dono da gráfica Lagoa Azul aqui da cidade. Aí eu dormi na sala de aula, a piaçada sacaneou comigo, me amarrou na carteira e aí ele ficou com dó de mim, apesar de ter ajudado me amarrar, depois ele ficou com dó de mim por que eu dormia muito na sala de aula por que eu cansava. Trabalhava naquela época em beira de BR, carregava pedra, quebrava pedra com marreta, então chegava de noite moído e estava lá estudando no primeiro ano do segundo grau. Aí ele resolveu, eles precisavam de um ajudante na gráfica, ele resolveu me oferecer o emprego. Eu fiquei muito feliz por que era um emprego tranquilo, na sombra, mexia com tipos e tal...¹¹³

A afirmação de que ficou muito feliz com o novo emprego é uma forma de expressar a melhoria que isso significou em sua vida, mas também de reforçar uma infelicidade implícita ao fato de se ver obrigado a exercer atividades pesadas e

¹¹² Como lembra o próprio entrevistado, é a primeira vez que o PT ocupa um cargo na administração pública municipal em Santa Helena.

¹¹³ DOTTO, J. *Op. Cit.*

exaustivas e ainda assim ter que ir à escola à noite. Sua fala também exalta o esforço feito para estudar - “chegava de noite moído e estava lá estudando” - motivado pela mãe que afirmava que a única maneira dos filhos terem uma “vida melhor” que ela e o marido tiveram era estudando. O mote das dificuldades enfrentadas para conquistar as coisas que possuem é um lugar comum em narrativas de trajetória de vida. Vimos o mesmo tom empregado por Paulo, e o encontraremos novamente em outras falas.

Em 1994 Jerry prestou seu primeiro vestibular para História na UNIOESTE¹¹⁴. Segundo ele seu sonho desde a infância era cursar Direito. Mas como nenhuma universidade pública ofertava o curso na região não era possível seguir sua primeira opção. Faz questão de frisar que fez todos os seus estudos em instituições públicas, em consequência das condições financeiras da família. Em função de um erro no software que corrigiu as provas do vestibular Jerry foi considerado aprovado em um primeiro momento. Segundo ele até o ano anterior era necessário que o vestibulando não zerasse em nenhuma matéria para ser classificado no vestibular e ficar entre os primeiros quarenta classificados para ser aprovado. Mas o critério mudara para a obtenção de 0,3 em todas as matérias. O software que realizava a correção não fora atualizado corretamente o que gerou o erro em um primeiro momento, apontando-o como candidato aprovado. Mas obtivera apenas 0,2 em língua estrangeira, o que o desclassificou mesmo tendo atingido nota suficiente para ser aprovado entre os primeiros quarenta candidatos.

Jerry faz questão de frisar que atingira nota suficiente para ser aprovado, e que apenas por 0,1 décimo em língua estrangeira não conseguiu ingressar na faculdade naquele ano. Sua preocupação em apontar o 0,1 indica sua frustração e constrangimento por não ter sido aprovado em seu primeiro vestibular. O que é compreensível se levar em consideração a importância que estudar tinha em seu projeto de superação de sua condição financeira, e também no nível simbólico, para atender a expectativa da mãe que almejava que os filhos estudassem. No ano seguinte prestou novamente vestibular e ingressou no curso em 1997.

O destaque que dá em sua narrativa para a escolha do curso e a forma como ingressou na universidade está relacionado à importância do estudo em sua trajetória,

¹¹⁴ Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A graduação em História é ofertada pelo campus de Marechal Cândido Rondon, a 58 quilômetros de Santa Helena.

mas também ao fato de que sua opção pelo curso de História está intimamente ligada com suas opções no campo político, ambas se deram por razões muito próximas e foram construídas no mesmo espaço de sociabilidades. Sobre ter optado por cursar História disse:

...comecei por uma opção, por uma segunda opção, que existia uma matéria que embora não me desse muito bem no período de escola, de ensino fundamental, até reprovei um ano em História, no segundo grau, mas ela me chamava atenção, me instigava e eu tinha outros colegas que gostavam também. O Clovis Butzge, o Mauro e outros colegas que gostavam muito de debater, discutir a história e a gente na época costumava fazer esse debate da história, eu entrava meio de gaiato...¹¹⁵

Para além de uma afinidade com esta área do conhecimento, que lhe “instigava”, havia também a forte influência de sua rede de sociabilidades por meio dos “... colegas que gostavam muito de debater, discutir a história”. Descartada sua primeira opção, o curso de Direito, em função da impossibilidade financeira de bancar uma graduação em instituição privada, sua escolha se deu em razão de um vínculo estabelecido com a História em seu grupo de amizades. O mesmo grupo que lhe motivou às primeiras inserções em discussões e ações ligadas a política: “... em função deles acabava participando de movimentos estudantis, Grêmios Estudantil, movimentos da juventude...”.

Ainda sobre a conexão entre sua opção pelo curso de História e sua militância política, Jerry afirma que “...não há, nunca houve na verdade, a possibilidade de você ser um militante atuante na questão política sem estar diretamente discutindo também a História.” Esta frase indica a conexão entre suas escolhas, mas mais ainda a leitura que faz atualmente sobre essas escolhas. Embora suas opções tenham estado conectadas pelo conjunto de suas experiências e inserções sociais naquele momento, provavelmente Jerry não tinha a consciência clara da importância da reflexão histórica para uma ação política organizada e eficiente. Esta concepção é fruto do aprendizado acadêmico construído durante sua graduação e de sua experiência militante acumulada nos anos seguintes. Esta formulação que une de maneira intrínseca, para Jerry, o estudo da História e a atuação política é fruto de sua trajetória depois de realizada sua opção pelo curso e seu ingresso na política. Afirmar que o conhecimento histórico aprimora a experiência política também pode ser vista como uma ferramenta de legitimação de sua trajetória no campo político.

¹¹⁵ Ibidem.

Jerry ingressou no PT em 1994, aos dezoito anos de idade. Mas conta que já acompanhava e apoiava as ações do partido no município antes disso em função de seus vínculos de amizade:

E naquele período então, com 16 anos mais ou menos, eu acabei, por influência dos colegas, e até por uma questão de participar dos processos políticos, eu acabei me filiando ao PT. Mais ou menos em 1994. Acabei me filiando ao Partido dos Trabalhadores, lembro bem que na eleição de 88, se não me engano, o Alceu Gatelli foi candidato, na eleição que teve um pouco antes daquela que eu me filiei a Edi Hister foi candidata e eu acabei, embora ainda não votasse, acabei apoiando a ideia de ela ser candidata, eu era muito amigo do filho dela, o Elton, e eu acabei acompanhando esse processo em 92.¹¹⁶

Nesta fala reaparece a influência dos amigos e é possível localizar com mais pontualidade uma de suas origens. Jerry menciona Helton, filho de Edi Hister que era militante do Partido dos Trabalhadores e representou o partido nas eleições municipais de 1992. Adriana Hister, que foi colega de Jerry em um grupo de adolescentes ligado à Igreja, também é filha de Edi. Embora hoje não residam mais em Santa Helena e não estejam mais vinculados ao partido, Adriana e Elton também foram filiados, como pode ser constatado a partir da presença de seus nomes nos livros-ata do partido.¹¹⁷

Outra experiência da juventude que lhe conectou com a movimentação política foram suas inserções em atividades ligadas a Igreja. Estas atividades tinham, por um lado, fins religiosos e de inserção cultural como os descritos a seguir:

...tinha um grupo de adolescente chamado Adolescentes Seguidores de Cristo¹¹⁸. E eu juntamente com a Adriana Hister fomos os primeiros dirigentes desse grupo com treze anos de idade. Por que a ideia era essa mesmo, um grupo jovem, adolescentes formando lideranças novas. Essa participação nesse grupo ajudou a formar minha personalidade, o meu caráter cristão [...] festivais de canções sacras, outras coisas, festivais de teatro e outras situações que não época cativavam muito a juventude. Então a gente fazia parte de um grupo musical, eu tocava contrabaixo num grupinho de animação da igreja. E a gente gostava muito de participar.¹¹⁹

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Interessante mencionar que Edi é graduada em História e exerceu o magistério nesta área por muitos anos. O que ajuda a compreender o interesse pelas discussões sobre história existente em grupo de amigos que contava com a presença de seus filhos.

¹¹⁸ Embora Jerry fosse católico, este grupo era de caráter ecumênico. A outra pessoa mencionada, Adriana Hister, era da religião Adventista.

¹¹⁹ Ibidem.

Embora não ligados diretamente a questões políticas essas ações estimulavam sua vontade de participar de outras formas de organização social, nas quais se buscava algum tipo de debate ou ação coletiva de caráter social e/ou político. Como diz o próprio entrevistado esta inserção ajudou a formar sua personalidade. Considerando, a partir do conjunto de sua narrativa, que Jerry busca se apresentar como uma pessoa engajada e combativa, tem-se aqui um reconhecimento da importância de sua participação religiosa para isso.

Por outro lado esta inserção religiosa também proporcionava contato com pessoas inseridas na Igreja Católica e que tinham preocupações políticas muito fortes, o que exerceu uma influência direta em suas opções políticas:

...num período que a Igreja era muito mais participativa nos movimentos sociais. Nós tínhamos as Pastorais que hoje parece que não estão com essa força toda [...] Então essa participação na igreja, o contato com alguns padres, alguns seminaristas que tinham uma linha da Igreja libertadora, da Igreja que não era alienada ao sistema capitalista me cativou muito, ajudou a formar a minha personalidade. Mobilizações, movimentos e discutia muito a questão política.¹²⁰

Esta fala ajuda a perceber que sua inserção em discussões políticas também se deu por meio de sua participação em movimentos atrelados a Igreja e que estes influenciaram em sua opção específica pelo Partido dos Trabalhadores. Como já foi mencionado neste trabalho, Pastorais católicas e muitos padres e fieis ligados a Teologia da Libertação, referida por Jerry como Igreja libertadora, tiveram importantes participações na construção do PT e de seu projeto, assim como foram responsáveis por construir elos entre a população trabalhadora e empobrecida e o partido.

Outro elemento que dialoga com a militância de Jerry no Partido dos Trabalhadores é sua participação na Academia Cultural de Santa Helena. Após o fracasso nas eleições de 1992 alguns membros do PT compuseram um projeto que se propunha a estabelecer reflexões e ações no campo da cultura e da política no município. Em função de projetos voltados para o diálogo com a juventude a entidade se apresentou para Jerry uma possibilidade de atuar em iniciativas que para ele eram importantes como jovem, na área da comunicação, da educação e cultura. Seu contato inicial com a ACULT também se deu por meio de seus estreitos laços com Edi e Helton que estavam envolvidos no projeto em questão.

¹²⁰ Ibidem.

Entre 1994 e 1995 Jerry também participou do Movimento Integração e Desenvolvimento que congregava PMDB, PPB e PT em uma aliança política relacionada às eleições de 1996. O MID, como ficou conhecido, propunha diversos grupos de discussão com a população do município buscando construir um bloco de suporte para a coligação eleitoral das eleições seguintes. Havia um grupo específico para a aglutinação de interesses, e principalmente votos, da juventude. “eu era a cota do PT dentro da discussão [...] do MID Jovem.” Sua participação foi breve por não concordar com a forma que o grupo fazia política. Segundo ele “...na primeira reunião já foi no sentido de fazer artimanhas políticas que eu achava que não era legal.”

A atitude tomada neste momento pode ser relacionada a uma fala de Jerry quando discorre sobre outro assunto em sua entrevista, quando afirma que o PT já foi um partido pautado no referencial da ética e da moralidade. Embora não faça essa especificação quando fala do MID, é possível compreender sua discordância dos métodos ali empregados a partir de sua visão de que ser petista era, e para muitos ainda é, agir com ética e não com artimanhas.

A trajetória de Jerry dentro do partido é marcada por altos e baixos. Após participar das eleições de 1992 mesmo não sendo filiado, em 1996, quando já era membro do partido, não participou da campanha na qual o PT coligou-se com o PMDB e o PPB. No início daquele ano ganhou um carro em um bingo, com o dinheiro da venda do carro montou uma pequena empresa de sonorização de ambientes e carros de som. Embora continuasse trabalhando como gráfico, nas horas “vagas” cuidava de seu empreendimento pessoal.

Sobre o ano de 1996, Jerry destaca que “...durante aquele ano eu não estudei e me envolvi bastante com a questão política e trabalhava com sonorização de ambientes. E trabalhar era uma coisa que eu precisava muito, minha família era pobre, tinha que ajudar em casa e daí no ano de 96 veio a eleição.” É interessante aqui a ênfase dada pelo entrevistado na necessidade que tinha de trabalhar para ajudar sua família. Como foi apontado anteriormente, a situação financeira da sua família é um argumento constante ao explicar suas ações. Como foi possível perceber em relação a seus empregos braçais exercidos quando ainda era adolescente e em relação a sua determinação em estudar. Neste momento a necessidade de trabalhar explica sua atuação na campanha de 1996.

Jerry ofereceu à coligação composta pelo seu partido os serviços de sua empresa de sonorização, que foi recusado pela equipe responsável por essa atividade na campanha. Então “...como era uma questão de negócio, eu ofereci para a outra coligação. E eles aceitaram.” Por esse motivo comunicou ao seu partido que não participaria da campanha naquele ano, trabalharia nela prestado serviço de carro de som para a outra coligação. Assim, Jerry apresenta duas justificativas para sua atitude, a necessidade de trabalhar e a separação entre posição política e negócios.

Embora tenha construído para si uma forma de legitimar sua ação em razão da sua necessidade de trabalhar e a situação lhe oferecer uma oportunidade para isso, dentro do PT sua atitude não foi bem aceita por todo mundo. Sua volta ao círculo de discussões do partido se deu aos poucos.

No ano seguinte, 1997 Jerry ingressou na graduação de História após ser aprovado no segundo vestibular que prestou para o curso. Sobre seu período de graduação conta que participou do Diretório Central dos Estudantes da universidade como presidente da instituição no campus de Marechal Rondon onde estudou.

Nas eleições seguintes, 2000 e 2004, foi candidato a vereador pelo partido. Em 2000 em uma chapa independente para vereadores, mas coligados na majoritária com o PMDB, e em 2004 com candidaturas próprias tanto para vereadores quanto para prefeito. Jerry conta que neste período sua participação no partido era bem mais intensa do que fora na década de noventa. Foi candidato a vereador duas vezes, participou ativamente das decisões sobre quais posições o partido assumiria nas eleições, na construção das chapas e dos projetos que seriam apresentados aos eleitores. Em 2003 e 2004 foi presidente do diretório municipal do partido.

Como mencionado anteriormente, os debates em torno da posição do PT nas eleições de 2004 gerou fortes conflitos internos. O recurso do filiado Koserski ao diretório estadual a respeito do processo de realização e resultado das prévias internas, e a denúncia apresentada ao comitê de ética por parte de Alair Paludo, vencedor das prévias, contra Koserski por difamação, cindiram o partido gerando a saída de muitos membros. Além do impacto da derrota esmagadora nas eleições, que também fragilizou o partido.

Jerry se retirou em função da confusão criada em torno de seu nome e das críticas recebidas por ser o presidente do partido no período das referidas ocorrências. Ao defender a lisura do processo das prévias realizadas teve seu nome colocado, por aqueles que não acreditavam nessa lisura, como comprometido com as irregularidades que teriam ocorrido.

Entre 2003 e 2006 Jerry foi presidente do Sindicato Municipal dos Servidores Públicos do município.¹²¹ Diferentemente de Iolanda que foca sua narrativa em suas ações dentro do Sindicato dos Servidores Públicos, para Jerry sua participação no sindicato é apenas uma menção rápida, da mesma forma que sua participação no Diretório Central de Estudantes. São inserções políticas paralelas e momentâneas, que ocuparam menos espaço e importância em sua trajetória, mas que principalmente encontram menos espaço em sua narrativa. Certamente o conhecimento a respeito do foco do trabalho para o qual a entrevista estava sendo feita também encorajou mais a eloquência sobre o PT do que sobre outras inserções políticas, as quais não estavam diretamente relacionadas ao partido, embora as motivações e preocupações que levaram a participar de um e de outros possam ser as mesmas.

Ainda referente à sua participação no sindicato, Jerry afirmou que não foi capaz de transformar sua influência nesse meio, com aproximadamente 400 membros na época, em votos quando foi candidato a vereador, situação que o entrevistado abrange a outros filiados com inserções relevantes em entidades e que também não foram hábeis na captação de votos. Afirma que “... em função de não estar junto com estes grupos [o PT] não conseguia projetar isso de forma política a conseguir votos.” Ele como pessoa fazia parte do grupo, mas aponta para uma deficiência em converter participação pessoal em presença do partido dentro da entidade, para que fosse possível, em momentos de campanha, uma visão mais positiva em relação a sua posição como candidato pelo PT. E principalmente como um candidato que poderia se eleger.

Em 2010 Jerry se reaproximou do partido, agora formado em Direito, concluía o curso em 2009. Volta no momento em que o PT busca se reestruturar para participar das eleições seguintes, em 2012. Sua formação jurídica é aplicada a serviço de sua atuação política. Auxiliou na regularização das questões burocráticas do partido que estavam desatualizadas e participou das articulações da reedição da coligação entre PT,

¹²¹ Entre 2001 e 2002 foi vice-presidente da mesma.

PMDB e PP (antigo PPB). Na campanha, especificamente, atuou como coordenador do departamento jurídico. Atuação que lhe rendeu o atual cargo de procurador jurídico da administração formada pela coligação que saiu vitoriosa da disputa.

Da mesma maneira que sua formação em História foi mobilizada no auxílio de sua militância, ao afirmar que as duas se complementam na composição do debate político, sua formação em Direito também foi utilizada em contribuição ao partido e em ações de campanha da coligação integrada pelo PT. Há uma integração entre sua trajetória profissional e sua atuação política em sua experiência de vida assim como em sua narrativa.

A primeira frase de Jerry em sua entrevista é uma proposta de organização de sua narrativa, “então eu vou falar primeiro da minha própria trajetória de vida e depois a gente conversa mais especificamente sobre o partido.” ele busca estabelecer uma forma organizativa prévia para sua fala, informando a entrevistadora de sua escolha. Porém, já nos primeiros minutos de entrevista se apresenta uma simbiose narrativa entre o que chama de “minha própria trajetória de vida” e o partido. A organicidade entre os dois quesitos mostra que tal divisão é válida apenas na tentativa de expor de forma elucidativa sua trajetória, mas que em sua experiência, em sua memória e na construção de sentidos sobre ela não é possível estabelecer uma partição.

Para finalizar o diálogo com a narrativa de Jerry, é interessante notar que sua visão de atuação política está muito ligada à prática do debate e discussão de ideias. Localiza o início de sua vinculação política nos grupos de debates de sua adolescência e juventude. Ao falar de sua inserção na ACULT destaca a proposta da entidade de debater questões políticas e propostas culturais relacionadas ao município. Sua participação no MID é justificada como sendo “a cota do PT dentro da discussão”. A importância da História para a política é localizada na possibilidade de aprimoramento do debate a partir do conhecimento histórico.

2.5 Alair Paludo – “...a militância faz parte da minha vida, todos os lugares onde eu participei eu acabei militando.”

Alair Inácio Paludo é lojista no centro urbano do município de Santa Helena, tem quarente e seis anos. Nasceu no sudoeste do Paraná, morou em Medianeira,

Curitiba e está em Santa Helena desde 1992. Foi candidato a vereador, prefeito e deputado estadual pelo partido, não obteve êxito em nenhuma candidatura.

Tendo sido esta a primeira entrevista realizada para execução deste trabalho, sua feitura possui características diferenciadas que precisam ser consideradas para a análise da narrativa construída por Alair. Ainda com pouco traquejo para colocar os depoentes a par do trabalho e para conduzir a entrevista, a narrativa foi levada, com muito mais ênfase, pelo mote do entrevistado, que se preocupou em expor enfaticamente o que considera como suas práticas militantes. Diferente dos outros entrevistados que narraram suas histórias de vida, mesmo que com ênfase na sua relação com PT, Alair narra sua trajetória de militância.

O início de seu envolvimento político se dá partir do grupo de jovens da Igreja Católica em Medianeira. Entre as ações que participou dentro do grupo destaca movimentações pedindo a instalação de universidades no oeste paranaense na década de 1980. Para Alair a inserção no meio político começa no meio religioso, por meio do grupo de jovens, muitos anos antes de ingressar no Partido dos Trabalhadores:

A minha militância... embora a gente já tinha uma boa participação em grupo de jovens e era o princípio da discussão partidária, começou em Medianeira, através de grupo de jovens. Nós tivemos na época já alguns movimentos pedindo a vinda de universidades pra região oeste, algumas coisas assim, mas isso lá nos anos 80.¹²²

O termo “discussão partidária” é pouco preciso aqui, pela sequência de sua fala percebe-se que se refere à discussão política mais abrangente, já que seu contato com o partido vai se dar apenas em Curitiba. A participação no grupo de jovens gestou o interesse pela participação política e a ligação com a Igreja Católica auxiliou na aproximação com o espectro de esquerda do campo político.

Um maior estreitamento com a ação política se deu quando migrou para Curitiba para trabalhar nas lojas Pernambucanas e teve contato com a JOC, Juventude Operária Cristã, que possuía envolvimento com o movimento operário na capital paranaense. É a partir de seu ingresso na JOC, e da participação em uma classe de trabalhadores urbanos organizada, a dos comerciários, e das inserções posteriores que elas permitiram, que se percebe na narrativa de Alair que ele considera ter atingido certa maioria política:

¹²² PALUDO, Alair. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, janeiro de 2012.

Através da JOC, que era uma entidade internacional ligada à Igreja Católica, nós formamos em Curitiba doze subgrupos de trabalho e organizamos um congresso municipal que depois foi pra congresso nacional. Nesse congresso que a gente organizou e o subgrupo que eu participei era o subgrupo dos comerciários, até por que eu trabalhava nas Casas Pernambucanas, e aí a gente começou a organizar um grupo de trabalhadores do comércio, até para discutir e entender um pouco melhor como funcionava o nosso sindicato dos comerciários em Curitiba.¹²³

Ao dizer que a dinâmica de organização da JOC permitiu melhor conhecimento do sindicato de sua categoria, e a partir disso melhor inserção na luta sindical, Alair reconhece neste ponto de sua trajetória um amadurecimento de suas habilidades de atuação política. A partir desta melhor compreensão e capacidade de ação, que não é só sua, mas também do grupo que participa, concluem que o sindicato dos comerciários, que representava sua categoria, tinha uma atuação “pelega”.

O passo seguinte foi a formação de uma chapa para concorrer a direção do sindicato, na qual Alair era o presidente. Destacar na narrativa sua posição de presidente na chapa, a qual poderia ser ocupada por outro sindicalizado mais experiente, reitera a maturidade política que acredita ter atingido. Esta maturidade é endossada por sua participação na Central Única dos Trabalhadores da capital. Alair ressalta que neste mesmo momento o grupo de oposição do qual participava no sindicato passou a participar das discussões e mobilizações da CUT, e ele “... já tinha inclusive entrado na direção...”.

Embora sua chapa tenha perdido a eleição, de acordo com o narrador em função de fraudes eleitorais, o processo de participação em uma eleição de uma categoria organizada e volumosa lhe trouxe experiência e capital simbólico que foi utilizado para sua inserção no PT de Santa Helena quando se mudou para a cidade.

Esta eleição sindical ocorreu no ano de 1989, o mesmo da primeira eleição presidencial disputada pelo Partido dos Trabalhadores. A respeito da eleição presidencial Alair fala que:

Nesse período também teve a eleição pra presidente de 89, que foi junto, próximo a essa eleição do sindicato e eu acabei participando também ativamente da eleição pra presidente em 89. Assumindo mesmo regiões de campanha, formando grupos de trabalho, de colagem de cartaz em poste, na cidade de Curitiba que era na região de Campo Comprido, que era onde eu morava, então nós tínhamos uma área grande de trabalho, e tinha um grupo

¹²³ Ibidem.

grande de trabalho também. Também a gente acabou... eu acabei assim tendo umas participações interessantes nessa campanha de 89...¹²⁴

É a atuação na militância sindical que aproxima o entrevistado do Partido dos Trabalhadores já em Curitiba, antes de dialogar com o partido em Santa Helena, Alair já tinha contato e atuação em outro contexto. Em sua fala destaca a abrangência de sua atuação na campanha de um partido ao qual ainda não era filiado. Sua filiação só vai ocorrer em Santa Helena, situação que faz questão de frisar ao dizer que “e assim toda essa minha participação, essa militância, nunca tinha sido filiado a um partido, na verdade eu ajudava como militante mesmo.” A participação como simpatizante do partido e não como filiado também, de certa forma, agrega valor para sua atitude, pois é fruto de um comprometimento com a causa e não de uma obrigação com o partido.

A despreocupação com a filiação no partido indica uma preocupação maior com a causa que defendia, ligada aos interesses operários, do que com a instituição partidária. A aproximação do partido através do movimento sindical e a despreocupação com instituição partidária me conduzem a propor que a ligação com o Partido dos Trabalhadores era canalizada por sua origem sindical, assim como do candidato a presidente na pessoa de Lula. Sua inserção na CUT, que mantinha laços estreitos com o Partido dos Trabalhadores, também ajudava a estabelecer um caminho de ação política em direção ao partido.

Apesar da não filiação, tem a preocupação em salientar a importância de sua inserção na campanha. Isto pode ser percebido na narração que faz de uma pequena história na qual foi responsável por levar o candidato a vice-presidente, Paulo Bizol, a outra cidade, aonde faria comício depois de fazê-lo em Curitiba:

Quando o Bizol terminou o comício dele, ele queria saber quem ia levar ele pra Ponta Grossa, ele ia fazer um comício em Ponta Grossa. E aí na verdade o partido não era assim tão bem estruturado como hoje né, e no final das contas não tinha ninguém para levar ele. E na época eu tinha um fusca, e aí foi eu e um colega meu que nos ajudava na campanha e o Bizol.¹²⁵

O fato de não estar filiado não diminui o sentimento de comprometimento com a campanha, muito pelo contrário, sua participação é ainda mais valorizada na narrativa por ter sido “espontânea”. Não sendo filiado não tinha compromisso com o partido e os pleitos de que participava, mas ainda assim trabalhou arduamente.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem.

Alair só vai se filiar ao Partido dos Trabalhadores quando muda para Santa Helena, para montar com o pai uma loja de confecções. Alair afirma que sua filiação se deu em razão da necessidade do registro para contribuir como candidato. Mas lido também com a possibilidade de que sua filiação, ao chegar a Santa Helena, se deu pelo fato de ter perdido seu anterior espaço de atuação. Se em Curitiba atuava dentro da estrutura do sindicato, que lhe dava algum respaldo no sentido de pertencimento a um grupo organizado, quando chega a Santa Helena não tem mais o sindicato. Além da mudança geográfica, há também uma mudança de pertencimento social. Se em Curitiba Alair era comerciário e pertencia ao sindicato da categoria, em Santa Helena ele passa a ser proprietário de um estabelecimento comercial, não lhe cabendo mais a inserção em sindicatos de trabalhadores.

Alair precisava encontrar um novo espaço de atuação política, assim que chegou a cidade procurou saber quem eram as pessoas que formavam o PT ali e estabeleceu contato imediato com o partido. Era preciso, também, construir outras formas de inserção legítima no partido, agora que não era mais comerciário e não tinha um histórico de atuação com as pessoas que passaria a dialogar, sua experiência sindical e o fato de tê-la adquirido em uma cidade muito maior do que Santa Helena, em um espaço tido pelos petistas santa-helenenses como muito mais disputado e adverso, lhe deram credenciais para chegar de forma tranquila no partido da cidade. Nelson e Jerry, ao falarem em suas entrevistas sobre a chegada de Alair ao PT de Santa Helena, demonstram que o “currículo” trazido por ele lhe concedeu um passaporte de entrada no partido, assim como autoridade para influenciar nas decisões a serem tomadas.

Alair foi candidato pelo partido em 2000 a vereador, em 2002 a deputado estadual e em 2004 a prefeito, em condições que já foram detalhadas em item anterior. A influência que conseguiu construir dentro do partido garantiu que seu nome ocupasse as vagas de candidatura mais importantes disputadas pelo partido (deputado e prefeito), além de ter sido o candidato a vereador mais votado em 2000.

Há também mais visibilidade externa em torno de seu nome do que de outros filiados. Sua condição de lojista contribui para isso, colocando-o em uma posição que

tem contato com muitas pessoas de diversos setores da sociedade. Sua participação na ACULT e na rádio comunitária mantida por esta entidade também proporcionam isso.¹²⁶

No período em que cursou sua graduação, também na área de História, entre 1998 e 2002, Alair também foi presidente do Diretório Central dos Estudantes e membro do Conselho Universitário da UNIOESTE, onde estudou. Neste período, mais especificamente em 2001, a universidade passou por uma greve longa na qual Alair destaca sua participação na organização. Sua experiência universitária é apresentada como mais um campo de inserção de sua atuação política, antes mesmo de falar sobre sua entrada na universidade já destaca sua atuação política dentro dela.

A forma como narra sua trajetória, guiada pela sequência temporal de seu envolvimento com diversos movimentos sociais e políticos, atribuindo o mesmo valor a atuação em todos eles, embora reconheça o amadurecimento de sua atuação ao longo do caminho, indica que o pertencimento ao Partido dos Trabalhadores não é um elemento com significado predominante em sua experiência de ação política.

O mote que predomina em sua leitura sobre sua experiência política está relacionado à prática da militância em si, independente do espaço de atuação, seja ele em uma célula religiosa, no sindicato ou no partido político. Além de estes elementos poderem ser subtraídos do contexto de sua narrativa, Alair também fala de forma mais explícita a respeito:

A minha militância mesmo, não só partidária, mas em busca de uma sociedade justa, melhor, ela não é só do Partido dos Trabalhadores, ela começa muito antes disso, isso começa lá quando nós tínhamos nosso grupo de jovens que era a Unijovens lá em Medianeira. Quando eu fui pra Curitiba, participando da JOC, do movimento sindical. Então era não era só visando o partido, mas uma hora a gente chega à conclusão que muitas coisas que acontecem na sociedade dependem do processo eleitoral, quem a gente elege e o que vai ser feito, por isso também da minha decisão de acabar me filiando no partido e assumindo determinadas candidaturas.¹²⁷

A manutenção desta postura pode ser percebida quando o entrevistado fala sobre sua atuação política na atualidade. Afirma que não tem mais interesse em participar ativamente do Partido dos Trabalhadores, considera que fez sua parte militando, disponibilizando seu nome para candidaturas, com contribuições financeiras

¹²⁶ Tanto as entidades como a participação de Alair junto a elas serão melhor exploradas no terceiro capítulo.

¹²⁷ *Ibidem*.

e etc. Sua fala indica que está se retirando da atuação partidária, mas não da atuação política, continua como diretor da Rádio Comunitária do município: “... já vai pra dez anos que sou o diretor da Rádio Comunitária aqui do município. É outra bandeira que a gente assumiu numa postura de levar informação para a comunidade...”.

A partir da leitura que apresenta da própria ação política, considerada de dedicação intensa e fruto de uma preocupação social com uma “sociedade mais justa”, Alair constrói um modelo ideal de militante que estaria em extinção:

Eu acho que o que se perdeu um pouco hoje foi aquela.... aquela militância que se fazia né. Então eu vejo que se hoje você pede pra alguém ajudar, o cara pede quanto vai ganhar. E na época nos trabalhávamos de dia pra ter dinheiro pra comprar maisena, soda, pra poder colar, pra comprar gasolina pra montar um grupo pra ir pra algum lugar. Tu não estava preocupado se tu ia ter que dar dez ou cinquenta reais aquele mês, e não era mensalidade, dizimo ou qualquer coisa, era contribuição, era pra fazer um adesivo, um dá dez, outro dá cinco, outro dá cinquenta e a coisa sai. Hoje vejo assim que embora melhorou, embora todo mundo melhorou um pouco de vida, pra fazer qual coisa tem que ver o que vai dar, o que vai me render. Então essa militância acabou sendo perdida um pouco, então nisso eu sinto que nós andamos pra trás.¹²⁸

Essa fala define sua própria militância. Busca caracterizar sua trajetória de ações políticas como altruísta e verdadeira, colocando um modelo ideal para as ações de outras pessoas, deslegitimando outras formas de ação e reafirmando a sua como ideal.

Olhando o conjunto das trajetórias, percebe-se que ao explorar as diferentes formas de narrar suas experiências dentro do Partido dos Trabalhadores fica visível que o ingresso na legenda e as formas de atuação dentro dela são tão diversas quantos forem as personagens e trajetórias pensadas.

No início desta reflexão busquei nas narrativas um fenômeno histórico que fosse comum a todas as trajetórias e que fosse capaz de explicar como e por que todas aquelas pessoas haviam se mobilizado para fundar o Partido dos Trabalhadores em Santa Helena, ou por quais razões haviam se juntado a ele depois.

Em minha hipótese inicial supunha que a movimentação política causada pelos movimentos sociais relacionados aos impactos da formação do lago de Itaipu, haviam criado um grupo de egressos que buscaram no Partido dos Trabalhadores um meio de aprimorarem ou continuarem suas causas.

¹²⁸ Ibidem.

Depois de dispender muito tempo debruçada sobre as narrativas e cansar de procurar nelas, e em outros lugares, pistas que confirmassem minhas pretensões, percebi que minha visão sobre o objeto se tornara obtusa em função do apego a um mito idealizado do surgimento do partido, um mito que eu mesma criara e alimentara.

Ao conseguir lançar um olhar mais aberto e receptivo as múltiplas histórias que as narrativas têm para contar foi possível perceber que cada sujeito com quem dialogo neste trabalho tem suas próprias motivações para ter abraçado o Partido dos Trabalhadores como mecanismo de luta social e política. Assim como estabeleceu diferentes relações com ele.

CAPÍTULO III– Novos Projetos e Velhos Sonhos: a relação dos militantes com as mudanças ocorridas no projeto petista

Este capítulo tem por objetivo perceber como os militantes entrevistados se relacionam com as mudanças de projeto ocorridas ao longo da trajetória do Partido dos Trabalhadores e como avaliam as ações do partido no governo federal, considerando que estas ações são pautadas em uma proposta política que sofreu muitas transformações desde o fim da década de 1970 e a década de 1980, momento em que o partido se constituiu e que muitas destas pessoas ingressaram em suas fileiras.

Para este fim o texto busca, em um primeiro momento, acompanhar as mudanças ocorridas a partir de documentos públicos lançados pelo partido. Escolheu-se documentos públicos em função de serem instrumentos de comunicação do partido com seus membros e com a população em geral, sendo assim, foi o conteúdo destes documentos, dentre outros, que auxiliou na construção da imagem do partido que atraiu estas pessoas.

O primeiro documento é a Carta de Princípios, lançada em maio 1979, na qual os grupos que articulavam o PT levaram a público a primeira proposta de projeto político do partido. O segundo é a Declaração Política, de outubro do mesmo ano, mas que já apresenta algumas mudanças em relação ao primeiro documento. O fato de terem sido lançados por grupos diferentes, que disputavam o projeto do partido, é considerado importante para demonstrar que desde o início este estava em disputa e em constante transformação. O terceiro é a Carta ao Povo Brasileiro, lançada em junho de 2002, às vésperas da quarta eleição presidencial disputada pelo partido e a primeira vencida. A opção por este documento se justifica por sua força simbólica ao colocar publicamente as mudanças de projeto do partido, tendo como objetivo afirmar a capacidade do PT em manter compromissos de uma agenda a qual se opusera com tanta veemência em outros momentos, e assim romper com a forte oposição de grupos que antes combatera.

Em um segundo momento, analiso diversas entrevistas buscando perceber se e como os militantes em questão percebem as mudanças de projeto do partido a que pertencem. De que forma significam sua percepção sobre esse fenômeno em função de suas trajetórias dentro do partido. Para isso recupero algumas entrevistas já discutidas no primeiro capítulo e apresento, também, novas narrativas.

3.1 Cartas de Princípios – 1º de maio de 1979

O primeiro documento lançado com o objetivo de publicizar e debater a formação do Partido dos Trabalhadores se deu em 1º de maio de 1979. A ideia de formação de um partido já havia sido lançada publicamente em janeiro do mesmo ano no IX Congresso dos Metalúrgicos, Mecânicos e Eletricitários do Estado de São Paulo, ocorrido na cidade de Lins-SP. Durante o mês de fevereiro líderes sindicais se reuniram para deliberar sobre uma carta que anunciaria a proposta do partido, com o objetivo de acelerar o processo de formação do mesmo.¹²⁹ A carta foi distribuída no dia 1º de maio, nos estados de SP, MG, RJ, RS, CE e BA, em função da comemoração do dia do trabalho.

De acordo com Keck:

A intenção declarada do comitê era, em seguida, recolher sugestões das bases sindicais para, depois, realizar encontros de comitês estaduais durante o mês de junho, o que, por sua vez, levaria à formação de uma comissão nacional encarregada de redigir uma plataforma final. O grupo pretendia registrar o PT no tribunal eleitoral em 25 de maio¹³⁰.

Assim, a Carta de Princípios seria uma apresentação inicial do partido que daria suporte às discussões de base sobre qual seria sua plataforma de ações. Embora a intenção alegada pelos líderes sindicais¹³¹, que a redigiram e lançaram, era a de promover um debate democrático nas bases, outros sindicalistas e tendências, como a Convergência Socialista, inseridas na construção do partido e que disputavam seu projeto, alegaram que o lançamento de um documento, produzido apenas por algumas

¹²⁹ Conforme COELHO, E. *Uma esquerda para o capital* Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado apresentada ao PPGH da UFF. Niterói, 2005.

¹³⁰ KECK. *Op. Cit.* Pg.102.

¹³¹ Os principais nomes da redação da Carta de Princípios eram “Henos Amorina, representante dos metalúrgicos de Osasco; Jacó Bittar, pelos petroleiros de Paulínia, SP; Paulo Skromov Matos, representando os operários do setor de couros de São Paulo; Robson Camargo, um dirigente do sindicato dos artistas de São Paulo, e Wagner Benevides, dos petroleiros de Belo Horizonte”. Ibidem. Pg.101.

pessoas, atropelava o processo democrático de debate popular sobre a formação do partido¹³².

É recorrente no documento a definição do momento histórico vivido e da importância dele para o debate sobre a formação de um partido de trabalhadores. A sociedade brasileira é definida como “baseada na exploração e na desigualdade de classes”, o que tornaria essencial a organização dos trabalhadores em um espaço de luta que lhes fosse próprio e independente de qualquer amarra atrelada às elites. Fruto das contradições de classe, as greves iniciadas em 1978 eram o início da luta emancipadora da classe trabalhadora. O processo grevista teria lhes proporcionado um amadurecimento político e fortalecimento de suas lideranças, que podiam ser vistos na aplicação de métodos “clássicos de luta”, como as assembleias gerais, fundos de greve e piquetes, cada vez mais fortes e organizados.

Ao passo que os trabalhadores se mobilizavam e avançavam em suas lutas, o governo e os patrões também se organizavam para fazer frente à força e conquistas da classe trabalhadora:

Diante da força da greve do ABCD, os patrões e o governo precisaram dar-se as mãos para impedir o fim da política do arrocho salarial e o fim das estruturas semifascistas que tangem nossos sindicatos. Os patrões usam de todos os meios a seu alcance para quebrar a unidade dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que se recusam a reconhecer os acordos obtidos no período das greves fabris. O governo desencadeia sua repressão: os sindicatos são invadidos e suas direções destituídas oficialmente, enquanto nas ruas a polícia persegue os piquetes e tenta impedir, pela violência, que os trabalhadores consigam local para se reunir¹³³.

O contra-ataque das elites, por meio de governo e empresários, colocaria a necessidade premente do aprofundamento das estratégias de ação da classe trabalhadora. Os sindicatos, que organizavam as greves responsáveis pelos avanços até ali, não seriam mais suficientes para dar suporte à nova fase de enfrentamento, por que não seriam capazes de prover uma organização política:

...o apoio que os metalúrgicos conseguem dos demais trabalhadores, embora seja suficiente para impedir que a repressão se aprofunde e faça produzir um recuo parcial, carece de maior consequência, devido, é claro, não à inexistência de um espírito de solidariedade, mas sim devido às limitações

¹³² Ibidem. Pg.103.

¹³³ PARTIDO DOS TRABALHADORES. Carta de Princípios. 1979. Disponível em http://www.pt.org.br/downloads/categoria/documentos_historicos/P30. Acessado em novembro de 2013.

do movimento sindical e à inexistência de sua organização política. Tanto isso é verdade que as lideranças da greve são obrigadas a se escorar no apoio, muitas vezes duvidoso, de aliados ocasionais, saídos do campo das classes médias e da própria burguesia.¹³⁴

Assim, a formação do Partido dos Trabalhadores seria uma necessidade estratégica para que fosse possível dar continuidade as lutas dos trabalhadores no campo dos direitos trabalhistas, da organização sindical, das conquistas sociais, mas também para que suas ações pudessem ser estendidas ao combate do regime ditatorial. Conquistando assim uma democracia que garantisse a inclusão da classe trabalhadora na política institucional, aonde poderiam se auto representar sem depender das alianças “duvidosas”.

A respeito daqueles que se proclamavam defensores dos trabalhadores, mas eram considerados duvidosos, a Carta de Princípios menciona o PTB e o PMDB. Quanto ao primeiro, afirma-se que se trata de um partido apresentado às pressas pelas classes dominantes com o objetivo de cooptar os trabalhadores para dentro de uma organização política dirigida pelas elites e, portanto, por seus interesses. Mas que os trabalhadores já estavam de sobreaviso e não se deixariam iludir por tal proposta.

Quanto ao PMDB, a carta reconhece sua importância para a manifestação do repúdio popular ao regime durante a vigência do bipartidarismo, assim como a presença de políticos realmente alinhados aos interesses dos trabalhadores em seus quadros. Mas que isso não impediria que fossem apontadas suas deficiências para cumprir a “tarefa histórica” que se colocava para a classe trabalhadora:

O MDB, por sua origem, por sua ineficácia histórica, pelo caráter de sua direção, por seu programa pró-capitalista, mas, sobretudo por sua composição social essencialmente contraditória, em que se congregam industriais e operários, fazendeiros e peões, comerciantes e comerciários, enfim, classes sociais cujos interesses são incompatíveis e nas quais, logicamente, prevalecem em toda a linha os interesses dos patrões, jamais poderá ser reformado. A proposta que levantam algumas lideranças populares de “tomar de assalto” o MDB é muito mais que insensata: é fruto de uma velha e trágica ilusão quanto ao caráter democrático de setores de nossas classes dominantes.¹³⁵

A desqualificação de outros partidos que buscavam ocupar, junto a classe trabalhadora, o espaço de representantes legítimos da causa operária, opera ao mesmo tempo a construção de legitimidade do Partido dos Trabalhadores. Este se coloca como

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ Ibidem.

único interlocutor possível dentro do horizonte de opções que se colocavam naquele momento. Se o processo de democratização fosse estabelecido por meio de um acordo de elites, o regime ditatorial seria substituído por uma democracia formal e parlamentar sem qualquer compromisso com a solução dos problemas que afligiam o povo. Além disso, seria uma democracia débil abrindo margem para o retorno de formas autoritárias, tão comuns na história do Brasil.

Embora não pudessem ser reconhecidos como representantes legítimos dos trabalhadores, outros grupos políticos que se colocassem em oposição ao regime não deveriam ser rechaçados da luta pela democracia:

O PT considera imprescindível que todos os setores sociais e correntes políticas interessados na luta pela democratização do país e na luta contra o domínio do capital monopolista unifiquem sua ação, estabelecendo frentes interpartidárias que objetivem conquistas comuns imediatas e envolvam não somente uma ação meramente parlamentar, mas uma verdadeira atividade política que abranja todos os aspectos da vida nacional.¹³⁶

A desqualificação de outros partidos leva à questão de quais seriam as características que colocavam o PT como representante legítimo da classe trabalhadora. Primeiro, por que “o Partido dos Trabalhadores é um partido sem patrões”, a presença exclusiva de trabalhadores garantiria a defesa absoluta dos seus interesses. Segundo, por que a estrutura interna do partido se basearia no debate popular de todas as ações e decisões partidárias, respeitando inclusive o direito a frações internas. Terceiro, por que a atuação parlamentar institucional do partido, embora importante por colocar a classe trabalhadora dentro do jogo político, seria sempre subordinada à ação contínua do partido no atendimento as necessidades cotidianas e de organização de suas bases.

No que diz respeito ao componente socialista do projeto do Partido dos Trabalhadores, a Carta de Princípios apresenta uma combinação peculiar de socialismo e democracia: “o PT afirma seu compromisso com a democracia plena, exercida diretamente pelas massas, pois não há socialismo sem democracia e nem democracia sem socialismo”.¹³⁷ A afirmação de coexistência entre os dois conceitos no projeto que o partido apresentava pode ser compreendido, também, a luz do momento vivido pelo país. Em um contexto em que se buscava o fim de um regime ditatorial e que o anseio democrático era extremamente forte, é compreensível por que se fazia tão necessário afirmar um

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Ibidem.

compromisso sólido com os valores democráticos. Sobretudo quando havia a presença do fator socialista, historicamente relacionado a regimes totalitários.

A preocupação em afirmar a ligação entre um possível projeto socialista e os valores democráticos também tem a marca do grupo que redigiu o documento. Elaborado pelo grupo de sindicalistas comprometidos com o novo sindicalismo, a Carta de Princípios traz em seu bojo discussões que foram estabelecidas dentro daquele movimento e trazidas por esses sujeitos para dentro do projeto de um partido de trabalhadores. Como foi visto na introdução, as lutas por liberdades sindicais abriram caminho para reivindicações das liberdades civis em um espectro social mais amplo, indo de encontro à manutenção do regime ditatorial.

A presença do componente socialista pode ser compreendida pelo fato de que a Carta de Princípios foi elaborada pela ala dos “radicais”, representando seu ponto de vista no que dizia respeito a qual seria a posição ideológica do Partido dos Trabalhadores. Porém este era um tópico ainda muito debatido internamente entre os diferentes grupos que compunham o novo sindicalismo e se direcionaram para o partido. Lideranças pertencentes a outras frações do movimento sindical afirmavam que o PT seria um espaço de formação política e debate, no qual os trabalhadores decidiriam qual seria o caminho que o projeto do partido tomaria.¹³⁸

Cyro Garcia¹³⁹ afirma que embora termos marxistas estivessem presentes em documentos iniciais do PT, como a Carta de Princípios, e o socialismo fosse reivindicado pelo partido, havia uma ambiguidade sobre esse tema. Podendo ser atribuída a questões legais, ligadas à clandestinidade de grupos socialistas, ou a falta de maturidade do debate dentro partido.

Destinada a levar a ideia de formação de um partido de trabalhadores para as bases, angariando apoio e estimulando o debate, a Carta de Princípios além de apresentar a proposta inicial do que seria o partido, também pode ter seu texto entendido como uma busca pela justificação do debate e da construção do partido. O documento busca afirmar que aquele era o momento histórico certo, pois havia uma situação de transição, com o processo de distensão do regime, que possibilitava a entrada dos

¹³⁸ OLIVEIRA, I. *Op. Cit.* Pg. 129.

¹³⁹ GARCIA, Cyro. *Partido dos Trabalhadores: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem.* Tese de doutorado apresentada ao PPGH da UFF. Niterói: 2008.

trabalhadores na disputa pelo projeto de democracia para o país. E os trabalhadores estavam preparados para enfrentar essa tarefa, pois vinham fortalecidos dos processos de greve. Além disso, só os trabalhadores poderiam ser responsáveis por essa tarefa, pois a “massa trabalhadora [é o] único e verdadeiro sujeito e agente de uma democracia efetiva”.

3.2 Declaração Política – 13 de outubro de 1979

No mês de outubro de 1979, em São Bernardo do Campo, foi lançada a Declaração do Partido dos Trabalhadores. De acordo com Keck¹⁴⁰, “a proliferação de indivíduos e grupos que pretendiam falar em nome do PT, especialmente entre a esquerda organizada” agiu como motivador para que os grupos sindicalistas envolvidos na formação do PT resolvessem lançar o partido.

Cerca de cem pessoas, entre sindicalistas, intelectuais e parlamentares, resolveram formar uma comissão nacional provisória para o partido e lançar a chamada Declaração Política. Resolveu-se também pela realização de encontros regionais e de um encontro nacional em cento e vinte dias. As disputas internas e a expectativa do fim do bipartidarismo, que se deu no mês seguinte, apressaram as ações para a efetivação do partido. Via-se como necessário que o PT deixasse de ser apenas uma ideia em debate e se tornasse oficialmente um partido.

O encontro em São Bernardo definia quem seria “o pai da criança” formando uma comissão provisória que colocava oficialmente quem representava o Partido dos Trabalhadores, isso desautorizava, em certa medida, as outras tendências internas e dava ao grupo dos sindicalistas, maioria dentro da comissão provisória¹⁴¹, além da representação oficial, uma vantagem institucional na disputa pelo projeto do partido.

A Declaração Política, diferentemente da Carta de Princípios, não era mais uma carta de intenções com ideias colocadas para debate, sua função era apresentar, de

¹⁴⁰ KECK, M. *Op. Cit.* Pg. 108.

¹⁴¹ “A Comissão Nacional foi composta basicamente por sindicalistas, mas de seis estados diferentes. Dois eram de sindicatos de trabalhadores rurais, quatro metalúrgicos (três de São Paulo, inclusive Lula), dois petroleiros, dois professores, dois bancários, um gráfico, um jornalista, um da indústria de couros, um parlamentar. Pelo menos quatro destes se tornariam, alguns anos depois, lideranças da corrente Articulação: Luis Dulci, do sindicato dos professores de Belo Horizonte, Olívio Dutra, Jacó Bittar e Lula.” COELHO, E. *Op. Cit.* Pg. 57.

forma mais madurecida e definida, o partido e seu projeto. Enquanto a carta não tinha um emissor que se identificasse claramente ao longo do texto, passando a ideia de que vinha do movimento popular envolvido com a discussão da criação do partido como um todo, a Declaração Política tem já em seu primeiro parágrafo a assinatura da comissão provisória criada para o partido. Assim este documento assume uma característica muito mais institucional do que o anterior, e a existência de uma instituição já estabelecida coloca a discussão sobre o partido em outro patamar.

A Declaração tem seu texto organizado em três momentos, sendo que o primeiro fala “sobre as origens do PT”. Enquanto a Carta de Princípios, de apenas seis meses antes, falava da necessidade de criar um partido e das condições favoráveis que estavam colocadas para a realização e tal tarefa, na Declaração o tema aparece como uma retomada dos acontecimentos, colocando-os como efetivados, e não em construção:

A prática dessas lutas – que a Ditadura não conseguiu impedir – criou as condições para os primeiros passos na ruptura de alguns dos principais mecanismos repressivos em que se apoiou o regime de 1964: arrocho salarial e a proibição do direito de greve.

Foi com o desenvolvimento dessas lutas que surgiu o PT, pois tendo de enfrentar o peso brutal da concentração de poder do Estado, que se voltou abertamente contra os seus mais legítimos interesses, tornou-se claro para os trabalhadores que só a sua luta econômica, ainda que muito importante, é insuficiente para garantir as aspirações de melhoria de vida para a maioria do povo brasileiro.¹⁴²

Neste momento o PT é dado como formado e em vias de oficialização. Este documento *declara* a posição que o partido ocupa no espectro político do país e quais são os seus projetos. Está ultrapassado o momento em que o partido precisa ser justificado, como visto no documento anterior, agora ele se apresenta. Se antes o momento histórico e as lutas dos trabalhadores eram usados como argumentos para justificar a movimentação para formar o partido, agora estes elementos são narrados como a história de origem do partido, apesar de serem recentes.

O segundo momento do documento aborda “o movimento pelo PT e os sindicatos”, no qual afirma a necessidade de independência política entre os sindicatos e

¹⁴² PARTIDO DOS TRABALHADORES, COMISSÃO COORDENADORA PROVISÓRIA. *Declaração Política*. São Bernardo do Campo: 1979. Disponível em http://www.pt.org.br/downloads/categoria/documentos_historicos/P30. Acessado em novembro de 2013.

o Partido dos Trabalhadores, pois movimento sindical deve ser independente não só do Estado, mas também de qualquer interesse partidário. Por isso defende-se a formação de uma Central Única de Trabalhadores, na qual seja possível que os sindicatos se mobilizem de forma organizada e independente.

Tendo nascido das lutas reivindicatórias dos trabalhadores, o projeto de constituição do PT não se confunde, entretanto, com o movimento sindical. Defendemos, intransigentemente, a autonomia e a independência dos sindicatos e de todos os movimentos sociais, não só em relação Estado, como também em relação aos partidos políticos.¹⁴³

A menção a formação de uma central de trabalhadores independente se relaciona com a preocupação constante, nos debates e documentos do partido, com o direito dos trabalhadores assalariados em geral se organizarem de forma livre e independente, sem a tutela do governo ou represálias dos empregadores. Afirmar que os sindicatos devem ser independentes, inclusive, do Partido dos Trabalhadores mantém coerência com o discurso de liberdade frente a outras organizações. A preocupação com a formação de uma central de trabalhadores também é sintomática da força exercida pelos sindicalistas na comissão provisória formada e na disputa pelo projeto do partido.

O terceiro item do texto se refere ao “PT e a reformulação partidária”. Embora coincidissem com as discussões sobre a reforma partidária que viria a reinstaurar o pluripartidarismo, o documento faz questão de reafirmar que o Partido dos Trabalhadores não era uma iniciativa pertencente ao processo de distensão controlada gerido pelos dirigentes do regime ditatorial:

A proposta do Partido dos Trabalhadores não nasceu do projeto de reformulação partidária dos dirigentes do governo. Sua legitimidade advém, portanto, das bases operárias e populares que se juntaram na sua construção e não das leis outorgadas de cima para baixo, às margens da soberania popular.¹⁴⁴

Esta afirmação faz eco a preocupação já presente na Carta de Princípios, na qual se buscava diferenciar o PT dos outros partidos que se afirmavam na luta pela democracia, como o PMDB e o PTB. Embora aqui não sejam mencionados os partidos, segue a preocupação com definição de que o PT não é democrático só por que quer o fim do regime ditatorial, mas também por que se construiu de maneira democrática entre os trabalhadores. Para reforçar sua postura democrática consta também uma

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Ibidem.

afirmação a respeito do direito de todos, independentemente de seu pertencimento ideológico, a organização política livre.

Em seu último item o documento discute “o movimento pelo PT e a questão da frente [de oposição]”, onde se afirma a necessidade de unir “todas as forças democráticas para que se organizem numa ampla frente de massa contra o regime ditatorial”. Esta afirmação também retoma a discussão feita na Carta de Princípios, na qual já se afirmava que era imprescindível que todos que se opusessem a ditadura se unissem. No entanto, está presente a ressalva quanto a manutenção da individualidade de cada corrente política:

...[é] indispensável preservar-se o direito de cada corrente política se organizar independentemente e de acordo com os seus princípios próprios. Esse direito é, em realidade, uma condição do fortalecimento dessa frente que, hoje, mais do que necessário, é urgente, para que se possa romper o isolamento político que o regime quer impor às diferentes forças sociais e políticas de oposição.¹⁴⁵

A Declaração Política é encerrada com uma lista de bandeiras colocadas pelo partido, que abarcam direitos trabalhistas, direitos civis e liberdade política:

- Contra a extinção arbitrária dos atuais partidos políticos e pela mais ampla liberdade de organização e manifestação político-partidária;
- Contra a política salarial do governo e pela contratação coletiva de trabalho;
- Por um salário mínimo real, nacional e unificado;
- Estabilidade no emprego;
- Liberdade e autonomia sindical;
- Pelo direito de greve;
- Por uma anistia que atinja todos os perseguidos do regime.¹⁴⁶

Por fim, a proposta geral colocada pela Declaração é afirmar o PT como um partido político capaz de organizar todos os movimentos sociais que lutavam por uma democracia efetiva, pautada nos direitos dos trabalhadores e gerida por eles, libertando-se do jugo econômico e político exercido pelas elites e seu governo compincha. Reafirmava que o Partido dos Trabalhadores seria um partido exclusivo destes, sem a presença de patrões que pudessem tolher a liberdade de organização ou corromper a luta pelos direitos dos explorados pelo capitalismo.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem.

Embora mantivesse a defesa intransigente dos direitos sociais, políticos e trabalhistas de todos aqueles que vendem sua força de trabalho e sobrevivem do assalariamento, o termo socialismo e a proposta de construção de uma sociedade socialista não estão presentes na Declaração Política como estiveram na Carta de Princípios. Esta é a principal diferença entre os dois documentos e já coloca em evidência a trajetória de mudanças do projeto do partido.

Como dito anteriormente, a Carta de Princípios foi elaborada pelos sindicalistas denominados radicais, que tinham uma proposta de partido mais agressiva e um vínculo mais acentuado com a ideologia de esquerda. Já a Declaração Política, como afirmado por Coelho, foi feita pela comissão provisória que contava com a presença de Lula, figura importante para a exclusão da discussão socialista do documento, e de outros futuros membros da corrente interna denominada Articulação, que se tornou hegemônica dentro PT e imprimiu a ele suas ideias, moldando a trajetória de mudanças no projeto petista rumo a um afastamento da independência de classe e do espectro de esquerda que tinha em seu início¹⁴⁷.

3.3 Cartas ao Povo Brasileiro – 22 de junho de 2002

Lançada por Lula em vinte dois de junho de 2002, a Carta ao Povo Brasileiro simboliza as grandes mudanças pelas quais o projeto petista passou ao longo de sua trajetória. Lançada em ano eleitoral, quando Lula concorria à presidência pela quarta vez, a Carta ao Povo Brasileiro sintetizou em um documento, oficial e publicamente, os novos compromissos assumidos pelo partido, muito distantes daqueles assumidos na Carta de Princípios e na Declaração Política.

Se em 1979 e 1980 a mudança pretendida pelo partido residia em “acabar com a exploração do homem pelo homem”¹⁴⁸, um posicionamento contundente contra a lógica do capitalismo que se alimenta da exploração do trabalho, em 2002 a mudança pretendida residia em “mudar para crescer, incluir, pacificar. Mudar para conquistar o desenvolvimento econômico que hoje não temos e a justiça social que tanto almejamos”¹⁴⁹. A mudança, agora, residia em uma gestão diferente do modelo capitalista para torna-lo mais eficiente e

¹⁴⁷ COELHO, E. *Op. Cit.*

¹⁴⁸ PARTIDO DOS TRABALHADORES. Carta de Princípios. 1979. Disponível em http://www.pt.org.br/downloads/categoria/documentos_historicos/P30. Acessado em novembro de 2013.

¹⁴⁹ SILVA, Luis I. da. *Carta ao Povo Brasileiro*. São Paulo: 2002.

inclusivo, e não em sua subversão. O fim da exploração, uma solução definitiva, é substituído por políticas sociais, uma medida paliativa.

Se antes o inimigo residia em uma escala estrutural, sendo os padrões e o governo que lhe servia, agora o problema é restringido ao governo anterior que não foi eficiente em sua administração: “o que se desfez ou se deixou de fazer em oito anos não será compensado em oito dias. [...]É o enorme endividamento público acumulado no governo FHC que preocupa os investidores. Trata-se de uma crise de confiança na situação econômica do país, cuja responsabilidade primeira é do atual governo”.¹⁵⁰ O que o país precisa é de um novo projeto de gestão do sistema financeiro, capaz de lidar de forma competente com o capitalismo.

Se a carta de Princípios e a Declaração Política dialogavam com a classe trabalhadora, e buscavam colocar o PT como seu representante legítimo e exclusivo, na Carta ao Povo Brasileiro é estabelecido um diálogo com “todos os que querem o bem do Brasil”, há uma mudança no interlocutor e a clivagem de classe é completamente suprimida, a classe trabalhadora dá lugar ao Brasil.

Isso fica evidente nas pautas colocadas como prioridades de um possível governo petista. Elas dialogam com questões que interessam a diferentes setores da população, os marginalizados economicamente que precisam de emprego, de terra e de habitação. Assim como com os setores “produtivos”, que se preocupam com segurança energética, reforma tributária e posição na política internacional:

[fazer] o Brasil voltar a crescer, a gerar empregos, a reduzir a criminalidade, a resgatar nossa presença soberana e respeitada no mundo. [...] O caminho da reforma tributária, que desonere a produção. Da reforma agrária que assegure a paz no campo. Da redução de nossas carências energéticas e de nosso déficit habitacional. Da reforma previdenciária, da reforma trabalhista e de programas prioritários contra a fome e a insegurança pública.¹⁵¹

Os novos compromissos assumidos atendem, além do empresariado, a demandas do mercado financeiro ao afirmar preocupação com a exportação, com o superávit primário e com a administração das dívidas interna e externa, as quais se compromete honrar. Em termos de construção do texto, estas preocupações são muito mais presentes do que as menções a políticas sociais. Além de perder espaço na proposta do partido, a classe trabalhadora teve sua promessa de autonomia política e fim

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Ibidem.

da exploração de sua força de trabalho substituída pela inclusão no mercado de consumo interno e por políticas assistenciais.

O tom do novo discurso petista é o da aliança de classe em nome do crescimento do país com “desenvolvimento econômico” e “justiça social”:

A crescente adesão à nossa candidatura assume cada vez mais o caráter de um movimento em defesa do Brasil, de nossos direitos e anseios fundamentais enquanto nação independente. Lideranças populares, intelectuais, artistas e religiosos dos mais variados matizes ideológicos declaram espontaneamente seu apoio a um projeto de mudança do Brasil. Prefeitos e parlamentares de partidos não coligados com o PT anunciam seu apoio. Parcelas significativas do empresariado vêm somar-se ao nosso projeto. Trata-se de uma vasta coalizão, em muitos aspectos suprapartidária, que busca abrir novos horizontes para o país. [...] O novo modelo não poderá ser produto de decisões unilaterais do governo, tal como ocorre hoje, nem será implementado por decreto, de modo voluntarista. Será fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade.¹⁵²

Esta mudança radical, que vinha acontecendo processualmente no projeto do partido, e sua expressão na Carta ao Povo Brasileiro não era gratuita, tinha como objetivo tornar o partido palatável para a presidência da república, desmobilizando a oposição que vinha do empresariado e do mercado financeiro:

O programa de governo de Lula refletia as preocupações do partido em mostrar, principalmente para a classe dominante, que estava maduro para ganhar as eleições e assumir o governo central do país. Mas nem todos estavam convictos disso [...] ainda havia muita desconfiança em setores da burguesia sobre o verdadeiro caráter de um Governo Lula. Apesar de todas as demonstrações já dadas de adaptação do partido à lógica neoliberal, ainda havia o passado de Lula e as relações do PT com os movimentos sociais. E é no sentido de dirimir estas dúvidas que surge a famosa “Carta ao Povo Brasileiro”, documento no qual Lula vai reafirmar com clareza os seus compromissos de campanha na busca de um novo modelo econômico.¹⁵³

Os compromissos assumidos na Carta ao Povo Brasileiro surtiram efeitos, em 2002 o PT conseguiu eleger Lula como presidente da república e mostrar o que tinha, na prática, para oferecer ao país. Em seguida será discutido como os militantes entrevistados para esse trabalho percebem e lidam com essas mudanças.

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ GARCIA, C. *Op. Cit.* Pg.174.

3.4 As mudanças de projeto do PT na narrativa de seus militantes

Edi Terezinha Hister, professora de história aposentada, participa do Partido dos Trabalhadores de Santa Helena desde 1990. Recorre a lembranças antigas para explicar sua aproximação com o Partido dos Trabalhadores e opção por ele. Sua primeira preocupação é em definir por que se interessa por política:

Por que eu venho de uma família que tinha sempre uma discussão política em casa, né? Meu pai e meu avô eram adversários políticos na época que eu era criança. E de vez em quando meus pais e meu avô, eles discutiam política e se desentendiam muitas vezes. Por que o meu pai era muito mais conservador, era sempre mais favorável aos, na época, o regime militar na época, os partidos que estavam no governo na época do regime militar. E o meu avô sempre era mais, meu avô era sempre mais... como eu vou dizer... uma pessoa assim mais... digamos progressista, uma linha mais progressista e meu pai mais conservador.¹⁵⁴

Ao ter que narrar sua relação com a política e com o Partido dos Trabalhadores, Edi precisa buscar uma explicação que faça sentido para si, e que também pareça ser capaz de convencer seu ouvinte. Para isso recorre às memórias de sua infância quando o pai e o avô debatiam dentro da casa da família sobre política. Não é possível dizer com que frequência e impacto isto ocorria, mas é possível perceber a dimensão da importância que esta disputa doméstica tomou na leitura que Edi faz de sua trajetória. Na narrativa construída por ela, isto se torna o pilar do seu interesse pela política.

Edi afirma que por causa do contato precoce com o debate político dentro de sua casa ela “já tinha a política dentro de si”, mesmo antes de participar efetivamente de alguma organização com este fim. Este raciocínio leva a narradora a naturalizar seu envolvimento político, suas experiências apenas refletem este “dom”, em vez do movimento inverso, onde as experiências construiriam o envolvimento político.

Se este fato “colocou a política dentro dela”, mas ainda era preciso explicar por que ela assumiu as inclinações políticas do avô e não de seu pai.

E já a partir de 1986, já votava, né, pros candidatos do partido, que eram poucos na época, mas já estava influenciada por uma linha política mais progressista, né? Que vinha assim né com, digamos assim com, com uma proposta de mudança para o país. Eu via que essa ditadura, essa falta de liberdade de expressão, esse amarramento (sic) que havia, eu senti que isso não fazia bem. Então eu não me sentia bem, me sentia frustrada muitas vezes, atuando em escola, em salas de aula e vendo que a política funcionava

¹⁵⁴ HISTER, Edi. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, sete de fevereiro de 2013.

dessa forma, então ali fui influenciada realmente, na minha vida acadêmica, ali realmente foi uma decisão de partir para um partido mais progressista da linha esquerda, foi ai que eu me filiei ao Partido dos Trabalhadores em 1990.¹⁵⁵

Edi afirma que tomou conhecimento do PT durante sua faculdade, o início da aproximação se deu na academia, mas o aprofundamento de sua ligação com o partido foi fruto de sua profissão. Na condição de professora afirma que não se sentia bem com as imposições da ditadura e as formas assumidas pela política a partir dos partidos que controlavam os espaços de poder.

Ao afirmar que sua condição de professora a motivava a fazer a escolha pelo Partido dos Trabalhadores, que na sua visão seria uma alternativa aos grupos tradicionais do poder, Edi retira o magistério do âmbito das simples profissões. Ele se torna também uma missão, imprimindo na pessoa que o exerce um dever que ela se sentia compelida a cumprir. Portanto o Partido dos Trabalhadores era o caminho para a ação política que acreditava ser sua obrigação.

Portanto, seu ingresso nas fileiras do partido estava relacionado às propostas que eram colocadas por ele em seu início, principalmente a construção de uma sociedade democrática advinda de uma ruptura completa com o regime ditatorial por meio da ação popular. Era desta ação que Edi queria fazer parte.

O termo “progressista da linha esquerda” usado pela professora, recorrente em vários momentos de sua fala, está em sintonia com a fala que o Partido dos Trabalhadores assumia no momento narrado pela entrevistada (década de 1980), quando seu projeto representava um avanço em relação à condição do país naquele momento, e tinha uma aproximação com discussões de esquerda. Embora a fala oficial da legenda tenha se modificado e abandonado seu tom classista que a aproximava da esquerda, na narrativa da militante se mantém as ideias que eram apresentadas no momento em que se engajou ao partido, pois este momento e seus símbolos representam em sua memória as causas que abraçou e sua luta por elas.

Sobre as mudanças na prática atual do partido, em relação ao projeto inicial ao qual se vinculou quando ingressou no PT, Edi reconhece as transformações e busca motivos que as expliquem:

¹⁵⁵ Ibidem.

Assim como teve que fazer alianças, eu acredito que... que eu vejo assim, que eu aprendi também isso, é que um partido sozinho não consegue governar um país, que não vai governar um país pra ele. E a princípio quando eu entrei no partido parecia que nós íamos conquistar o governo do Brasil para governar pra nós, o PT, mas isso não funciona dessa forma. Porque nós temos tantos pensamentos, tantas ideias nesse país, tantas filosofias de vida, tantas pessoas que pensam de outras formas, que não teria como o PT governar... só o PT governar. Essa aliança inclusive a gente sabe que têm coisas que não funcionam bem, têm coisas que...¹⁵⁶

Para Edi as mudanças que ela percebe na prática do PT, em relação ao projeto inicial, são consequências das alianças feitas para que fosse possível governar, até por que não seria correto que um partido administrasse só segundo seus pressupostos. As alianças, em vez de uma consequência das mudanças de projeto que se elaboraram no interior do PT, são encaradas como o motivo dessas mudanças, que seriam causadas, portanto, por um fator externo e em nome de um objetivo maior, a possibilidade de governar e fazer algo pelo país. Apesar das transformações e de não ter colocado em prática um projeto de mudança mais profundo, Edi considera que o governo petista alcançou avanços com sua forma de governar, como o aprofundamento do Bolsa Família, a multiplicidade de projetos disponibilizados pelos ministérios aos municípios e organizações civis, possibilitando a obtenção de recursos que atendam a demandas localizadas e que não podem ser vistas e atendidas diretamente pelo governo federal. Portanto, os elementos da proposta inicial do PT que ficaram para trás são relevados em nome das melhorias que Edi atribui ao governo petista, e que segundo ela não teriam sido possíveis pelas mãos de outros partidos.

Para a também professora Beatriz Helfensteler¹⁵⁷, sua aproximação com o Partido dos Trabalhadores se deu a partir de duas situações experienciadas ao longo de sua trajetória de vida. A primeira diz respeito a sua educação, tanto por parte da escola quanto por parte da família, que estimulavam uma “reflexão crítica” sobre a sociedade. Interessante perceber que, para Beatriz, um olhar crítico significa ter a capacidade de ver que um partido que representava a classe trabalhadora seria mais adequado ao objetivo de agir politicamente, ao menos dentro dos seus horizontes.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Beatriz é nascida no RS, migrou para Santa Helena em 1994. Embora já simpatizasse e votasse no partido antes, só se filiou quando chegou a Santa Helena. Fez faculdade de pedagogia na UNIOESTE e é professora de seres iniciais. É casada com o também filiado Nelson Antonio Giroto.

A segunda diz respeito a sua convivência, durante sua juventude na década de 1980, com a irmã adotiva que é pastora luterana. Conta que acompanhava a irmã em seus trabalhos com as comunidades que atendia como pastora, e o contato com a realidade do povo e as ações da irmã com objetivo de auxiliar, também motivaram preocupações com questões sociais. Considerando sua opção pelo PT, mais uma vez pode-se perceber que o partido é colocado como o espaço correto para a ação política para quem tem como preocupação a população trabalhadora. Embora ainda não fosse filiada ao PT naquela época, já se identificava com o projeto e votava no partido.

Sua relação com o Partido dos Trabalhadores neste momento era mediada também pelo conflito com seus adversários:

[eu] ia junto nesses trabalhos que tinha nas comunidades do interior, a gente tinha bastante proximidade então com as pessoas, muito mais com agricultores até do que na cidade, e eu lembro que traços assim muito fortes eram de assim... falando politicamente, de partido, político-partidária, era muito forte numa determinada época o PDS e aí se dizia os partidos de esquerda, e eu lembro num dos locais no RS onde que morava, onde foi justamente a primeira campanha do Lula e a primeira vez que eu votei também, e com algumas pessoas que a gente tinha convivência era muito forte, eles eram muito direitistas [...] E eu lembro assim que a gente era policiado e muito criticado por que as pessoas intitulavam a gente de petista, não exatamente que eu... não sou filiada há muito tempo no partido, mas como a gente já tinha uma visão, uma outra visão de sociedade que se buscava melhorias e precisava passar por isso justamente, então a gente era rotulado assim, petista.¹⁵⁸

Ao passo que narra a estigmatização sofrida por meio do uso pejorativo do termo “petista”, Beatriz também mostra que a recíproca era verdadeira. Embora não demonstre consciência da via de mão dupla assumida por este conflito, sua maneira de se referir aos opositores como “os direitistas”, manifesta que ela e seu grupo de afinidade política também faziam tábula rasa das ideologias e projetos do outro grupo. Devolviam na mesma moeda a estigmatização chamando-os desta forma.

Ao trazer para sua narrativa o tratamento pejorativo e o descrédito político que ela e seus companheiros de militância sofriam em função de suas opções políticas, Beatriz reestrutura o que foi usado como crítica a si em elementos de sua identificação com o Partido dos Trabalhadores. Rememorar em sua narrativa esse processo de

¹⁵⁸ HELFENSTELER, Beatriz. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

estigmatização demonstra como a disputa ideológica com outros grupos foi importante para definir seu sentimento de pertencimento ao Partido dos Trabalhadores.

Além da questão social que lhe atraiu para o partido, Beatriz compartilha com Edi o reconhecimento da importância do PT para a instauração de uma democracia completa e efetiva:

Hoje se a gente for analisar assim está se colhendo os frutos e se tem muito ainda para construir, foi apenas um começo. Que tem coisas que a gente tem resquícios lá da ditadura militar, em escolas eu vejo muito isso. Temos várias situações, várias... inclusive parte do funcionamento da educação é ainda daquela época se for analisar.¹⁵⁹

Beatriz afirma que ainda vivenciamos resquícios significativos da ditadura, o que implica na sugestão de que, para a narradora, os grupos políticos que exerceram a administração do país, desde o processo de redemocratização até a ascensão do Partido dos Trabalhadores à presidência da república, faziam parte de um mesmo projeto de permanência. O que equivale a dizer que o processo de construção de uma democracia verdadeira só se tornou possível a partir do Partido dos Trabalhadores, recuperando aqui um dos discursos fundacionais do partido, que afirmava que só um partido independente da classe trabalhadora poderia construir uma democracia verdadeira e para todos.

Passado mais de vinte anos da formação do partido, e depois de abandonada a ideia de um partido de classe trabalhadora, para Beatriz a proposta democrática do PT ainda faz sentido e consegue vê-la na prática governista do mesmo. Sua avaliação positiva se estende também a outras questões e é reiterada espontaneamente diversas vezes ao longo da entrevista:

O começo já foi dado, assim questões sociais, questões econômicas, né? Que o país tá... Alguns não admitem, não querem falar, mas tá indo muito bem graças a Deus. Mas ainda temos muito pra construirmos, assim eu me sinto feliz por minimamente fazer parte desse conjunto. [...] já houve muitos avanços desde que o PT está na presidência. E eu acredito, que vamos colaborar com isso também, que continue havendo, e a educação é uma delas. Só que assim o trabalho agora, já nesses... Oito, dez anos, ele talvez vá aparecer, digamos assim, concretamente melhorias, daqui uma década, duas décadas, isso não é... Tão rápido assim, né? E eu vejo isso nas escolas, coisas assim que... Está sendo construído, mas que não pra agora não, vai talvez aparecer melhorias já, mas que nós que vamos colher os frutos daqui pra frente.¹⁶⁰

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ Ibidem.

Nesta fala Beatriz menciona onde residem os acertos que vê no governo do PT. Enumera questões sociais, questões econômicas, a educação, afirmando que o país está indo “muito bem”. O uso do advérbio indica que há um forte contentamento com o que está vendo na prática do PT. O fato de considerações como esta aparecerem espontaneamente em sua fala e repetidas vezes, também indica que há uma vontade de expressar sua aprovação, apesar de possíveis falhas que são justificadas com argumentos como o de que os resultados de muitas práticas corretas de agora só serão colhidos em médio prazo. Esta pode ser uma forma de justificar a ausência de mudanças estruturais como as que eram propostas pelo partido na década de 1980. Assim essas propostas continuariam colocadas, mas só aparecerão no futuro, e se o futuro não pode ser confirmado, também não pode ser desmentido, permitindo a continuidade na crença de que o PT estaria cumprindo com os projetos que atraíram Beatriz.

Outra forma que a entrevistada encontra para justificar possíveis falhas reside na dinâmica de funcionamento do jogo político:

Então eu vejo assim, essas pessoas que assumem uma presidência da república, com aí seu grupo trabalhando, elas enfrentam inúmeros problemas, por que desde aí... Por exemplo, de deputados. Tal grupo de deputados tem tal interesse, outro grupo é duma... Da educação privada, outro grupo é de grandes empresas, enfrentar tudo isso, né?¹⁶¹

A divergência de interesses entre os múltiplos grupos, que disputam o espaço do Estado com olhos no atendimento de suas demandas, é colocada por Beatriz como um empecilho para a realização do projeto completo que o PT teria, no qual ainda estariam presentes os elementos originais. Esta visão exposta por Beatriz remete a fala onde Edi afirma que existem múltiplas ideias e projetos para um país e que um partido não pode se apossar do governo seguindo unicamente seus próprios pressupostos. As duas colocações buscam uma forma de atribuir a elementos alheios a vontade do PT a responsabilidade por questões que estavam presentes no projeto do PT, quando ambas ingressaram nele, e que não estão presentes na prática governista atual.

Para Alair¹⁶² a leitura estabelecida sobre as mudanças ocorridas entre o projeto original do partido e o seu projeto atual no exercício do governo é mais agressiva. Ao ser perguntado a respeito o entrevistado afirma que há uma desilusão quanto ao projeto posto em prática pelo PT quando assumiu o governo federal:

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² Alair Inácio Paludo já teve sua trajetória apresentada no primeiro capítulo.

Em 89 quando eu comecei a atuar mais na política na verdade a gente tinha uma utopia, que país nós queríamos construir, que país nós queríamos, e uma coisa é assim..., eu percebo principalmente sendo empresários no comércio, é uma coisa o que você sonha, que você quer, e outra coisa é o que é possível, então isso tá muito assim implícito na área administrativa. E *eu quero acreditar* que a trajetória do presidente Lula, e agora da Dilma passem por isso. Uma coisa é o que se quer e outra coisa é o que é possível. *Eu quero acreditar nisso*. Agora tem muita decepção, e isso é o que talvez faça com que a gente se aposente mais cedo, pelo menos da militância.¹⁶³

Diferentemente de Edi e Beatriz, Alair enxerga grandes mudanças entre o país que ele sonhava construir por meio de sua militância no PT e o projeto de país colocado em prática pelo partido quando o objetivo principal da luta de seus militantes foi alcançado, a presidência da república. Para lidar com a decepção sofrida em função destas mudanças o entrevistado construiu uma interpretação sobre a forma como a política e administração pública funcionam “na realidade”. E este funcionamento está distante da terra dos sonhos que se construiu para o partido e para o país. Interessante notar que ao se deparar com a prática de um novo projeto de sociedade, Alair relegou o projeto antigo, que embora transformado para o partido ainda segue o mesmo para ele, a um mundo de sonhos que não é possível de ser realizado. E se não é possível realizar fica mais fácil aceitar que ele não tenha sido posto em prática.

Quando Alair fala, por duas vezes, que é nisso que ele quer acreditar isso demonstra que há uma necessidade consciente de construir uma forma de aceitação para o ocorrido, para que seja mais fácil lidar com a desilusão causada ao perceber que o projeto pelo qual militou não está mais em voga nos planos do partido. Essa necessidade consciente expressa por Alair não está presente na narrativa de Edi e Beatriz, na narrativa de ambas a realização do possível é suficiente para atingir as expectativas que tinham com o partido e em relação a suas militâncias dentro dele. Ambas expressam orgulho por terem participado das conquistas alcançadas, em detrimento da desilusão pelo que não foi atingido.

Embora Alair expresse certa desilusão com o caminho que o projeto e as ações do partido tomaram, ele aponta também as coisas que acredita terem sido conquistadas pelo país por ter um governo petista:

Eu não posso reclamar que não teve acertos, eu acho que o governo acertou. Teve seus erros? Teve, mas teve muito mais acertos do que erros, então o

¹⁶³ PALUDO, A. Entrevista concedida a SCHMIDT, D. Santa Helena, janeiro de 2012.

governo acertou. A sociedade melhorou, o país cresceu, desenvolveu, tá melhor, se a gente por pegar assim em todos os níveis nós melhoramos e isso foi bom. E eu só acredito que isso aconteceu por que foi o Partido dos Trabalhadores que assumiu o Brasil, senão não teria acontecido...¹⁶⁴

O reconhecimento dos acertos, apesar de sua decepção, pode indicar um exercício de separação entre o sentimento de mágoa, que tem em relação ao rumo que o projeto de seu partido tomou, e questões práticas relacionadas a atitudes que considera acertadas. Assim como também pode indicar que, embora reconheça suas decepções, Alair precisa encontrar pontos positivos resultantes de sua trajetória de militância pelo partido, para que sua história de vida não se veja fundada em um projeto que degingolou completamente. Mas o saldo entre as decepções e o reconhecimento de acertos não parece positivo, tanto que Alair afirma que em função das decepções pensa em se “aposentar da militância”.

Assim como Alair, Jerry¹⁶⁵ também expressa em sua narrativa um desgosto decorrente das mudanças de projeto que o PT operou ao longo de sua trajetória:

E hoje, como diria o Lula nos bons tempos, “a luta continua companheiro”. Nós ainda estamos lá. Lógico que a luta mudou bastante, o próprio Lula mudou bastante. Hoje não é mais o Lulinha do sindicato do ABC, é o Lulinha paz e amor. O PT precisou fazer essa mudança. Eu entendo que o PT precisou fazer essa mudança, senão não estaria no poder hoje. Ele ainda era tido como um grupo radical de esquerda, como a gente olha hoje a Luiza Helena, Marina Silva, esses grupos. Que há um lado que agente inveja, por que há um lado poético da coisa...¹⁶⁶

Diferentemente de Alair, Jerry não acena para a retirada da atuação política, afirma que “a luta continua”, mas o reconhecimento das mudanças assumidas pelo partido em seu projeto não é menos evidente e segue a mesma lógica da necessidade, afirmando que o partido precisou se afastar de suas propostas mais agressivas para se tornar um aspirante viável ao poder. Ao falar que inveja o “lado poético” de grupos políticos que teriam se mantido mais próximos a esquerda, Jerry revela que ainda mantém um apego aos projetos antigos do PT. Embora afirme compreender por que o partido teve que abandoná-los sua fala demonstra que sua identificação com eles ainda se mantém.

¹⁶⁴ Ibidem.

¹⁶⁵ Jerry já foi apresentado no capítulo anterior.

¹⁶⁶ DOTTO, J. *Op. Cit.*

Assim as mudanças se justificam para que o partido pudesse ter a chance de governar e colocar em prática aquilo que fosse possível, apesar dos projetos que foram sendo deixados ou transformados pelo caminho Jerry afirma que “de uma maneira geral, se você for olhar, for somar tudo na balança, nós temos um juro menor, a taxa SELIC no Brasil é a menor da história...” então o resultado pode ser considerado positivo. Repete-se aqui o balanço entre as coisas que são consideradas conquistas do partido e aquilo que se esperava, mas não foi feito em razão de algum fator externo ao partido:

O que dá para fazer dentro do capitalismo é tentar amenizar a desigualdade social. Que é o que o PT vem tentando fazer desde 2002. Então assim, sob uma ótica marxista, socialista, nós podemos dizer e o PT perdeu a identidade. Mas sob uma ótica de entender se melhorou ou não melhorou a vida da população dentro do capitalismo com o PT no poder, nós podemos dizer que melhorou. De uma maneira geral nós temos números que provam isso. Embora não resolveu todos os problemas, eu acredito que não vai resolver nunca, em função de que a lógica do capitalismo não vai permitir que resolvam esses problemas.¹⁶⁷

Para Jerry, o fator externo que limita a ação do partido no sentido de atingir as expectativas que eram colocadas para ele, enquanto um partido com vinculações marxistas, é o capitalismo. Sendo o capitalismo um modelo social e econômico que não permite o fim da exploração do homem pelo homem, como estava colocado no projeto inicial do Partido dos Trabalhadores, o que resta é a possibilidade de amenizar as desigualdades e melhorar a vida da população, o que teria sido feito de acordo com Jerry. E seria este o limite do possível, pois a “lógica do capitalismo” não permite que se vá além.

Jerry reforça seu argumento afirmando que se, em um cenário alternativo, o PT tivesse implantado o socialismo o resultado poderia ter sido duvidoso, pois as experiências de socialismo que se têm, como Cuba e URSS, se mantêm com base em ditaduras, o que não considera como aceitável. Lembra ainda que o projeto do PT, mesmo em seu início, não era unânime em torno do socialismo, tendo em seu interior diferentes ideias, e que a proposta vencedora foi reformista e não revolucionária. Para Jerry o caminho seguido se mostrou correto, considerando o cenário histórico brasileiro, pois se tivesse seguido uma proposta socialista “... o partido enquanto governo não sobreviveria. Seria o fim do PT.”

¹⁶⁷ Ibidem.

Na narrativa de Iolanda¹⁶⁸ se evidencia um desgaste muito mais profundo na relação com o partido em função das mudanças que identifica em seu projeto e em sua postura. Convém lembrar que Iolanda se aproximou e ingressou no partido apenas no fim da década de 1990, seus elos iniciais de identificação com o partido são diferentes e não possuem uma marca ideológica tão intensa como no caso dos outros militantes¹⁶⁹, como pode ser visto quando fala de sua entrada no partido e de suas motivações:

O PT estava no auge, era um partido que tinha assim... era um partido do futuro, a gente via que ali... a gente assim tinha aquele entusiasmo. Ahh nós vamos mudar o país, nós vamos mudar o município, nós vamos... tinha essa visão, eu pelo menos eu e muitos dos meus colegas tínhamos essa visão de que o partido era o... que o PT era um partido diferente, a gente sempre via isso e a gente criticava alguns partidos, que eram os partidos que eram mais antigos, que davam a impressão assim que aqueles partidos já eram os partidos corruptos, eram partidos que não tinham...¹⁷⁰

De acordo com a entrevistada sua filiação ocorreu em função do Partido dos Trabalhadores apresentar uma possibilidade de mudança em relação ao panorama político que se sustentava naquele momento. Manifesta empolgação em torno da figura de Lula e da perspectiva diferenciada de política que ele representava. Iolanda não menciona afinidades ideológicas ou propostas políticas mais específicas, sua preocupação residia em um espaço partidário em que pudesse estender sua ação sindical. Portanto o mote de sua aproximação com o partido estava na novidade que ele representava por nunca ter ocupado o governo federal, ou estado aliado a algum grupo já estabelecido no Establishment do poder nacional.

Fora do partido há aproximadamente dez anos, filiada atualmente no PMDB, ao expressar sua opinião sobre a postura atual do partido Iolanda demonstra uma visão muito diferente da que tinha quando ingressou no partido:

¹⁶⁸ Iolanda já foi apresentada no primeiro capítulo.

¹⁶⁹ Iolanda afirma que seu ingresso no partido se deu em função da proximidade com outras pessoas que pertenciam ao partido. Embora esta discussão já esteja presente no primeiro capítulo é importante retomá-la aqui.

¹⁷⁰ ALVES, Iolanda. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 20 de fevereiro de 2013.

na época agente que achava que o PT era o melhor partido que tinha, agora você vai ver que houve assim... Tá sendo muito criticado, os governos do PT não conseguiram fazer aquilo prometiam, que achavam. Que a gente achava que o PT ia solucionar o problema do Brasil, na época lá que o Lula foi candidato e depois foi presidente e continua agora, o PT continua na cúpula, continua no topo lá com a presidente. Mas eu acho assim que o país melhorou muito em alguns aspectos.¹⁷¹

Afirma que o Partido dos Trabalhadores não conseguiu cumprir com as propostas que fez para o país, apesar de estar no poder há três mandatos não foi capaz de pôr em prática uma estratégia de governo que trouxesse as “novidades” que Iolanda esperava. A grande falha do partido para a entrevistada reside na questão da corrupção. É a única que menciona esta questão em sua fala e a coloca como mote central do fracasso do PT como partido governante. Para Iolanda os escândalos que denunciaram a presença de corrupção no governo petista colocaram o partido no mesmo patamar dos outros partidos, a partir daí “não há mais diferenças entre o PT e os outros partidos”.

A causa do problema generalizado da corrupção nos partidos tem sua origem identificada nas pessoas que os compõem. Iolanda afirma que são as pessoas que formam os partidos, e as pessoas são corruptas ou já estão habituadas a aceitar que um político sempre vai ser corrupto. A naturalização da corrupção e a aceitação de que políticos corruptos continuem exercendo funções públicas seriam responsáveis pela generalização do problema em todas as instituições partidárias:

Eu lembro um dizer que uma pessoa falou na época que eu fui candidata, que as pessoas me conheciam como uma pessoa correta, uma pessoa que sempre fez as coisas, que sempre exigiu, e daí teve uma pessoa, inclusive era uma professora, que disse que eu não poderia ser candidata por que, tipo assim, eu era muito certa, muito correta. Então às vezes as pessoas têm uma visão de que pra ser político você não precisa ser correto, você tem que ser corrupto, então a corrupção tá no povo, então às vezes... Eu não sei se algum político era correto e entrou na política e se tornou corrupto, mas acho que a corrupção tá na... Não tá nos políticos, ela tá na população mesmo, daí se algum político for corrupto ele vai continuar sendo corrupto. Então às vezes distorcem a questão da política, não querem entrar por que acham que política é coisa suja, mas assim... E com isso a gente vai deixando que os corruptos tomem conta.¹⁷²

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² ALVES, Iolanda. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 20 de fevereiro de 2013.

Retomando a citação anterior, Iolanda menciona, no fim do excerto, que o país melhorou muito em alguns aspectos, se referindo a políticas sociais e medidas econômicas, mas estas melhorias não são suficientes para justificar a manutenção da crença de que o PT pode ser visto como um partido diferente dos demais. Ao escancarar a prática de velhos hábitos da política brasileira, como a corrupção, a aura de inovação em relação aos outros partidos se desfaz. Iolanda apresenta a visão mais negativa sobre os desdobramentos da inserção do PT no espaço de poder do governo federal, diferentemente dos outros militantes, para Iolanda as melhoras impressas pelo governo petista não superam a quebra de confiança causada pelas decepções.¹⁷³

Essa diferença de postura pode ser compreendida ao pensar, novamente, na inserção diferenciada que Iolanda teve no partido. Diferentemente dos outros entrevistados, que tem o foco de sua ação política no Partido dos Trabalhadores, Iolanda tem seu foco na ação sindical. O PT se inseriu em sua trajetória como uma possibilidade a mais de atuação, pode-se dizer como um instrumento de ação política, e não como seu foco principal. Portanto pode ser mais fácil para ela romper com o partido e com as expectativas que depositou nele, afinal sua âncora está firmada em outro lugar.

Ao retomar o conjunto das outras narrativas exploradas neste capítulo é possível perceber que para Edi, Beatriz, Alair e Jerry, o Partido dos Trabalhadores é o foco principal de suas atuações políticas. Todos optaram pelo partido como espaço primordial de organização e ação em busca de seus objetivos de transformação para a sociedade. Dedicaram suas vidas a construção do partido e de seu projeto, acreditando não apenas que pertenciam a eles, mas também que eles lhes pertenciam.

A expectativa destes militantes com a eleição de Lula e a ascensão do PT ao governo federal, era de que todos os projetos e sonhos que depositaram dentro do partido seriam contemplados pelas ações do governo. Um governo que finalmente lhes representaria na mais completa amplitude de suas aspirações. Portanto é compreensível que construam em suas vidas e em suas narrativas fórmulas de compreensão que sejam

¹⁷³ É importante mencionar que embora Iolanda tenha saído do Partido dos Trabalhadores, sua saída se deu em função de desentendimentos ocorridos no âmbito municipal do partido.

capazes de explicar para si e para os outros por que todas suas expectativas não foram correspondidas.

Outro elemento a se considerar é que se o PT mudou, transformou muitas de suas propostas, renegou compromissos antigos e assumiu novos, seus militantes, que no fim das contas são quem formam o partido, também podem ter mudado seus projetos e aspirações acompanhando as transformações de seu partido. Por concordarem com os argumentos colocados por ele e terem passado pelos mesmos processos históricos, ou por uma necessidade de continuarem se sentido parte dele, como fizeram nos últimos vinte anos de suas vidas.

Considerações Finais

Considerando que este trabalho se propôs pensar o Partido dos Trabalhadores em um contexto histórico alternativo ao seu berço clássico, priorizando o olhar sobre as pessoas que compõem este partido e não a instituição, cabe agora a retomada de alguns pontos para amarrar estas questões.

Ao colocar sob a lente de análise a trajetória de cada um dos entrevistados se tornou possível a percepção de como um partido, que teve seu projeto gestado em uma realidade muito diferente, pode se enraizar ali. Pode-se sugerir que o que tornou esse processo possível foi uma releitura feita a partir das necessidades e experiências do lugar e das pessoas envolvidas. E o que chama atenção é a pluralidade dessas experiências e a capacidade de levarem a um único lugar, mas que é percebido de diferentes formas.

Múltiplas trajetórias que foram construídas em diferentes espaços de atuação social e política se cruzaram e estabeleceram diálogos em nome de uma ideia muito semelhante, embora podendo ser expressada de diferentes maneiras. A busca por um partido que não tivesse atrelado a nenhuma das forças políticas já estabelecidas em Santa Helena, o anseio por um espaço de atuação em busca de melhorias na vida das pessoas, que para alguns significa poder sobreviver do fruto de sua terra, para outro significa a conquista de melhores condições de trabalho e salarial para sua categoria, seja ela operária ou de funcionários públicos, ou pode ser ainda a luta pela ampliação dos horizontes culturais e educacionais de todos.

Alguns vieram das pastorais, outros dos sindicatos, outros dos movimentos de juventude. As origens são diversas, mas a chegada guarda muitas proximidades entre todos. Anseiam por modificações na sociedade em que vivem e apostaram no Partido dos Trabalhadores para consegui-lo. Foi assim que depositaram uma parte ou a totalidade de suas vidas na militância petista.

Ao passo que buscava desconstruir um mito público sobre a história do Partido dos Trabalhadores, a descoberta de tal pluralidade acabou destruindo também um mito pessoal. No início deste trabalho acreditava que encontraria algum acontecimento grandioso que tinha colocado todas aquelas pessoas no mesmo barco, ao fim descobri

várias trajetórias de vida, não menos grandiosas, que conduziram cada um a sua maneira para o Partido dos Trabalhadores.

Outro aprendizado desta pesquisa dialoga muito com o tema do terceiro capítulo. No início da pesquisa a variedade de bibliografia que discorria sobre as mudanças e transformações do PT me incomodavam imensamente. Via nelas, apesar do fato constatado, um desrespeito àqueles que haviam dedicado suas vidas a militância no partido e acreditavam nisso. Parecia-me que não era aceitável a desconstrução dos sonhos de quem se lançara nessa ceara, como se estivessem sendo alvos de uma constatação que fora feita à revelia. Depois de ouvir os sonhadores em pessoa, percebi que era inocência minha achar que eles não sabiam o que estava acontecendo. Que eles continuavam acreditando no mesmo PT de 1980. Descobri que eles acreditam, ou desacreditam, no PT de 2014 cada um a seu modo e por suas razões, ou então encontraram formas de lidar com sua descrença. Mas nenhum deles pode ser considerado incauto.

Assim, na mesma medida que este trabalho tenta contribuir com a História, ele também contribuiu com esta historiadora. Ensinou que as respostas, ou as perguntas que nunca param de surgir, só podem ser encontradas nos caminhos da pesquisa.

Fontes:

ACULT. *Minuta de alteração estatutária*. Santa Helena, 2001.

ACULT. *Projeto Comunidade Escola-Universidade*. Santa Helena, 1996.

ALVES, Iolanda A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 20 de fevereiro de 2013.

DAL POZZO, Aldo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Ramilândia, 06 de fevereiro de 2013.

DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PT DE SANTA HELENA. *Ata 01/1988*. Santa Helena, 1988.

DOTTO, Jerry A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

EXECUTIVA DO PT DO PARANÁ. *Ofício 408/2004*. Curitiba, 2004.

FINGER, R. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 21 de fevereiro de 2012.

GIROTTI, Nelson A. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 19 de fevereiro de 2013.

HELFENSTELER, Rosméri B. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 23 de fevereiro de 2013.

HISTER, Edi T. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 07 de fevereiro de 2013.

PALUDO, Alair I. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, janeiro de 2012.

_____ *Democratização da comunicação: estudo de caso da rádio comunitária liberdade FM de Santa Helena/PR*. Trabalho apresentado ao curso de Especialização em História e Região da UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2004.

PARTIDO DOS TRABALHADORES DE SANTA HELENA. *Carta aberta a população de Santa Helena*. Santa Helena, 1996.

PARTIDO DOS TRABALHADORES, COMISSÃO COORDENADORA PROVISÓRIA. *Declaração Política*. São Bernardo do Campo: 1979. Disponível em http://www.pt.org.br/downloads/categoria/documentos_historicos/P30. Acessado em novembro de 2013.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. *Carta de Princípios*. 1979. Disponível em http://www.pt.org.br/downloads/categoria/documentos_historicos/P30. Acessado em novembro de 2013.

Santa Helena prepara rede comunitária de computadores. *Jornal Costa Oeste*. Santa Helena, outubro 1996.

SHNEIDER, Paulo. Entrevista concedida a SCHMIDT, Diná. Santa Helena, 24 de fevereiro de 2013.

SILVA, Luis I. da. *Carta ao Povo Brasileiro*. São Paulo: 2002.

Bibliografia:

ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (Org.) *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

BORGES, Arleth S. *A construção do Partido dos Trabalhadores no Maranhão*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH da Unicamp. Campinas: 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: memória de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital*. Crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT 1979-1998. Tese de doutorado em História, Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

COLODEL, Luis A. *Obrages e Companhias Colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Cascavel: Editora Educativa, 1988.

FOCHEZATTO, Anadir. *Estudo e contextualização da vida campesina pré-Itaipu nas experiências cotidianas coletivas de luta e resistência dos expropriados*. Monografia apresentada ao curso de especialização em História Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2005.

_____. *Um estudo das experiências coletivas de resistência dos expropriados de Itaipu*. Monografia apresentada ao curso de graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2003.

FRANÇA, Teones. *Novo sindicalismo no Brasil Histórico de uma desconstrução*. São Paulo: Cortez, 2013, p.99.

GARCIA, Cyro. *Partido dos Trabalhadores: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado em História, Programa de Pós Graduação em História UFF, Niterói.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: *Identidade e Diferença*. Org. SILVA, Tomaz. T. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KECK, Margareth. *PT – A lógica da diferença*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L.

LANGARO, Jiani F. *Para além de pioneiros e forasteiros* Outras histórias do oeste do Paraná. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MACHADO, Adriano H. *Os católicos oPTaram?: os “setores católicos” e o Partido dos Trabalhadores (PT) na grande São Paulo (1978-1982)*. Tese de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, PUC, 2010.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEGUELLO, R. *PT A formação de um partido 1979-1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

OLIVEIRA, Isabel R. *Trabalho e Política* As origens do Partido dos Trabalhadores. Petrópolis: Vozes, 1987. P.118.

PALUDO, A. *A reorganização política em Santa Helena no contexto da redemocratização nacional*. 2002. TCC apresentado para obtenção de graduação em História. UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997.

_____. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.59-72, 1996.

_____. Forma e significado da história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997.

_____ O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RADAELLI, Sonia. “*Coisa de alguém, não comum*”: conflitos pela posse da terra em Santa Helena (1960-1980). Monografia apresentada ao curso de graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2004.

RENK, Arlene. *Sociodicéia às avessas*. Chapecó: Grifos, 2000.

SANTOS, Igor. *Na contramão do sentido: origens e trajetórias do Partido dos Trabalhadores de Feira de Santana –Bahia. (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em História, UFF, Niterói, 2007.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em comum* Estudos sobre a cultural popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Tradução: Waltensir Dutra, 2009. Pg.57

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e Diferença*. Org. SILVA, Tomaz. T. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.